

RELATÓRIO DE PROJETO

Cinquenta e Três Anos:

o álbum *ilustrado* enquanto
celebração da memória LGBTQ+
em Portugal

MDI-2020/2021

JOÃO REBELO



**CINQUENTA E TRÊS ANOS:
O ÁLBUM ILUSTRADO ENQUANTO CELEBRAÇÃO
DA MEMÓRIA LGBTQ+ EM PORTUGAL**

João Pedro Cardoso Rebelo

Relatório de projeto para a obtenção do grau de mestre em Design da Imagem,
na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Orientado por Júlio Fernando Dobeth e Costa Henriques da Silva

2022



AGRADECIMENTOS

Este projeto não teria sido possível sem o apoio sem o apoio e disponibilidade de amigos, família e das pessoas que acreditaram nos meus objetivos e aceitaram partilhar as suas histórias de vida comigo. Como tal, gostaria primeiramente de agradecer ao António Serzedelo e à Fabíola Cardoso por terem aceite o meu convite de forma tão entusiasta e por acreditarem que o meu projeto pode contribuir para uma melhor representação das suas vivências *queer*. Agradeço ao professor Júlio Dolbeth por ter aceite o convite de ser meu orientador e por ter acreditado neste projeto.

Gostaria também de agradecer à minha amiga e companheira de mestrado, Inês Costa, por todo o apoio que disponibilizou deste o início do projeto, sem ela este projeto não teria sido possível. Agradeço também ao Rui Resende por ser o meu eterno confidente e revisor, à minha avó Jo por toda a compreensão e afeto, à Margo, ao Hugo, ao Ruben e a todos os amigos que me apoiaram durante o mestrado, à Livraria Aberta, a todas as pessoas que inspiraram esta narrativa, a maior parte sem saber, e sem as quais *Cinquenta e Três Anos* não seria possível e à comunidade *queer*, que sempre me acolheu e ao meu trabalho e a quem dedico este álbum ilustrado.

RESUMO/ABSTRACT

Ao longo do meu processo de construção identitária, enquanto um cidadão português, gay e *queer*, tenho vindo a identificar uma falta de representação e visibilidade de narrativas não heterossexuais e não binárias. De forma informal, reparei que este sentimento é partilhado por outras pessoas de diferentes construções identitárias: uma certa desconexão com a cultura e história LGBTQ+ em Portugal.

Como resposta a esta carência e em reflexão sobre as minhas capacidades enquanto um ilustrador, artista e designer, defendo que a representação e a visibilidade de narrativas LGBTQ+ poderão ser reforçadas, especialmente no contexto português. Como proposta, este projeto procura no álbum ilustrado um espaço de celebração da memória da comunidade, com um especial enfoque no cruzamento narrativo entre duas realidades muito diferentes: as vivências de António Serzedelo, um homem gay que viveu o fim do Estado Novo, que acompanhou o 25 de Abril e participou de forma ativa no primeiro movimento pelos direitos LGBTQ+ em Portugal, e na minha busca pessoal por uma identidade queer portuguesa, enquanto um homem gay nascido nos anos 1990, distante da forma como o Estado Novo perseguiu as identidades não heterossexuais e não binárias, mas condicionado socialmente pela influência que essas décadas ainda mantêm na sociedade portuguesa.

Palavras Chave:

LGBTQ+; Memória; Ilustração;

RESUMO/ABSTRACT

Throughout the process of constructing my own identity as a Portuguese gay and queer individual, I have been noticing a lack of representation and visibility in non-heterosexual and non-binary narratives. In informal contexts, I have observed that this feeling is shared amongst other people with different identities: a certain sense of disconnection with the history and LGBTQ+ culture in Portugal.

Reacting to this scarcity and reflecting on my own capacities as an illustrator, artist and designer, I claim that representation and visibility of LGBTQ+ narratives can be pushed further, specially within Portugal's own context. As a possible solution, this project reflects upon the illustrated book format as a means of celebrating the memory of community, and highlighting the touching and diverging points between two very different realities: the life of Antonio Serzedelo, a gay man who lived through the end of Estado Novo and the 25th of April and played an active role within the first LGBTQ+ civil rights movement in Portugal, and my own personal search for a queer Portuguese identity, as a gay man born in the 1990s - temporarily distant from the ways in which the State had prosecuted non-heterosexual and non-binary identities, but nevertheless socially conditioned by the influence that these decades still hold in Portuguese society.

Keywords:

LGBTQ+; Memory; Illustration;





ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO/ABSTRACT	7
GLOSSÁRIO DE CONTEÚDOS	13
INTRODUÇÃO	17
1. ESTADO DA ARTE	21
1.1. HOMOSSEXUALIDADE E O ESTADO NOVO	23
1.2. COMUNIDADE E IDENTIDADE	26
1.3. O ÁLBUM ILUSTRADO LGBTQ+	31
2. CINQUENTA E TRÊS ANOS	37
2.1. OBJETIVOS E METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	38
2.2. PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA	40
2.3. ILUSTRAÇÃO, EDIÇÃO E MAQUETIZAÇÃO	52
3. CONCLUSÃO	69
BIBLIOGRAFIA	73
ANEXO I	75
- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISA A ANTÓNIO SERZEDELO	
ANEXO II	86
- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISA A FABÍOLA CARDOSO	
ANEXO III	97
- ORIGINAIS	
ANEXO IV	126
- OUTROS ESBOÇOS	

GLOSSÁRIO DE CONTEÚDOS

Agênero - termo utilizado para descrever uma pessoa que não se identifica com um gênero em específico.

Arromântica - termo utilizado para descrever uma pessoa que sente pouca ou nenhuma atração romântica. Esta palavra é uma tradução livre da palavra aromantic que embora esteja considerada pelo dicionário de português do Brasil, ainda não se encontra incluída nos dicionários de português de Portugal.

Assexualidade - termo referente a pessoas cuja orientação sexual é caracterizada pela ausência de interesse sexual.

Bissexual - termo utilizado para descrever um indivíduo que sente uma atração romântica e/ou sexual tanto por pessoas que se identificam enquanto homens como por pessoas que se identificam enquanto mulheres.

Cisgênero - (Cis) é o termo utilizado para se referir a um indivíduo que se identifica em todos os aspetos com o gênero atribuído à nascença.

Cruising - este termo é utilizado para descrever um encontro sexual, consensual e anónimo, ou engate, geralmente entre homens que praticam sexo com homens, habitualmente em espaços públicos como praias, parques, garagens e urinois; espaços cuja utilização está ligada ao desejo dissidente no espaço público e ao histórico de proibição e perseguição a ele associado.

Gay - termo utilizado para descrever um indivíduo que se identifica enquanto homem e que sente atração romântica e/ou sexual por outras pessoas que se identificam enquanto homens.

Intersexual - termo utilizado para descrever uma pessoa intersexo, alguém que nasce com características sexuais que não se enquadram nas noções binárias do “corpo masculino” e do “corpo feminino”.

Lésbica - termo utilizado para descrever um indivíduo que se identifica enquanto mulher e que sente atração romântica e/ou sexual por outras pessoas que se identificam enquanto mulheres.

Não-binária - termo utilizado para descrever uma pessoa cuja expressão de gênero não se limita aos padrões binários que separam o masculino do feminino.

Pansexualidade - termo utilizado para descrever um indivíduo que sente atração sexual e/ou romântica por todas as concepções de gênero.

Poliamor - este termo utiliza-se para descrever um relacionamento de cariz romântico e sexual que se estabelece simultaneamente entre vários parceiros, com conhecimento e consentimento de todos os envolvidos.

Queer - este termo é utilizado, de forma reivindicativa, para referir uma identidade de gênero ou orientação sexual que não é tradicionalmente normativa e que, por vezes, pode ser utilizada enquanto um termo geral para descrever um indivíduo que se identifica enquanto parte da comunidade LGBTQIAPN+.

Trans - é um termo utilizado para descrever uma pessoa cujo o gênero autoidentificado não corresponde ao gênero atribuído à nascença, segundo a concepção normativa que associa o gênero ao sexo físico biológico. Este termo também é utilizado enquanto um termo geral para descrever pessoas que não se identificam com a divisão binária do gênero, em gênero masculino e gênero feminino, como é o caso de indivíduos que se identificam enquanto pessoas não-binárias.





INTRODUÇÃO

Em 2015 entrei na faculdade e comecei a questionar mais seriamente a minha identidade. Desde muito cedo reparei em algumas diferenças entre mim e os meus amigos, mas sempre encarei as mesmas com naturalidade. A internet revelou-se um aliado às minhas questões no que toca à sexualidade e identidade não heterossexual e facilmente encontrei referências internacionais com as quais me identificava. Aprendi um novo vocabulário, contactei com pessoas com quem podia falar sobre aquilo que não conseguia ver em mais ninguém e encontrei paz em saber que existiam imensas pessoas como eu. Porém, durante muito tempo, nenhuma dessas referências eram portuguesas. Era-me impossível encontrar a cultura queer local com as ferramentas de que dispunha. Quanto mais contactava com a cultura *queer* internacional mais sentia que a minha identidade se fragmentava entre ser português e ser gay. Só em 2019 é que encontrei a minha primeira referência *queer* no panorama português: António Botto. Ao ler *O mundo gay de António Botto*, de Anna M. Klobucka, compreendi a forma como o Estado Novo me privara da minha identidade gay portuguesa.

Tratando-se de um período tão repressivo da sociedade portuguesa, as consequências do impacto social, cultural e legal da ditadura perduram até à atualidade. Durante 41 anos a vida pública e privada de todas as pessoas foi altamente vigiada e condicionada pelo estado. Foi imposta uma narrativa sobre todas as esferas do indivíduo e tudo o que não correspondia a essa narrativa foi apagado, censurado e criminalizado.

A construção da identidade LGBTQ+ em Portugal encontra-se altamente marcada pelo apagamento e perseguição que o Estado Novo exerceu sobre homens e mulheres homossexuais e todas as pessoas que não se identificam enquanto cisgénero. Para o regime fascista “a homossexualidade “assumida” é profundamente subversiva porque põe em causa a família baseada no modelo homem-mulher-crianças, cada qual com uma função e uma posição hierárquica pré-definida, pela lei divina e humana” (Almeida, 2010, p. 8). É altamente subversiva porque “celebra o amor sem a “justificação” da procriação” e “porque dá primazia à paixão e aos sentimentos intensos de uma forma mais evidente que o amor heterossexual-conjugal”(Almeida, 2010, p. 8), fazendo cair um dos pilares do Estado Novo, a instituição que família tradicional heterossexual representa. Por esse motivo, a censura e a perseguição do regime ditatorial representou um apagamento brutal de narrativas e referências da cultura portuguesa, em especial de artistas, autores e figuras LGBTQ+, e de qualquer comportamento, modelo ou personalidade que fosse encarada pelo regime enquanto “desviante”. A descriminalização

das relações sexuais entre pessoas do mesmo género demorou 8 anos após o 25 de Abril para se efetivar. A opressão ditatorial estabeleceu um robusto “armário português” que impediu o movimento LGBTQ+ em Portugal de ganhar expressão até ao fim dos anos 80.

É a pensar neste condicionamento histórico que autores tão diferentes quanto António Botto, Judith Teixeira, São José Almeida, Raquel Afonso, Eduardo Pitta e Joana Estrela se tornam tão relevantes. As suas propostas nutrem a identidade LGBTQ+ portuguesa através do registo e preservação da memória pessoal ou coletiva com formatos e objetivos diversos e é sobre essa premissa que este projeto foi desenvolvido. Uma representação diversa é essencial para o desenvolvimento social e pessoal e foi a pensar nesta problemática que desenvolvi este projeto de mestrado. Registrar e ilustrar as vozes censuradas e reprimidas pelo regime ditatorial fascista é dignificar a vida dessas pessoas, validar as suas experiências e permitir que as mesmas sejam passadas entre gerações.

Inicialmente, o pretendido era que este projeto conseguisse preservar e celebrar a memória LGBTQ+ portuguesa, de uma forma pessoal e emocional, e que potenciase assim a conexão entre diferentes gerações de indivíduos que pertencem e/ou apoiam a comunidade, dispondo do álbum ilustrado enquanto formato de eleição para a transmissão de conhecimentos intergeracionais. Porém, para o desenvolvimento deste objeto, o foco narrativo foi reduzido do álbum ilustrado para o conteúdo recolhido numa entrevista realizada a António Serzedelo e as relações poéticas que encontrei entre a minha história de vida e a dele. Por esse motivo, quando são descritas as repercussões do Estado Novo na comunidade LGBTQ+ portuguesa, foco-me por vezes em dados que melhor explicitam as repercussões da ditadura em homens e mulheres homossexuais, embora reconheça que as mesmas afetam todo o espectro da comunidade LGBTQ+.

Para este relatório foi tomada a opção de utilizar a sigla LGBTQ+ para referir a todas as variações identitárias referentes ao género e/ou ao sexo não heteronormativos e/ou não cisgéneros, e não a sigla LGBTQIAPN+ (lésbicas, gays, bissexuais, trans, *queer*, intersexuais, assexuais, arromânticas, agênero, pansexuais, poliamorosas, não-binárias e outras variantes), que se trata da versão atual mais completa da sigla. Ao longo do relatório é também utilizada a palavra *queer* enquanto um termo que pode designar, de forma geral, estas variações identitárias mas também a ideia política de resistência que as mesmas representam. Para uma melhor compreensão da terminologia utilizada ao longo do relatório, foi criado um glossário de conteúdos disponível para consulta.

No capítulo 1. Estado da Arte deu-se início à apresentação do contexto histórico das pessoas LGBTQ+ no Estado Novo para uma melhor compreensão da realidade dos entrevistados e das histórias selecionadas para este objeto. Para tal serviu-se da exposição do caso dos “poetas de Sodoma” (Almeida, 2010, p. 85), um trio de poetas censurados pelo conteúdo homoerótico e lesboerótico da sua produção literária e que constituem um dos primeiros casos de censura literária em Portugal. Em 1.1. Homossexualidade e o Estado Novo é apresentado um breve resumo do enquadramento legal, médico, social da vida de homens e mulheres homossexuais no Estado Novo. Posteriormente, foi possível reforçar as ideias recolhidas, através da bibliografia selecionada, com a realização

de uma entrevista a António Serzedelo, uma pessoa que se identifica enquanto homem gay que viveu o fim do Estado Novo, que acompanhou o 25 de Abril e participou de forma ativa no primeiro movimento pelos direitos LGBTQ+ em Portugal e a Fabíola Cardoso, uma pessoa que se identifica enquanto uma mulher lésbica, nascida em 1973, fundadora do *Clube Safo* participante ativa na luta pelos direitos LGBTQ+ em Portugal, pelo que ao longo dos capítulos, quando possível e relevante, são apresentados excertos das mesmas. Já em 1.2. Comunidade, Identidade e Memória são analisadas as repercussões sociais do Estado Novo para a comunidade LGBTQ+ em Portugal após o 25 de Abril. Neste capítulo é explicitada também a importância da preservação e celebração da memória individual para a construção da memória coletiva e da unificação da comunidade. Por último, no capítulo 1.3 O Álbum Ilustrado LGBTQ+ são apresentados e analisados casos de estudo, apresentados como projetos de referência, e autores que têm vindo a trabalhar a temática LGBTQ+ em Portugal, e não só, e que serviram de inspiração e motivação para o desenvolvimento deste projeto. De seguida, o capítulo 2. Cinquenta e Três Anos é dedicado à documentação do processo de criação do objeto. Em 2.1. Objetivos e Metodologia de Investigação são clarificadas as intenções para o desenvolvimento do projeto e a metodologia de investigação utilizada. Já em 2.2. Processo de Investigação e a Construção da Narrativa é realizada uma análise do desenvolvimento do projeto, assim como da realização das entrevistas e a construção da narrativa do álbum ilustrado. Em 2.3. Ilustração, Edição e Maquetização é analisado o processo de desenvolvimento das ilustrações e as opções editoriais e formais que foram tomadas para a maquetização do objeto. Por fim, em 3. Conclusão são apresentadas as reflexões finais sobre o projeto, as suas limitações, os resultados obtidos e as perspetivas para o futuro do mesmo.

1. ESTADO DA ARTE

Tal como Raquel Afonso faz questão de apontar em *Homossexualidade e Resistência no Estado Novo* (2019), “é importante dar conta de que a homossexualidade não começa a ser punida em Portugal durante o período do Estado Novo, mas muito antes” (Afonso, 2019, p. 88). Porém, aquilo que conceptualmente significa ser homossexual, especialmente no que toca ao preconceito social, foi instalado em Portugal no início do século XX “com a formação da mentalidade social em que fermentaram os valores que preparam o Estado Novo” e apenas “começou a ser desconstruído em termos mentais, sociais e legais nos anos oitenta do mesmo século, já depois da revolução que pôs fim à ditadura, ainda que, em parte, sobreviva até hoje” (Almeida, 2010, p. 27). As estruturas que impõem e regulam os chamados “bons costumes” mudaram com o Estado Novo, se antes a homossexualidade era punida ou mal vista por ser encarada enquanto sodomia, com a ditadura “o pecado é transformado em doença e em perversão” (Almeida, 2010, p. 28). Esta visão da homossexualidade “é enquadrada na lei e logo assumida pelo braço armado do poder heterossexual e patriarcal, que leva a cabo a repressão policial dos homossexuais” (Almeida, 2010, p. 28). Em entrevista, António Serzedelo descreve um cenário de “repressão total” no qual:

“Os heterossexuais eram obrigados a casar pela Igreja (...) o machismo era total, quer em famílias pobres quer em famílias ricas, embora talvez nas famílias ricas houvesse outra base de funcionamento. Houve mulheres que foram internadas em hospitais psiquiátricos por quererem divorciar-se dos maridos (...) Outras ficaram sem nada, foram deserdadas, tiraram-lhes os filhos, enfim fizeram às mulheres todo o tipo de tropelias. Os homossexuais eram totalmente perseguidos, eram encarados como foras da lei (...). Perseguidos, rejeitados socialmente, viviam uma vida de medo muito triste (Serzedelo 2021).”

Em 1923 ocorreu um dos primeiros casos de censura literária que viria a ser conhecido como o caso da “corrupção literária” ou o caso dos “poetas de Sodoma” (Almeida, 2010, p. 85). A publicação de *Canções*, de António Botto, em 1921 despertara uma série de “discursos repressores e ações punitivas que viriam a ser protagonizados em 1923 pelos intervenientes, nomeadamente o jornalista Álvaro Maia, a Liga de Ação dos Estudantes de Lisboa, dirigida por Pedro Theotónio Pereira, e o governador civil da capital, major Viriato Lobo” (Anna M. Klobucka, 2018, p. 89), motivados pelo clima de conservadorismo e pela homofobia que potenciaría as bases do Estado Novo. Em especial o movimento liderado por Pedro Theotónio Pereira “composto por alunos

universitários de Lisboa, (...), prometia «meter na ordem», indiscriminadamente, os travestis da Graça e esses equívocos senhores que andam por aí, nas ruas e nos cafés, ...com maneiras femininas e elegâncias ridiculamente exageradas”, juntamente com os “artistas decadentes, os poetas de Sodoma, os editores, os autores e os vendedores de livros imorais” (Anna M. Klobucka, 2018, p. 113). A ação deste movimento “obteve o apoio do Governo Civil de Lisboa (...) que já na altura de tomar posse (...) prometera proceder ao saneamento moral da cidade” (Anna M. Klobucka, 2018, p. 114), levando não só à apreensão de Canções, mas também de Sodoma Divinizada, de Raul Leal, e Decadência, de Judith Teixeira.

Em Homossexuais no Estado Novo (2010), São José Almeida argumenta que “as consequências deste caso perduram para alguns até hoje” e que este fora “o início de um caminho que torna ainda agora impossível a existência de uma cultura gay” (Almeida, 2010, p. 99), algo também defendido por Eduardo Pitta em Fractura. A condição homossexual na literatura portuguesa contemporânea (2003).

1.1. Homossexualidade e o Estado Novo

A identidade homossexual portuguesa contemporânea foi extremamente marcada pela repressão do Estado Novo pois “ser homossexual em Portugal era ser alvo de vigilância e punição” (Afonso, 2019, p. 123). A ditadura instalou em Portugal um conjunto normas que, apoiadas por instituições religiosas, médicas, judiciárias e pedagógicas, influenciaram a forma como os indivíduos encaram o socialmente aceite e o reprovável, os seus deveres e o prazer. Estas eram também determinadas pela classe social e a identidade de género e revelavam diferenças muito acentuadas entre a expectativa do Estado Novo perante diferentes construções identitárias. Serzedelo recorda que, perante uma detenção por parte das forças policiais, a condição social era determinante para a punição que seria aplicada por estas:

Dependia da condição social, se tivesses dinheiro davas uma gorjeta e escapavas, se não tivesses levavas uma carecada e levavas um processo. Na altura ninguém andava careca, se andasses queria dizer que tinhas feito algo e sido preso, era uma condição social. O processo era aberto e serias batido ou não consoante as gorjetas que desses. De três em três meses tinhas de dar alguma coisa para eles ignorarem o teu processo mais um bocado até passar o prazo. Só pessoas com algum dinheiro é que podiam fazer isto e não era pago oficialmente claro, era tudo por debaixo da mesa (Serzedelo 2021).

A primeira lei com o objetivo de criminalizar “a prática de actos contra a natureza em Portugal é de 1912, subindo esta norma ao Código Penal em 1954, onde permanecerá até 1982” (Almeida, 2010, p. 24). Com ela “a punição da homossexualidade estava enquadrada na lei, se bem que o seu julgamento e condenação estivessem nas mãos de órgãos policiais e não judiciais” (Almeida, 2010, p. 70). A perseguição de homens e mulheres homossexuais passava então muito mais pelas mãos da “polícia de costumes”, uma força policial que vigiava regularmente os poucos lugares em que as sexualidades não normativas podiam existir, ainda que de forma marginal, tais como urinóis, parques e certos locais de cruising. Este tipo de força policial foi descrita por António Serzedelo enquanto uma polícia “*provocatória*” que simulava o engate com o pretexto de enganar homens que estivessem nestes locais para de seguida os prender, chantagear e, muitas vezes, espancar:

Havia também a polícia, uma polícia de costumes, provocatória, que atacava sobretudo em urinóis públicos. Um tipo punha-se a mijar, a urinar, e vinha um e metia-se ao lado e fazia sinais. Se a outra pessoa respondesse, o polícia mostrava o cartão de polícia dos costumes e ia dentro (Serzedelo 2021).

As instituições médicas da época passam a encerrar a homossexualidade enquanto uma doença passível de ser tratada. Apenas em 1973 é que a homossexualidade sai da lista de doenças psiquiátricas da Associação Americana de Psiquiatria, “sendo retirada da lista internacional de doenças da Organização Mundial de Saúde apenas em 1993” (Almeida, 2010, p. 47). Era comum a ideia de que a homossexualidade pode-

ria ser “curada” através de “terapia” e por este motivo muitas pessoas foram presas em instituições de psiquiatria, algumas durante toda a vida. Muitos homens e mulheres homossexuais foram submetidos a vários tipos de “terapia” de forma forçada mas outros também se submeteram a estes “tratamentos” de forma voluntária, na esperança de assim “curar” a sua sexualidade, tal como fora o caso de António Serzedelo que recorda:

Eu até cheguei a querer casar com uma moça (...) contei-lhe sobre a minha sexualidade. Ela disse-me: «Ah! Não te preocupes que isso no hospital resolve-se», ela estava a falar do Júlio de Matos. «Há um médico que te faz um tratamento e isso passa» disse-me, é aquilo que hoje se fala e se chama de terapias de [conversão] (...) fui ao hospital e falei com um médico e submeti-me a esse tratamento (...) O tratamento era à base de choques elétricos, passavam imagens de casais e quando eram casais homossexuais os choques eram dolorosos e desagradáveis (Serzedelo 2021).

Ora “se o modelo fascista reprime a sociedade no geral, para com os homossexuais e lésbicas ganha contornos avassaladores” (Afonso, 2019, p. 225) pois ser homossexual no Estado Novo “era resignar-se ao silêncio” e “reprimir uma parte importante de si mesmo” (Afonso, 2019, p. 124). As instituições de poder popularizaram uma imagem da homossexualidade enquanto uma perversidade passível de ser punida e tratada e “no geral, a sociedade encarava igualmente com maus olhos a homossexualidade e reprimia-a, seguindo os cânones aplicados pelo Estado” (Afonso, 2019, p. 66). Esta repressão levou a que os indivíduos homossexuais acabassem por “autorreprimir a sua identidade homossexual, de forma parcial ou total” (Afonso, 2019, p. 139), o que não impediu que a sua sexualidade e afetividade amorosa não se desenvolvesse mas impossibilitou a mesma de ser “uma identidade e muito menos como uma cultura de grupo” (Almeida, 2010, p. 27). Em entrevista, ao refletir sobre as suas conexões, Serzedelo confirma o peso que a repressão social e auto repressão tiveram na forma como encarou a sua conexão com um namorado em particular:

Durou muito tempo aquele romance a que não chamávamos romance mas que hoje olho e vejo que era um romance, hoje à distância é que vejo que era um romance (Serzedelo 2021).

A homossexualidade fora enquadrada na lei com intenções específicas de identificar quem é quem na sociedade portuguesa, sendo que a mesma representava um perigo para o Estado Novo “pois subvertia igualmente os valores de honra masculinos, confundia as identidades de género, perturbava os códigos que geriam as relações entre os dois sexos, recusava a instituição familiar - pilar do Estado Novo” (Almeida, 2010, p. 69). Para as mulheres lésbicas, a toda a hostilidade social a que a homossexualidade estava sujeita durante o Estado Novo junta-se o machismo estrutural e patriarcal, a invisibilidade da sexualidade feminina. Apesar de apenas ter vivido três anos durante a ditadura fascista, quando questionada sobre a sua identidade de género e sexualidade, Fabíola refere que a primeira vez que se questionou sobre sua identidade “*não conhecia a palavra*” nem o “*conceito*” que melhor exprimem a sua sexualidade e conecta isso com a herança do regime ditatorial fascista:

Nunca me passou pela cabeça que existisse, que fosse possível (...) Eu não saber o conceito, eu desconhecer o conceito, também era uma demonstração, um sintoma, uma consequência direta do Estado Novo, desta lógica que se sobrepôs às pessoas e que se sobrepôs a influências internacionais da minha mãe que vinha com a largueza de espírito de quem vinha de uma colónia, com tudo o que trouxe de horrível e também com os contactos que trouxe com outras pessoas e uma outra sociedade baseada noutras maneiras de estar (Cardoso 2021).

E acrescenta ainda que quando se apaixonou pela primeira vez questionou o seu género por desconhecer a possibilidade de uma relação entre duas mulheres:

A primeira coisa que eu pensei foi «eu sou um homem, se calhar estou enganada e sou um homem». A consciência de que eu estava interessada amorosamente numa rapariga e o meu vazio cognitivo, intelectual, conceptual sobre o assunto era de tal ordem que eu não conseguia chegar ao conceito de lésbica. Não tinha essa referência, nem positiva nem negativa. Tal coisa nem me passava pela cabeça (Cardoso 2021).

1.2. Comunidade, Identidade e Memória

A mudança, muitas vezes, não é súbita e “grandes eventos como a revolução gay (...) ocorrem de forma gradual, incremental” (Tradução minha, White et al., 2019, p. 10). Se “os anos 1970 tornaram-se no renascimento lésbico e gay com a sua própria literatura, música, política e presença erótica” (tradução minha, Baumann et al., 2019, p. 19) nos Estados Unidos, após a Revolta de Stonewall¹ em 1969, e um pouco por toda a Europa, em Portugal é apenas em 1982 que se dá a revisão do código penal que despenaliza a homossexualidade.

O 25 de Abril quebrou com o regime ditatorial fascista e abriu muitas portas para a sociedade portuguesa, porém, “a modernidade que a Primavera Marcelista traz ao país é limitada e a forma como os meios universitários a mantêm e reproduzem a mentalidade homofóbica, sob formas por vezes, até mais silenciadoras, vai marcar o período revolucionário e a democratização pós-25 de Abril” (Afonso, 2019, p. 205). A partir de 74 surgiram “algumas tentativas de encetar um movimento homossexual e lésbico em Portugal” mas “este não está totalmente amadurecido para conseguir sobreviver” (Afonso, 2019, p. 211), entre as quais a publicação do primeiro *Manifesto pela Liberdade Sexual* pela Frente Homossexual de Acção Revolucionária, na qual o entrevistado, António Serzedelo, participou enquanto membro de um dos primeiros grupos de ação pelos direitos LGBTQ+ em Portugal. São José explicita que o insucesso destas primeiras iniciativas “se deve à manutenção do «legado do abuso simbólico e físico durante a ditadura», que causou um impacto na cultura dominante e que mesmo hoje, retém muitos dos traços homofóbicos que humilharam lésbicas, gays, bissexuais e transgénero” (Afonso, 2019, p. 211) e que será apenas com “a epidemia da sida que emerge o associativismo LGBT em Portugal” (Afonso, 2019, p. 218) pois apenas esta “tornou crível e fez tornar realidade o que antes era, pura e simplesmente, impensável, apesar de toda a estranha evolução da suportabilidade pública das imagens «íntimas»” (Almeida, 2010, p. 11). Quando questionada sobre o apagamento do associativismo LGBTQ+ após o 25 de Abril, Fabíola refere um “silenciamento social e institucional” que conecta com as repercussões do impacto social do Estado Novo:

Estes 50 anos de fascismo deixaram esta sombra de medo. Aquelas declarações do Galvão de Melo não foram inocentes, não é? (Cardoso 2021).

As declarações a que se refere tratam-se de uma reação televisiva do general da força aérea e capitão de abril, Galvão de Melo, ao Manifesto pela Liberdade Sexual, redigido pela Frente Homossexual de Acção Revolucionária e publicado a 13 de Maio

1. A Revolta de Stonewall foi uma série de manifestações e protestos espontâneos, por parte da comunidade LGBTQ+, contra a perseguição e violência policial, ocorridos a 28 de Junho de 1969 em Manhattan, Nova York, nos Estados Unidos da América. Este evento foi crucial para o movimento contemporâneo da liberdade sexual e identidade de género e para a luta pelos direitos LGBTQ+ nos Estados Unidos da América, tendo a celebração anual do evento ressignificado mundialmente Junho enquanto o “mês do orgulho” LGBTQ+.



Figura 1 - Digitalização do Manifesto pela Liberdade para as Minorias Sexuais, publicado a 13/05/74 no Diário de Lisboa

de 1974. Nesse comentário, Galvão de Melo afirmou que a revolução não teria sido feita para que “prostitutas e homossexuais” reivindicassem “fosse o que fosse”, palavras retiradas do comentário, em entrevista, de António Serzedelo sobre o acontecimento.

Mesmo com um novo cenário político, a auto repressão mantém-se. Em a *Epistemologia do Armário*, Eve Kosofsky Sedgwick afirma que “o armário é a estrutura que melhor sintetiza a opressão gay neste século” (Sedgwick, 1990, p. 7). Para pessoas com construções identitárias não heterossexuais e/ou cisgénero, apesar da transição para a democracia, “há uma continuidade das práticas que estas pessoas tinham durante o Estado Novo (...) devido à falta de visibilidade que têm, mas também devido ao *habitus* heteronormativo que se mantém” (Afonso, 2019, p. 214). Ou seja, “os homossexuais e lésbicas continuam a viver a sua sexualidade clandestinamente, apesar do medo em relação à repressão médica e política ser muito menor” pois “o medo que não muda é o medo social” (Afonso, 2019, p. 214). A presença e preservação deliberada do armário continua para muitos “a afirmar-se como um elemento fundamental do seu relacionamento social” e “por mais corajosos e francos que sejam, por mais afortunados quanto ao apoio das suas comunidades, serão poucos os gays em cujas vidas o armário deixa de constituir uma presença central” (Sedgwick, 1990, p. 7).

Em Problemas de Género, editado e traduzido pela Orfeu Negro em 2017, Judith Butler encara o corpo do indivíduo “enquanto intermediário passivo no qual se inscrevem significados culturais” (Butler, 2017, p. 8). A construção da sua identidade assenta num complexo conjunto de interligações entre condicionantes sociais, económicas, culturais, políticas e geográficas. Entre estas condicionantes, “a sexualidade gera relações sociais mais alargadas e é refratada pelo prisma da sociedade” (Afonso, 2019, p. 30), assim como a performance de género. Contrariamente a outros grupos identitários, “os homossexuais não nascem no seu grupo, nascem fora (...) numa família heterossexual” e “não têm modelos positivos coletivos com os quais se identificar” pelo que “a relutância que encontramos nas pessoas em dizer que são homossexuais é a resistência à pressão e ao estigma que vem de fora” (Almeida, 2010, p. 31). Neste sentido, se é possível pensar que, especialmente durante o Estado Novo, “não existe uma identidade” homossexual “no sentido total do termo, também é possível pensar na existência de uma identidade processual, em formação” pois “as identidades homossexuais são também fragmentadas em função de momentos temporais no percurso de vida dos sujeitos” (Afonso, 2019, p. 75).

Por exemplo, em entrevista, António Serzedelo partilhou com o projeto várias histórias pessoais e de outras figuras. Entre elas surgiram: histórias de perseguição por parte da polícia dos costumes, dos “arrebentas”² e dos vizinhos; de pressão social para casar com uma mulher e para se converter num homem heterossexual através de terapia de conversão; de encontros amorosos que teve de forma espontânea em jardins e bares; de conexões que agora encara como amorosas e que perduraram durante vários

anos; de histórias sobre Ary dos Santos e o cruising nos urinois do Campo Pequeno; do ministro gay de Salazar, dos engates em instituições que na época eram predominantemente constituídas por homens, como é o caso do exército e a marinha; de festas de travestismo no Príncipe Real; de como sucedeu o Manifesto pela Liberdade Sexual em 1974; das pessoas que perdeu perante a epidemia da SIDA; de como conheceu António Costa; do casamento que fez para ajudar uma amiga; da organização maçónica em Portugal, entre outras. A colheita destes fragmentos, feita através da preservação da memória individual, nutre a identidade contemporânea e a diversidade social pois “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (Afonso, 2019, p. 37). Embora o seu conceito possa adotar diferentes formas, “a forma como as pessoas constroem o sentido do passado” (Afonso, 2019, p. 36) pode ser feita “com a ajuda de dados emprestados do presente” (Afonso, 2019, p. 37). E se “as memórias sociais são frequentemente o produto de uma construção política deliberada” (Afonso, 2019, p. 40), torna-se essencial o registo e preservação de memórias de resistência e de vivências não normativas ou anti sistema. É através delas que somos capazes de construir uma imagem mais abrangente e rica da vida das pessoas, de preservar narrativas que alimentam a identidade de um indivíduo e de uma comunidade.

2. Os “arrebentas” são descritos por António Serzedelo em entrevista enquanto “civis (...) que batiam nos homossexuais e que a polícia fechava os olhos” a quem se dava esse nome pois estes “arrebentavam a cara” de indivíduos que se suspeitava serem homossexuais.

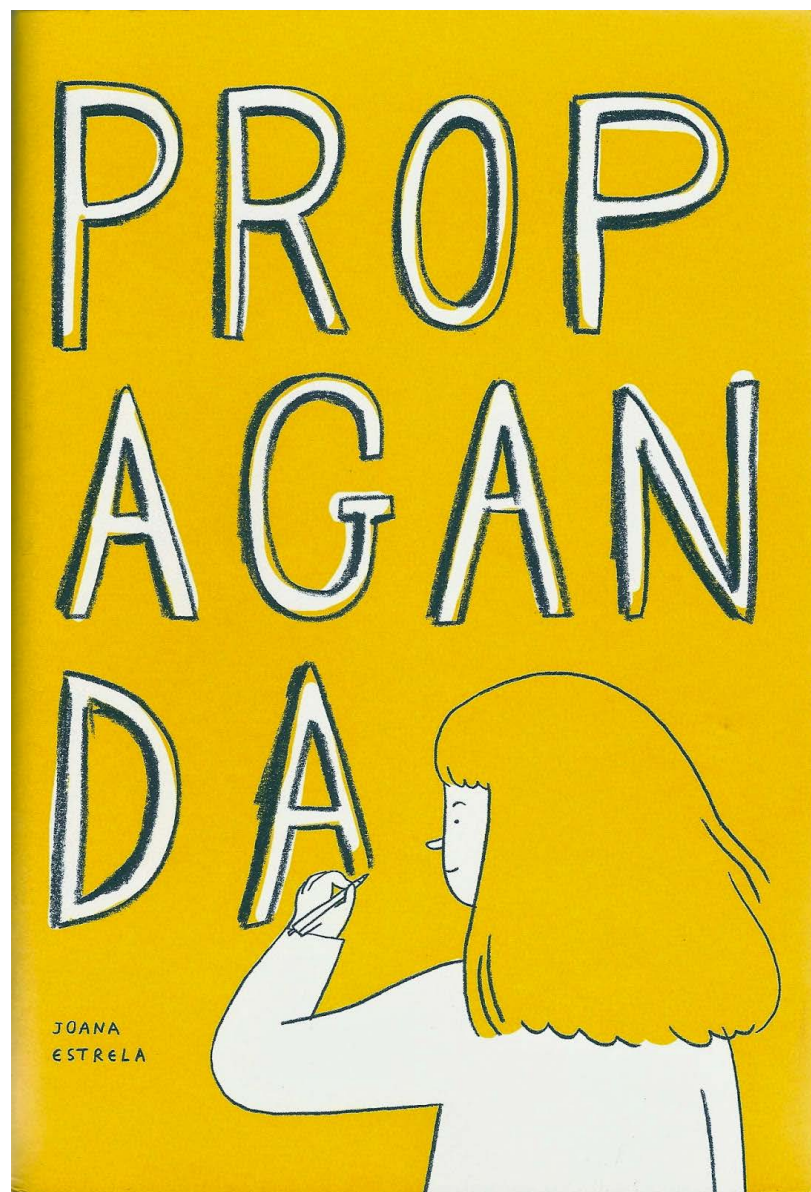


Figura 2 - Digitalização da capa de *Propaganda* (2014), de Joana Estrela.

1.3. O Álbum Ilustrado LGBTQ+

A editora Planeta Tangerina define o álbum ilustrado enquanto um espaço “em que tudo pode acontecer” e onde “há lugar para todo o tipo de textos e imagens, combinados em soluções quase infinitas” para “trazer uma mensagem ou contar uma história” (Planeta Tangerina, 2020). A escolha deste formato para este projeto assenta na versatilidade que o mesmo permite ao ilustrador na exploração da materialidade do objeto e das estratégias gráficas e narrativas. Para tal foi essencial a seleção de casos de estudo para a investigação dessas mesmas estratégias gráficas e narrativas e o mapeamento de projetos editoriais e autores que trabalham dentro da temática selecionada, especialmente dentro do contexto português, sendo que por vezes recorreu-se a outras tipologias e formatos enquanto referência e motivação para o desenvolvimento do projeto.

Se a publicação de livros direcionados para a temática LGBTQ+ em Portugal é escassa, a de álbuns ilustrados sobre a narrativa *queer* é ainda mais reduzida. Se por um lado a mesma encontra-se condicionada pelo apagamento histórico de narrativas não heteronormativas apresentado nos capítulos anteriores, por outro a produção e publicação de livros em Portugal, no seu sentido mais abrangente, é complexa. Não obstante, existem autores e projetos editoriais que têm vindo a apresentar propostas relevantes e com especial enfoque em narrativas LGBTQ+ e, neste capítulo, pretende-se apresentar as principais referências e casos de estudo para a ideação deste projeto.

Uma das principais referências para a criação deste álbum ilustrado foi a obra gráfica de Joana Estrela. Dentro do contexto português, Joana Estrela surge como uma das principais ilustradoras e autoras dentro da temática LGBTQ+, e não só. Na sua obra podemos encontrar tanto o registo autobiográfico da sua experiência e identidade *queer* através da banda desenhada e do álbum ilustrado, como é o caso de *Propaganda* (2014), como também artefactos editoriais direcionados para publicação infantil que exploram a identidade e performatividade de género, como é o caso de *Menino Menina* (2020) e *Vestidos do Tiago* (2016).

Editado pela Plana Press em 2014, *Propaganda* parte de um ponto de vista autobiográfico para registar a sua experiência de voluntariado na Lithuanian Gay League, uma associação pelos direitos LGBTQ+ situada em Vilnius, na Lituânia, através da banda desenhada. Nesta publicação, a autora coloca a sua experiência como central para a narrativa e serve-se da divisão das imagens em vinhetas para a tradução das experiências que viveu enquanto voluntária ao ilustrar, na primeira pessoa, essas vivências. Para além do carácter pessoal que motiva o desenvolvimento de *Propaganda*, também a tradução de uma experiência próxima da etnografia para banda desenhada, através do álbum ilustrado, serviram de base para as pretensões narrativas do projeto desenvolvido. Uma parte central de *Propaganda* conecta-se com o entender da realidade da comunidade LGBTQ+ noutro país e a participação ativa na luta da comunidade através, não só, da ação presencial direta, ao participar na marcha do orgulho de Vilnius e em desenvolver trabalho voluntário para a Lithuanian Gay League, mas, também,

através do registo da sua experiência e das dinâmicas da comunidade queer na Lituânia, recorrendo ao álbum ilustrado enquanto formato. A publicação do mesmo potencia a transformação destes registos em memória coletiva e conecta a realidade da comunidade queer na Lituânia com o resto do mundo ao encontrar um espaço para a expressão e preservação das suas experiências.

Em *Pardalita* (2021), também de Joana Estrela, acompanha o desenvolvimento emocional e identitário de Raquel, personagem principal, servindo-se do diário enquanto ponto de vista. O texto encontra-se dividido em duas estruturas, uma conectada aos diálogos da personagem principal com as restantes personagens, estruturado visualmente em pranchas e acompanhado de vinhetas grandes, e um outro conectado com aquilo que parecem ser os registos de Raquel no seu diário. Este objeto teve uma grande influência, no que toca a decisões gráficas e narrativas, para o projeto desenvolvido, nomeadamente na divisão do texto entre dois modelos de escrita e desenvolvimento da ilustração com apenas uma cor, o preto, com o sentido de unir graficamente as diferentes opções de representação da narrativa. Tanto *Pardalita* como *Propaganda* recorrem à utilização de caligrafia para o tratamento gráfico do texto. Esta escolha aproxima o texto da imagem e atribui-lhe coerência estética na publicação, algo que inspirou a escolha de caligrafia para o álbum ilustrado deste projeto. Certas características do objeto físico, como as dimensões de 150 x 215 mm e a utilização de uma cor na capa, também influenciaram características formais do objeto desenvolvido pois foram consideradas enquanto opções de edição e formato práticas para a produção de um álbum ilustrado que se pretende que seja preservado e estimado enquanto um registo emocional e poético para a comunidade LGBTQ+, com boa legibilidade e um custo de produção acessível.

Já o projeto *Queerquivo* (2018), de André Murraças, em muito se aproxima das intenções a que o projeto se propõe, pois este procura “colmatar algumas falhas no registo das personalidades, espaços e eventos do universo LGBT português” (Murraças, 2018, p. 10). Para tal, o projeto de André Murraças recorre a testemunhos e histórias redigidos por membros da comunidade e simpatizantes sobre a conexão emocional que estes têm com figuras, marcos culturais, locais e outros que situam o imaginário LGBTQ+ português, servindo-se da ilustração em aquarela, a uma cor, para o representação visual dos testemunhos. Assim, o *Queerquivo* parte da recolha de vivências e memórias individuais para a criação de um “catálogo” português queer, que se encontra em constante expansão através da plataforma online criada para o efeito, e utiliza o livro e a ilustração enquanto ferramenta para registar, preservar e celebrar este arquivo, tal como o projeto desenvolvido propõe.

Também a editora independente, Sapata Press (2017-2020), revelou-se uma referência importante para entender o panorama da publicação LGBTQ+ em Portugal. Ao longo dos seus três anos de atividade publicou trinta e quatro fanzines e bandas desenhadas feministas, de cariz interseccional, com um foco na ilustração e banda desenhada de autores de países de expressão portuguesa e no combate ao apagamento institucionalizado de narrativas queer através de uma perspetiva transfeminista e transnacional. O trabalho desta editora relaciona-se com produção cultural da fanzine e foi

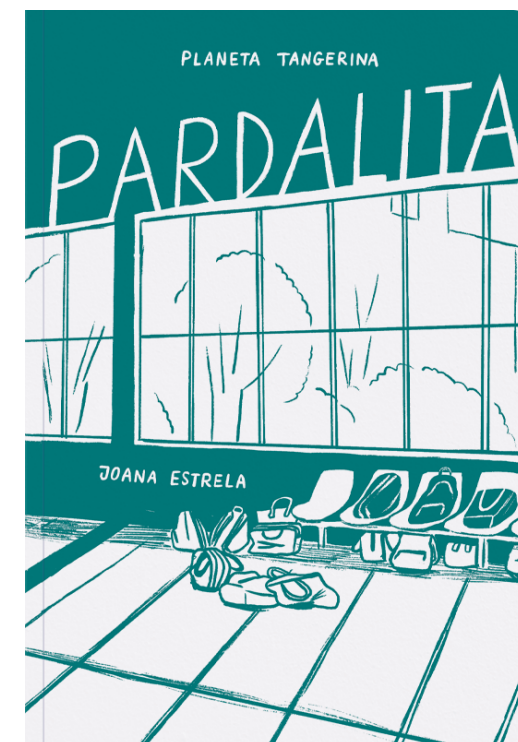
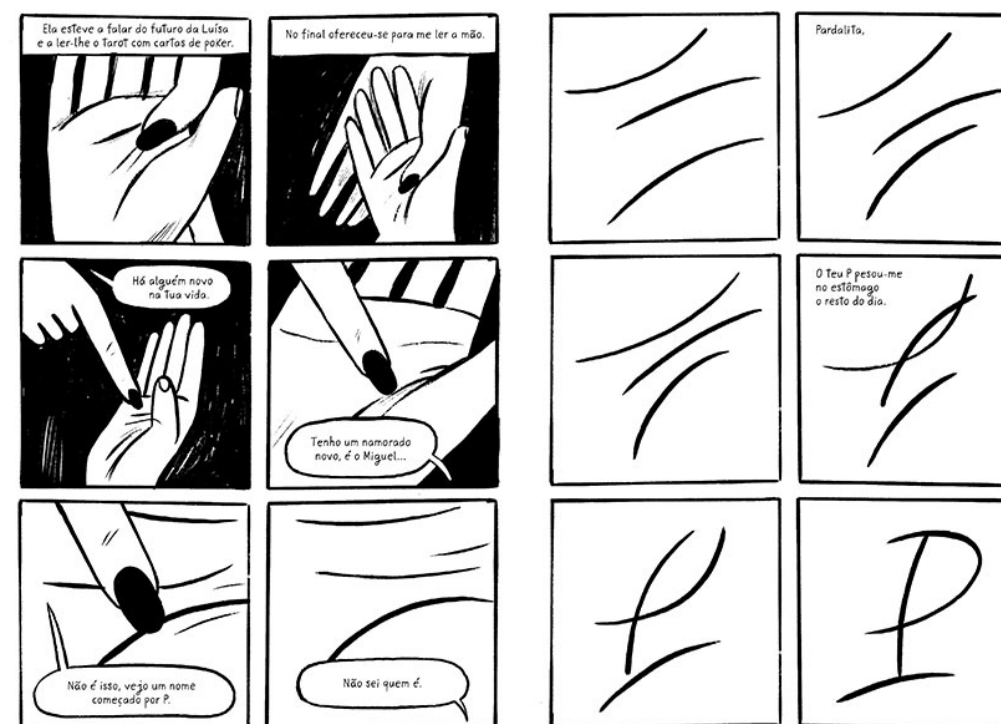


Figura 3 - Em cima, à esquerda, capa de *Pardalita* (2021), de Joana Estrela, retirada do site da editora Planeta Tangerina.

Figura 4 - Em baixo, spread de *Pardalita* (2021), de Joana Estrela, retirado do site da editora Planeta Tangerina.



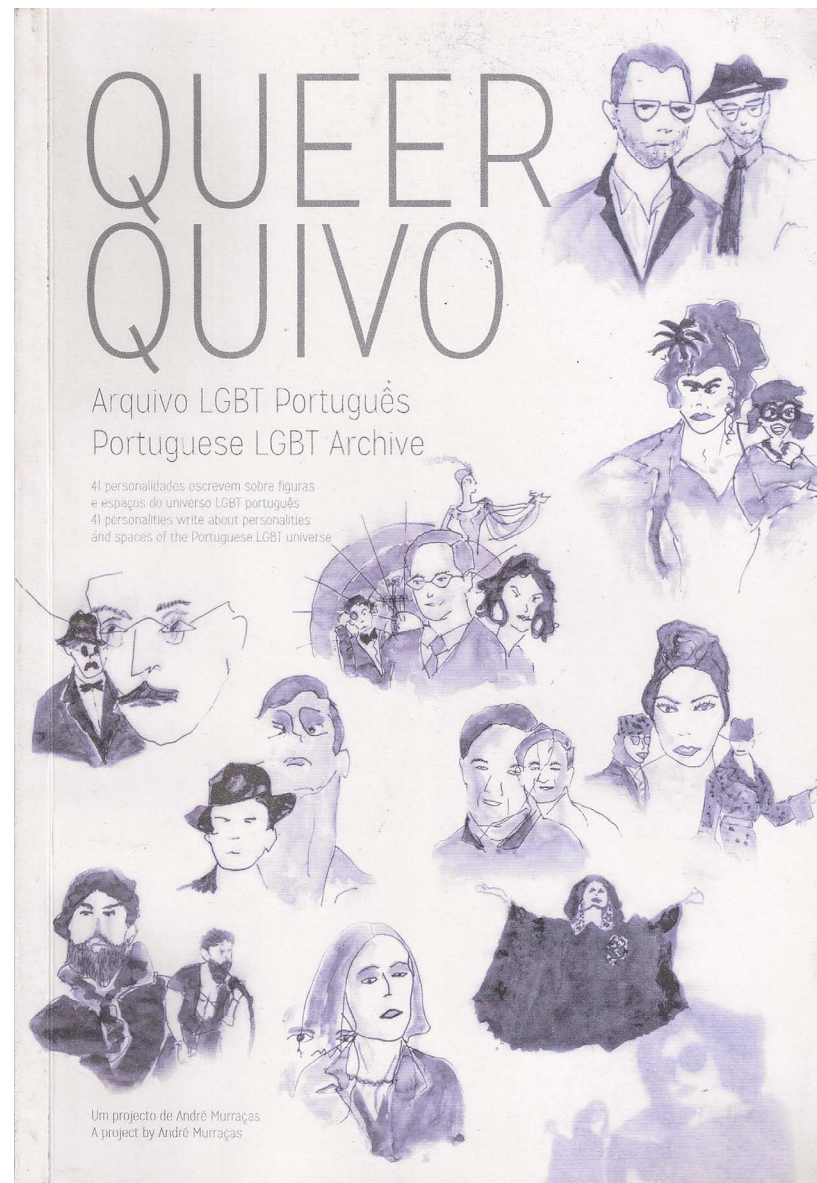


Figura 5 - Digitalização da capa de *Queerquivo* (2018), de André Murraças.

relevante para estabelecer as principais motivações para a publicação deste projeto, no sentido em que uma das permissas centrais da Sapata Press prende-se com o ato político de publicar e representar vozes que não têm representação ou que não têm a visibilidade adequada por não se identificarem com a narrativa mainstream, heterossexual e cisgénero.

Fora do panorama nacional e do campo da ilustração, destaco ainda duas referências que me motivaram e inspiraram a desenvolver este projeto e que por isso considero relevante mencionar. A primeira trata-se de *Now You See Me. Lesbian Life Stories* (2018) de Jane Traies que, tal como *Queerquivo*, procura recolher histórias e memórias de mulheres lésbicas, bissexuais ou não heterossexuais que viveram no Reino Unido numa época em que a identidade lésbica se dividia entre a invisibilidade e a exclusão social. Neste livro, a autora serve-se de entrevistas a mulheres não heterossexuais que viveram as décadas de 1940 e 1950, para construir a identidade lésbica não documentada da comunidade durante esse período, o que se aproxima do que procurei fazer para a identificação do ambiente vivido em Portugal durante o Estado Novo para um indivíduo LGBTQ+. A segunda trata-se de *Queer Intentions. A (Personal) Journey Through LGBTQ+ Culture* (2019) de Amelia Abraham, na qual a autora procura entender o que significa ser queer em 2019 através de entrevistas a pessoas com diferentes construções identitárias espalhadas pelo mundo. Este livro ajudou-me a compreender que tipo de entrevista gostaria de fazer para este projeto e de que forma poderia processar uma conversa em matéria prima para a narrativa do objeto.

2. CINQUENTA E TRÊS ANOS

Como resposta ao cenário explicitado nos capítulos anteriores, é necessário a criação de um espaço de celebração da memória LGBTQ+ que possa potenciar a visibilidade de narrativas não heteronormativas. Se “não há uma memória espontânea” há porém “a necessidade de criar lugares que ajudem a preservar tais memórias” (Pierre Nora cit. em Afonso, 2019, p. 38) pois “a defesa de uma memória das minorias sobre lugares privilegiados e guardados leva à incandescência da verdade de todos os lugares da memória”(Pierre Nora cit. em Afonso, 2019, p. 38), e é ao refletir nesta necessidade e nas minhas capacidades pessoais enquanto ilustrador e artista que proponho este projeto. O formato do álbum ilustrado, enquanto o objeto sensível proposto, sugere o cruzamento narrativo entre duas realidades distintas: as vivências de António Serzedelo, um homem gay que viveu o fim do Estado Novo, que acompanhou o 25 de Abril e participou de forma ativa no primeiro movimento pelos direitos LGBTQ+ em Portugal, e a minha busca pessoal por uma identidade queer portuguesa, enquanto um homem gay nascido na década de 1990, distante da forma como o Estado Novo perseguiu as identidades não heterossexuais e não binárias, mas condicionado socialmente pela influência que essas décadas ainda mantêm na sociedade portuguesa.

Tal como fora referido na introdução, a premissa inicial era a de recolher e registar pelo menos uma história de resistência ou vivência de cada variante identitária da comunidade queer portuguesa, ou seja, um registo que abrangesse pessoas que se identificam enquanto lésbicas, gays, bissexuais, trans, queer, intersexuais, assexuais, “arromânticas”, agênero, pansexuais, poliamorosas, não-binárias e outras variantes. Optou-se por reduzir o foco narrativo do álbum ilustrado para o conteúdo recolhido em entrevista a António Serzedelo e às relações poéticas encontradas entre a minha história de vida e a dele. Para além da vida de Serzedelo se encaixar nas delimitações identitárias e temporais estabelecidas, e de se identificar atualmente enquanto um homem gay, o seu discurso é um testemunho da opressão do regime ditatorial fascista e da mudança desencadeada pelo 25 de Abril para o sistema democrático. A sua contribuição para a luta dos direitos LGBTQ+ e cultura queer portuguesa são também relevantes para os objetivos deste projeto. A riqueza narrativa extraída da entrevista realizada, e a escala do objetivo inicial proposto, também influenciaram a decisão de redução do objeto de estudo. Com esta redução, o objeto centrou-se mais na narrativa gay contemporânea do que na multiplicidade narrativa da comunidade LGBTQ+. O título Cinquenta e Três Anos é referente à diferença de idades que me separam de António Serzedelo, um dado que fora comentado no início da entrevista e que se revelou central para a forma como se construiu a narrativa deste álbum ilustrado.

2.1. Objetivos e Metodologia de Investigação

Como já fora referido ao longo dos capítulos anteriores, a motivação base para o desenvolvimento deste projeto fora a de criar um espaço de celebração e preservação da memória queer portuguesa no álbum ilustrado e assim potenciar a conexão e a transmissão de conhecimentos entre diferentes gerações de indivíduos LGBTQ+. Para tal, foi definido, inicialmente, que tematicamente este álbum iria focar-se em dar visibilidade às vivências de indivíduos LGBTQ+ que viveram o Estado Novo e a democracia após o 25 de Abril com o objetivo de situar a memória individual num objeto físico e assim criar uma ponte entre a vida destas pessoas e a memória coletiva da comunidade, ponte esta que, através do formato, pretende ser intergeracional. Se “ao longo da história sempre ocorreram ciclos de liberdade e repressão” (tradução minha Baumann et al., 2019, p. 15) é essencial que a história dos ciclos de repressão seja desconstruída e pensada durante os ciclos de liberdade pois “a memória das dificuldades e as cicatrizes do trauma são fardos que carregamos, mesmo depois de terem sido superadas” (tradução minha, Downs, 2020, p. 62), constituem parte da identidade de cada um, de uma identidade coletiva, de uma comunidade, e que deve ser necessariamente dignificada e validada.

Tratando-se o álbum ilustrado de um formato versátil e aberto que pressupõe a relação entre elementos visuais e de texto para a transmissão de uma mensagem, narrativa ou intenção, entendeu-se que este seria o formato que melhor beneficiaria a relação intergeracional pretendida, tendo em conta as minhas competências pessoais enquanto ilustrador. Pretende-se que este objeto apele a um público variado e de diferentes faixas etárias, sendo o mesmo projetado para a comunidade LGBTQ+. A escolha temática e narrativa de *Cinquenta e Três Anos* procura conectar o público geral com uma realidade que começa a ser desconstruída e debatida, o impacto da ditadura fascista portuguesa e as suas consequências na identidade LGBTQ+, através da cruzamento entre duas histórias de vida separadas por cinquenta e três anos. Assim, pretende-se que o leitor faça as suas próprias conexões emocionais com a narrativa presente no texto e a narrativa visual apresentada e atribua um lugar para estas vivências no seu percurso identitário. Trabalhar a memória desta forma, tratando-se de “memórias dos subalternos, que estão escondidas ou interditas” (Afonso, 2019, p. 39), pois foram recusadas por Estados e instituições de poder, é atribuir-lhe novos significados e situá-la em novos espaços. Estas passam assim a existir de forma individual e coletiva, permitindo que os cidadãos tenham uma expressão mais livre das suas variações identitárias, ao mesmo tempo que informam sobre o perigo e as consequências que certos modelos políticos têm sobre a vida das pessoas.

Para tal, na primeira fase do projeto e ainda sem nenhum contacto com indivíduos LGBTQ+ que tivessem experienciado a época definida enquanto objeto de estudo, foi dada prioridade ao entendimento do contexto das pessoas que viveram o enquadramento temporal e geográfico definido. De seguida, foi definido que o modelo de entrevista seria semi estruturada pois beneficiaria a recolha do conteúdo pretendido por se tratar de um modelo de investigação próximo do modelo etnográfico que se aproxima, na estrutura, de uma conversa informal, o tom pretendido para a narrativa.

Após serem definidos os tópicos chave a abordar, deram-se início às entrevistas. Foram contactados para o efeito António Serzedelo e Fabíola Cardoso, duas pessoas com construções identitárias díspares e contextos diferentes, que acederam positivamente ao convite para participar neste projeto, tendo Serzedelo vivido o Estado Novo em Lisboa e Fabíola nascido três anos antes da Revolução dos Cravos. Após a transcrição das mesmas, iniciou-se um processo de seleção das vivências partilhadas para a construção narrativa. Paralelamente, fiz um processo pessoal de associação de memórias ou referências que conectei emocionalmente com o material recolhido, algo que completou o modelo de narrativa cruzada delineado para *Cinquenta e Três Anos*, tendo sido também definido o que seria representado através de texto e o que seria representado através da ilustração.

2.2. Processo de Investigação e a Construção da Narrativa

Desde a proposta inicial que se estabeleceu como fundamental entrevistar pessoas LGBTQ+ que tivessem vivido o Estado Novo e a transição para a democracia que o 25 de Abril potenciou. Desde o início que as entrevistas foram entendidas como a potencial gênese narrativa do objeto proposto e, após a sua realização, tal foi confirmado. Porém, aquando da procura inicial pelas pessoas a entrevistar, não possuía qualquer contacto com pessoas LGBTQ+ com mais de 40 anos.

Primeiramente, foi feito o contacto com algumas associações e grupos de trabalho LGBTQ+ tais como a ILGA, a Associação Abraço, a Casa T, a TransMissão, o coletivo Feminismos Sobre Rodas e a Rede Ex Aequo com o intuito de facilitar a procura por pessoas que tenham vivido o período temporal em estudo, algo que não aconteceu, e que motivou o contacto, via email, da autora de *Homossexualidade e Resistência no Estado Novo* (2019), Raquel Afonso. A sua tese de doutoramento e livro em muito se relacionam com a premissa deste projeto de investigação, no sentido em que partem da memória individual de pessoas LGBTQ+ que viveram o Estado Novo para a concepção da memória coletiva e comunitária desse período, bem como a preservação da mesma através do formato do livro. Mediante o contacto, a autora mostrou-se receptiva em auxiliar o processo de investigação e, embora não tenha facilitado o contacto direto com nenhuma das suas fontes, indicou duas pessoas que poderiam mostrar-se receptivas a um contacto através das redes sociais: o ativista, radialista e académico António Serzedelo e a professora, ativista e deputada Fabíola Cardoso. Procedeu-se ao contacto de ambos e realizaram-se duas entrevistas telefónicas, uma a António Serzedelo e outra a Fabíola Cardoso, sendo que ambos responderam positivamente ao pedido de entrevista e demonstraram interesse em participar na concepção deste projeto.

Pretendeu-se que as entrevistas funcionassem como conversas informais, pois dessa forma a informação recolhida conectar-se-ia melhor com o tipo de objeto proposto, daí a opção por um modelo de entrevista semiestruturada. Foi redigido um conjunto de tópicos e algumas questões para cada entrevista, mas sem uma estrutura rígida. Para ambas, foi relevante perguntar, na fase inicial das entrevistas, a forma como o entrevistado define, ou não, a sua identidade de género e a sua sexualidade, para que eu, enquanto entrevistador, conseguisse perceber de forma geral qual o contexto identitário do entrevistado e compreender assim como poderia dirigir o resto da entrevista. Outra pergunta comum para ambos os entrevistados é relativa à diferença de idades entre o entrevistador e o entrevistado e quais as principais mudanças, na perspetiva do entrevistado, ocorridas durante essa separação temporal. Os tópicos comuns, considerados como essenciais para ambas as entrevistas, foram: a auto identificação; a relação do entrevistado com o conceito de comunidade, em especial a relação do entrevistado com a comunidade LGBTQ+; o impacto do Estado Novo nas vidas LGBTQ+; a reflexão sobre a mudança proporcionada pela Revolução dos Cravos para os direitos LGBTQ+; a epidemia do HIV/SIDA em Portugal e as suas consequências sociais; e a história do associativismo LGBTQ+ em Portugal. A entrevista a António Serzedelo tinha também como objetivo confirmar o contexto histórico compreendido através da bibliografia

selecionada. Já a entrevista a Fabíola Cardoso tinha um especial interesse pelo trabalho de associativismo de Fabíola enquanto membro fundador do Clube Safo, a primeira e única associação pelos direitos lésbicos em Portugal, fundado em 1996, e a sua situação enquanto “retornada³”, palavra escolhida em entrevista pela própria para descrever o seu contexto.

Embora as entrevistas tenham sido idealizadas através de uma perspetiva próxima do ponto de vista da etnografia, segundo a qual se pretendia uma melhor compreensão do objeto de estudo para a construção da narrativa, a conexão emocional entre as diferentes realidades, entre entrevistador e entrevistado(s), revelou-se central para o desenvolvimento de *Cinquenta e Três Anos*.

O primeiro entrevistado foi António Serzedelo. Após ter aceite positivamente o pedido de entrevista, a mesma foi agendada e realizada a 05 de Novembro de 2021, tendo decorrido ao longo de cerca de uma hora e quarenta minutos. Houve também uma segunda conversa, com um carácter mais informal, que durou cerca de quarenta minutos e realizou-se em Fevereiro de 2022. Esta última partiu da iniciativa do António para falar sobre o conteúdo reunido na primeira entrevista e também sobre a possibilidade do projeto vir a ser divulgado na sua estação de rádio independente. Tanto a conversa como a entrevista ocorreram por telefone, sendo que a entrevista foi gravada com a autorização do entrevistado e posteriormente transcrita para um documento disponível em anexo.

As entrevistas realizadas representaram uma confirmação da informação recolhida sobre a vivência de identidades não normativas durante o Estado Novo e após o 25 de Abril, informação esta recolhida não só através livros *Homossexualidade e Resistência no Estado Novo* (2019), de Raquel Afonso, *Homossexuais no Estado Novo* (2010), de São José Almeida, *O mundo gay de António Botto* (2018), de Anna M. Klobucka e da bibliografia selecionada, mas também através dos filmes *Mário Cesariny - Ama como a Estrada Começa* (2002), de Diogo Collares Pereira, e *A Procura de António Botto* (2015), de Cristina Ferreira Gomes. Este cruzamento de informação encontra-se disponível ao longo do primeiro capítulo deste relatório, no qual se procurou que as diferentes camadas do contexto descrito fossem confrontadas e validadas através da citação de excertos da entrevista a António Serzedelo e da entrevista a Fabíola Cardoso.

Através da história de vida de António Serzedelo foi possível não só confirmar o contexto médico, legal, e social compreendido mas também compreender o impacto emocional com que o entrevistado encara as mudanças da sua identidade desde o período ditatorial até à atualidade, em retrospectiva, e a forma como se relaciona com a ideia contemporânea de comunidade, como quando partilha:

Não descobri que era gay de um dia para o outro, aliás, para mim nem havia a palavra gay. Para mim havia a palavra panelheiro, invertido, maricas, palavras extremamente

3. A palavra “retornada” provém de “retornados”, um nome que adquire uma conotação pejorativa quando usado para identificar uma população, na sua maioria branca, subitamente deslocada devido ao colapso do sistema colonial português.

depreciativas. A palavra gay aparece muito mais tarde. A vida sexual no Estado Novo toda ela era reprimida, para todas as sexualidades (Serzedelo 2021).

Entre todas as vivências partilhadas por António Serzedelo, o que mais me interessou e, de certa forma chocou, foi que de facto em 53 anos a vida para as pessoas LGBTQ+ em Portugal mudou imenso. Apesar dos progressos lentos, muitos dos cenários descritos por Serzedelo encontram-se muito longe da minha realidade, como quando António recorda uma detenção policial da qual escapou:

Aconteceu no Campo Grande e foi a polícia. Eu vinha com os copos e vi um avião a baixar para o aeroporto. Eu puxei um lenço que tinha e disse adeus ao avião. Havia uns polícias que pararam e saltaram-me em cima, disseram que estava a fazer sinais ao inimigo. Prenderam-me e levaram-me para a escadaria da Faculdade de Direito. Pararam o carro, mandaram-me esperar e ligaram para a PIDE e não sei para onde. Isto para te falar de repressão, ali não era nem gay nem hetero. Por detrás da escadaria da Universidade havia um campo, uma espécie de floresta de capim que eu conhecia. Quando os vi distraídos eu meti-me por ali fora e não me apanharam (Serzedelo 2021).

Quando perguntado se, mediante um clima de repressão sexual tão austero, conseguia estabelecer mais do que “engates”, conexões românticas ou amorosas, Serzedelo responde que “*era muito difícil nesta altura encontrar conexões românticas*” mas acrescenta:

Havia algumas pessoas que tinham quase por obrigação uma ligação, que eu não sei se era romântica, porque era a única forma de terem uma sexualidade estável sem sustos e portanto as relações demoravam mais tempo porque as pessoas não tinham alternativa. Não havia jornais, não havia internet, hoje tu dormes com um tipo e depois dormes com outro e isto naquela altura não era assim não é? Por exemplo, um engate na baixa dava-se desta forma: tu fumavas e depois pedias a uma outra pessoa que já tivesse olhado para ti se te dava um cigarro ou se te dava lume, depois a partir daí é que se podia estabelecer uma relação.(...)As relações românticas eram duradouras por um lado, por isso, não havia muitas alternativas, outras vezes não o eram justamente pela repressão e o medo que se tinha de que se viesse a desconfiar (Serzedelo 2021).

O entrevistado acrescenta também que as relações “*não podiam ser vividas*” e que não se recorda de ter tido algum tipo de conexão amorosa e romântica na altura se não com uma pessoa, procedendo a descrever como o conheceu:

Conheci [um rapaz] no parque Eduardo VII, depois de sair da rádio (...) ele ia a passear e eu tinha acabado de tirar o carro. Ia muito devagarinho e ele olhou muito para dentro do carro. Eu parei o carro, falamos, depois ele entrou e depois viemos a ser grandes amigos, muito grandes amigos durante muito tempo. Ele era estudante de arquitetura, e infelizmente morreu. Esta foi uma relação que durou muito tempo, ele era muito divertido e viajamos bastante mas a gente não se assumia como hoje se

assume não sei, não havia as palavras para exprimir(...) Hoje é que vejo com outros olhos (Serzedelo 2021).

Para Serzedelo, “*o amor na altura era uma fantasia*” e que a ideia de namorar um homem não existia conceptualmente na sua cabeça e que, na altura, não tinha sequer as palavras para descrever tal coisa, algo que podemos confirmar quando o entrevistado reflete sobre o “rapaz” que conheceu no parque Eduardo VII e com quem teve uma relação duradoura:

Durou muito tempo aquele romance a que não chamávamos romance mas que hoje olho e vejo que era um romance, hoje à distância é que vejo que era um romance (Serzedelo 2021).

Em entrevista, António Serzedelo apercebeu-se da diferença monumental que separa a sua construção identitária da minha, referindo “*eu sei que isto parece tão distante e surreal, é tão fora de tempo que se torna difícil*”. Este momento acontece quando o entrevistado reflete sobre o impacto que o HIV teve nas conexões que estabeleceu ao longo dos anos e como estas lhe foram “roubadas” pelo vírus:

Opah, tens de recuar muitos anos, a repressão era muito grande. Não tem nada a haver com hoje (...) naquela altura além da repressão social havia ainda a repressão do HIV, as pessoas tinham de ter algum cuidado porque era uma doença para a qual não havia nenhum remédio. Aliás o Ruizinho morreu de HIV, escreveu-me um poema lindíssimo antes de morrer que tenho aqui tão bem guardado que nem sei onde está e queria emoldurar. (...) As perguntas que me fazes fazem-me sentido mas faz-me sentido que para ti nada do que eu te estou a contar te faz sentido, é tão surreal e tão fora de tempo, tão tão indescritível que é difícil uma pessoa (...) Houve pessoas que se suicidaram, pessoas que tinham a vida desgraçada (Serzedelo 2021)(...)

Ao procurar entender as diferenças na forma como eu encaro a minha identidade, as minhas conexões, e a forma como Serzedelo experienciou a sua identidade e as suas conexões, surgiu uma resposta emocional com o passado de Serzedelo no qual encontrei associações e semelhanças, algo que procurei trabalhar no conteúdo do álbum ilustrado. Embora não tenha passado pelas mesmas experiências que Serzedelo e me encontre deslocado de alguns dos cenários descritos, consigo compreender, por exemplo, o estigma que ainda persiste sobre a saúde sexual de um homem homossexual, a cultura sexual que tem como base o anonimato e a ocultação da identidade, a pressão das normas sociais que “regulam” os comportamentos das pessoas e a performatividade do seu género.

A segunda entrevista realizada foi a Fabíola Cardoso e ocorreu a 09 de Dezembro de 2021. Esta entrevista realizou-se também através de uma chamada telefónica e teve a duração de cerca de uma hora e cinco minutos. O seu contexto é bastante diferente do de António Serzedelo. Fabíola nasceu três anos antes do 25 de Abril em Angola, tendo sido re-colocada com o resto da família na Beira Baixa, Castelo Branco, em 1975,

após a queda do império colonial português. Fabíola não viveu o Estado Novo mas tem presente o impacto que o mesmo teve na sua vida, como quando refere:

Eu nasci em 72 como disseste, não vivi propriamente o Estado Novo e enquanto jovem não havia propriamente uma consciência muito direta da influência do Estado Novo da minha vida não é? (...) Ainda assim acho que todos nós, até tu certamente, fomos influenciados por esta realidade que embora tão distante em termos históricos ainda nos influencia, como antigamente, socialmente e politicamente, muito mais do que nós pensamos (Cardoso 2021).

Fabíola descreveu a dificuldade que teve em entender a sua identidade sexual, porém sempre compreendeu que não se identificava como heterossexual mas, tal como Serzedelo, a ausência de uma palavra que descrevesse a sua sexualidade traduziu-se em “ignorância” sobre a própria sexualidade. Através das bibliotecas públicas e livrarias, Fabíola pode pesquisar por palavras que, embora muitas vezes escondidas, antiquadas e preconceituosas, melhor representavam a forma como se identificava e a ajudaram a entender a sua identidade:

Quando eu me apaixonei pela primeira vez, fiquei assustadíssima. Isso levou-me a procurar ajuda, (...) a procurar informação, (...) a tentar perceber o que aquilo era e quem eu era (...) apesar de eu nunca ter pegado num livro (...) quando me mudei para a cidade a ausência do exterior fez-me descobrir os livros e foi nos livros que eu fui procurar. Aquilo que hoje qualquer miúdo faz na internet eu fiz na biblioteca da escola, na Gulbenkian, em Castelo Branco, na biblioteca municipal, eu andei a saltitar de ideia em ideia e palavra em palavra até encontrar os sodomitas, os pederastas, os uranistas, palavras antigas mas que estavam nos livros. Até encontrar as sáficas, as tribades, até encontrar o conceito de lésbica (Cardoso 2021).

Reconheceu também que após ter tomado consciência da sua orientação sexual e apesar da mudança política que transitara Portugal para a democracia, Fabíola reprimiu a sua identidade, em parte devido à falta de representação, e recorda:

“Eu também vivi na invisibilidade, eu também pactuei com este sistema. O meu primeiro beijo foi dado numa casa de banho do liceu de Castelo Branco, o meu primeiro orgasmo como mulher foi dado na casa de banho do liceu de Castelo Branco. Muitas poucas pessoas sabiam da primeira relação, se andávamos de mão dada na rua às vezes era porque o olhar dos outros não via duas lésbicas, via duas miúdas da escola que andavam de mão dada na rua (...) [A invisibilidade] dificultou a minha identificação, este silêncio que vivíamos na cultura da altura. Dificultou o processo de construção de uma identidade positiva, havia muito pouca informação (Cardoso 2021).”

Em 1996 fundou o Clube Safo em conjunto “com outras três mulheres”, a primeira e única associação de mulheres lésbicas em Portugal, pelo que afirma que o mesmo nasce quando as suas fundadoras se apercebem que “*não há nada para mulheres*

lésbicas, (...) que reflita, (...) que junte, (...) que mobilize”, e acrescenta:

Nós nascemos para juntar as mulheres, para quebrar o silêncio e para criar uma identidade positiva. O objetivo era esse, nós precisávamos desse processo e resolvemos agir de forma colectiva. Não tínhamos nenhuma ligação a partidos, associações, movimentos, nada, foi assim uma aventura, fomos nossa total conta e risco (Cardoso 2021).”

Através do contacto com Fabíola Cardoso foi possível uma melhor compreensão do apagamento histórico das mulheres, e em especial das mulheres lésbicas, no contexto português, assim como diferenças sociais e discriminação sofrida pelos portugueses que regressaram a Portugal após a queda do império colonial português. Também através desta entrevista é possível um melhor entendimento sobre a história do associativismo LGBTQ+ português da década de 1990, através do caso de estudo do Clube Safo. Fabíola possibilitou também o contacto com outras duas pessoas que se identificam enquanto mulheres lésbicas, que viveram o Estado Novo e a transição para a democracia, e que poderiam estar interessadas em participar neste projeto.

A transcrição e análise das entrevistas foi um processo longo e complexo no qual me apercebi da riqueza e imensidão narrativa que conseguira através das mesmas. Apesar da perspetiva positiva em localizar mais indivíduos interessados em partilhar histórias com relevância temática para o projeto, optei por reduzir o objeto de trabalho do álbum ilustrado para o conteúdo alcançado com a entrevista a António Serzedelo e não entrevistar mais pessoas.

Com a transcrição da entrevista foi constatado que as vivências que António Serzedelo partilhara estão fragmentadas. Em conjunto descrevem um cenário político, social, cultural, económico específico, que foi o regime ditatorial em Portugal, através de múltiplas histórias pessoais. Porém, entre estas não existe um fio condutor direto, para além da separação entre o “sobreviver” sob a pressão do Estado Novo e viver após o 25 de Abril. Optou-se por aproveitar esta característica e segmentar a conversa com Serzedelo em várias histórias separadas. Destas histórias foram selecionadas nove que foram reescritas e organizadas em dois modelos de texto diferentes: um em diálogo direto comigo e outro em monólogo. Isto é, delinee que a narrativa deste livro seria um cruzamento entre estes dois modelos: se por um lado, a estreita representação e comunicação de elementos das vivências dos entrevistados através da narrativa textual, por outro, um diálogo narrativo silencioso⁴, presente na ilustração, baseado em memórias pessoais que associei a relatos de António Serzedelo. Desta forma, pretende-se que o objeto possa conectar experiências de vida muito diferentes mas que se relacionam emocionalmente e que, em conjunto, são uma expressão da comunidade LGBTQ+ portuguesa e do seu imaginário, entre o Estado Novo e a atualidade.

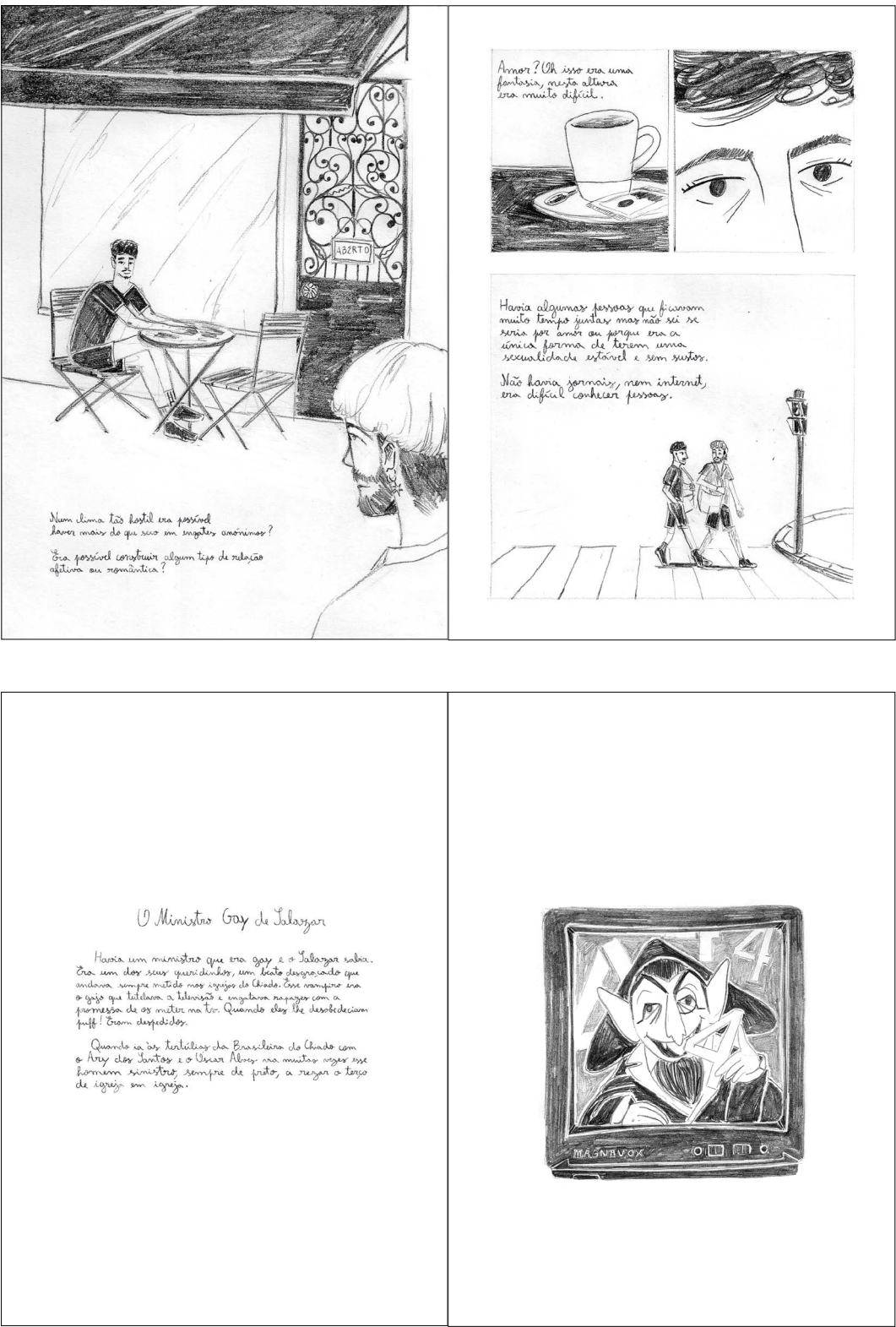
4. Uma narrativa silenciosa trata-se de um modelo narrativo no qual o principal recurso para a comunicação da mensagem, conceito ou história é a utilização de elementos visuais não textuais mas sim pictóricos ou esquemáticos.

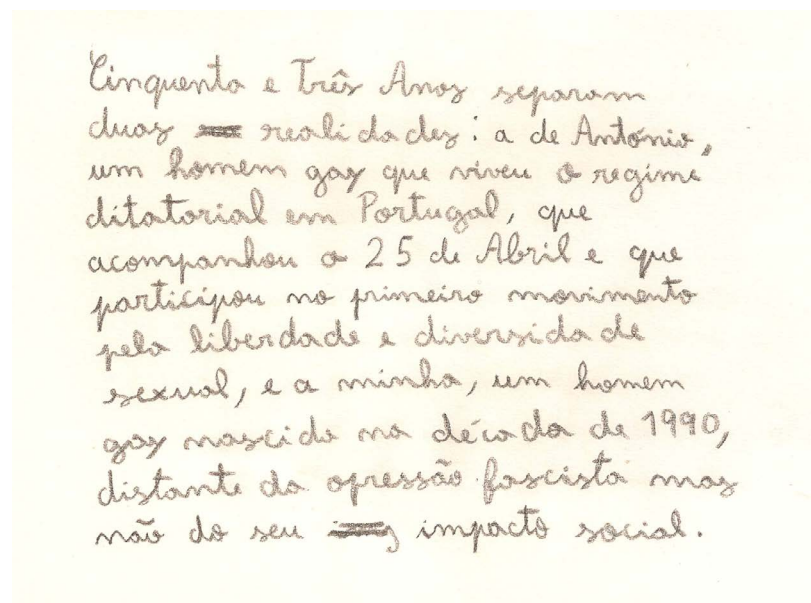
As nove histórias que compõem o corpo são as seguinte: *Introdução*, um diálogo no qual é comentada a diferença de idades entre mim e o António Serzedelo e na qual ele apresenta ao leitor a sua identidade e a forma como esta mudou ao longo dos anos, compreendido entre a página 6 e a página 7; *Liceu*, um monólogo no qual António partilha com o leitor a história da sua ida para Lisboa e o privilégio que tivera em viver sozinho, compreendido entre a página 8 e a página 9; *Ary dos Santos e o Funeral do Urinol do Campo Pequeno*, um monólogo no qual António fala sobre os urinóis públicos enquanto lugares públicos de engate, a perseguição da “polícia dos costumes” aos mesmos e a relação de Ary dos Santos com o urinol do Campo Pequeno, compreendido entre a página 10 e a página 11; *Porta para o Abismo*, um diálogo no qual o mesmo partilha uma tentativa de assassinato que sofrera por parte de uma vizinha, compreendido entre a página 12 e a página 13; *Um Engate na Baixa*, um monólogo no qual António revela como procedia ao engate, compreendido entre a página 14 e a página 15; *O Ministro Gay de Salazar*, um monólogo que aborda o rumor de que o ministro que tutelava a televisão durante o regime Salazarista era gay e utilizava a proteção do estado para o engate, compreendido entre a página 16 e a página 17; *Tomi*, um diálogo que revela um primeiro grande amor de António, amor este que não poderia ser considerado enquanto tal quando foi vivido por falta de palavras que pudessem conceptualizar a ideia de um namoro entre dois homens, compreendido entre a página 18 e a página 27; *Ruizinho*, um diálogo no qual António apresenta a história de Ruizinho, um namorado que faleceu com HIV, compreendido entre a página 28 e a página 33; e por último *O Manifesto*, um diálogo que conta a história de como foi composto o primeiro manifesto pela liberdade das minorias sexuais publicado pela Frente Homossexual de Acção Revolucionária, do qual António é um membro fundador, e a perspetiva deste sobre os direitos alcançados para a comunidade LGBTQ+ após o 25 de Abril, compreendido entre a página 34 e a página 40.

Embora todos os capítulos tenham sido redigidos com um título, optou-se que apenas os monólogos tivessem o mesmo representado no álbum ilustrado, por se considerar que esta decisão poderia facilitar a interpretação dos diálogos enquanto conversas entre duas personagens. Para a expressão visual do texto e dos títulos optou-se pela utilização da caligrafia do autor. Esta decisão foi motivada pela proximidade e coerência que a mesma tem com o desenho do mesmo, uma reflexão que já tinha sido pensada mediante a análise das principais referências dos casos de estudo do álbum ilustrado. Estas foram desenhadas através da aplicação ProCreate, para iPad, pois o mesmo permite a simulação aproximada da caligrafia em papel e do material riscador utilizado na ilustração, o lápis de grafite.

Figura 6- Em cima, spread de demonstração de um diálogo em *Cinquenta e Três Anos*

Figura 7 - Em baixo, spread de demonstração de um monólogo em *Cinquenta e Três Anos*





Bem, decidimos escrever o manifesto, fizemos correções por fax e telefone e eu entreguei-o a dois jornais: o Diário de Lisboa e o Diário de Notícias. Isto fez com que um general da força aérea e capitão de abril fosse à televisão reagir ao manifesto e dizer que a revolução não se fez para que putos e homossexuais reivindicassem fosse o que fosse.

O Galvão de Melo?

Sim exato!
O general Galvão de Melo.

Figura 8- Comparação entre caligrafia analógica, lápis de grafite em papel, e caligrafia desenhada digitalmente através da aplicação Procreate.

Como referido anteriormente, a narrativa silenciosa acompanha visualmente as nove histórias do álbum ilustrado, cruzando memórias pessoais minhas com as vivências de António Serzedelo. As ilustrações acompanham o texto através de uma regra, com o sentido de criar coerência na leitura do objeto. Porém, para essa regra foram consideradas exceções. A regra de base do cruzamento narrativo estabelece que todos os diálogos são acompanhados de pelo menos um spread de ilustração organizada em pranchas e segmentada em vinhetas, e que todos os monólogos são acompanhados de uma ilustração, situada à direita, que ocupa a totalidade da página.

A primeira exceção ocorre na categorização do capítulo *Liceu* enquanto monólogo. Na concepção inicial do texto, esse capítulo estava conectado com o capítulo *Introdução* mas, dado que o mesmo se estendeu e não foi desenvolvido enquanto diálogo, foi classificado enquanto um monólogo. Porém, dado que se trata de um capítulo que procura situar o contexto de Serzedelo e que apenas faz sentido no início do álbum ilustrado, torna-se essencial colocá-lo após *Introdução*, na página 8 e na página 9. Optou-se por quebrar a regra de representação e trabalhar a memória associada através de pranchas e vinhetas, com o objetivo de não confundir o leitor com a troca de registo de representação visual após as duas primeiras páginas do álbum, permitindo assim que o mesmo possa ter “mais tempo” para perceber o cruzamento narrativo proposto e compreender as mudanças que acontecem nas páginas seguintes.

A segunda exceção ocorre no spread compreendido entre as páginas 12 e 13, no capítulo *Porta para o Abismo*. Neste capítulo optou-se por não representar nenhuma memória através de pranchas e vinhetas, pois considerou-se que a vivência partilhada por Serzedelo, a tentativa de assassinato, por ter um peso tão negativo poderia ser aproveitado enquanto uma quebra narrativa. Assim, pretende-se que a representação do abismo realce a gravidade da situação descrita.

A terceira exceção ocorre no spread seguinte, nas páginas 14 e 15. Neste monólogo intitulado *Um Engate na Baixa*, optou-se por trabalhar a ilustração através do modelo de prancha e vinhetas. Considerou-se esta variação enquanto uma ferramenta para reintroduzir a norma de forma mais coesa e subtil para o leitor.

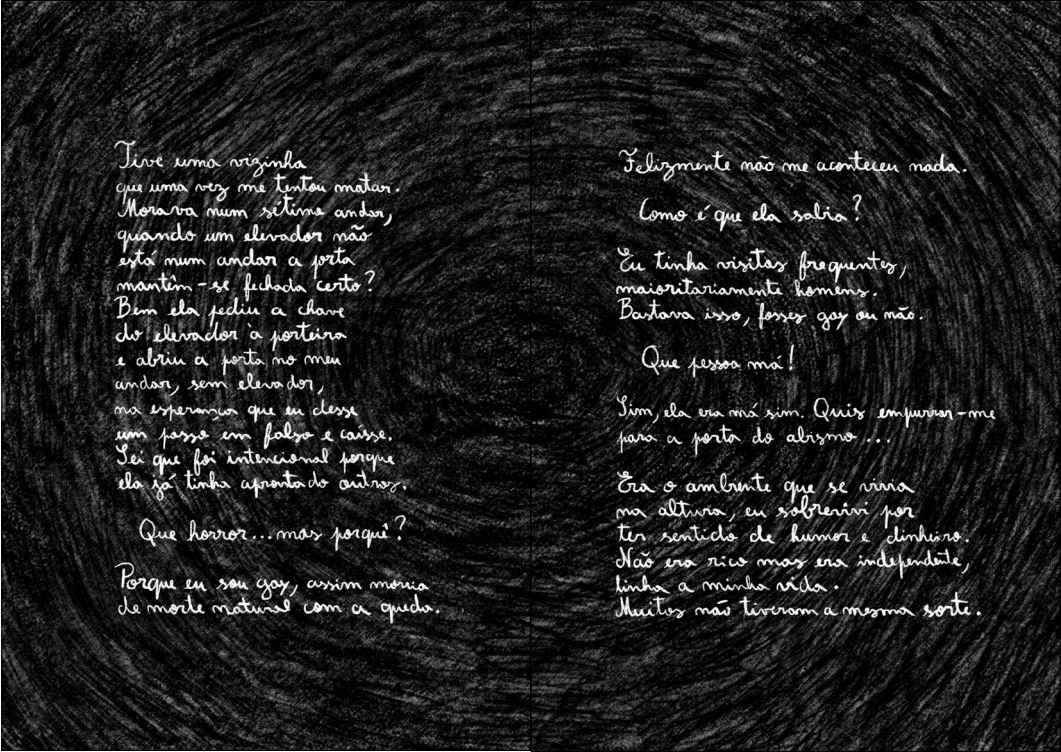
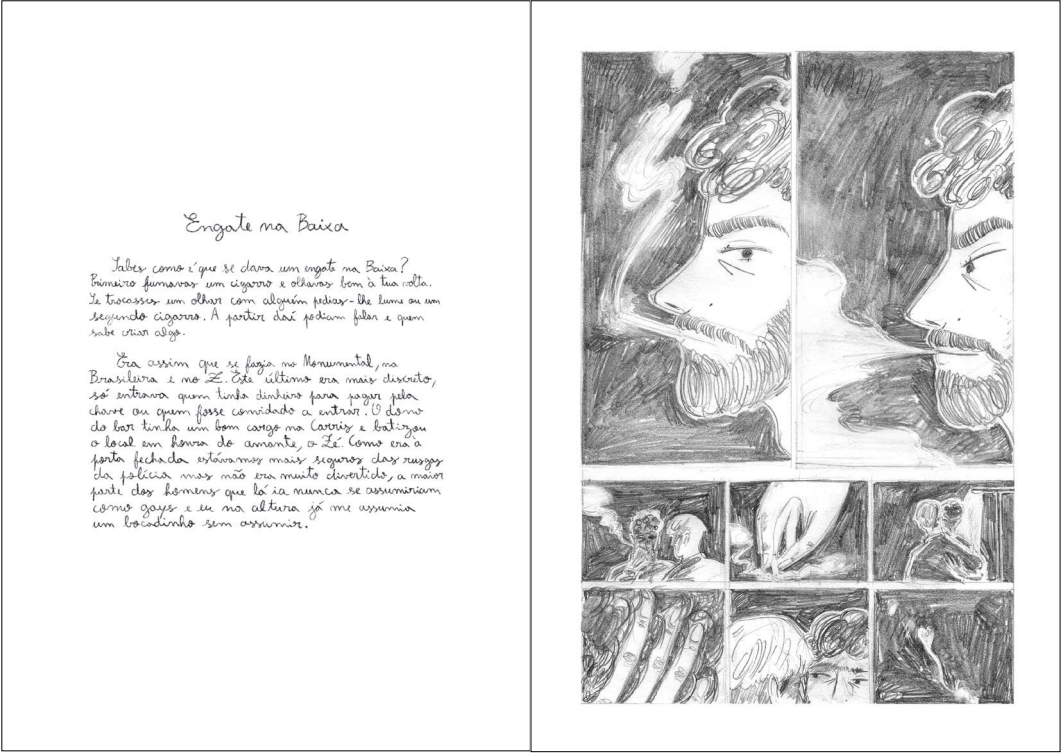
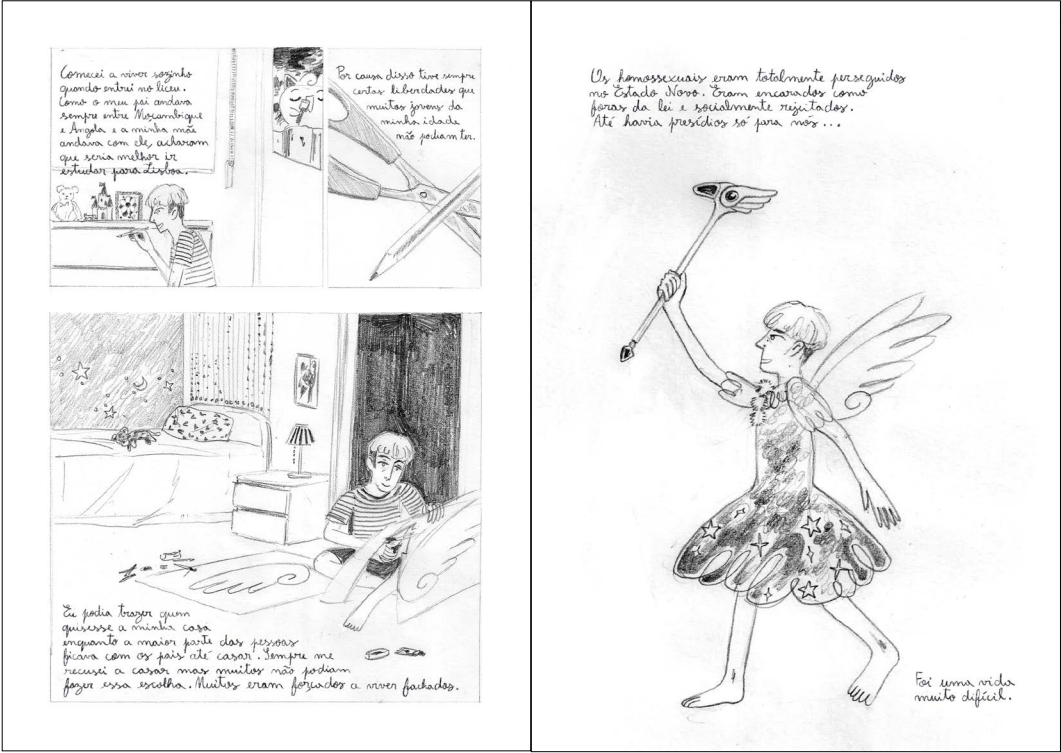


Figura 9- Em cima, à esquerda, spread do capítulo *Liceu*, em *Cinquenta e Três Anos*.

Figura 10- Em baixo, à esquerda, spread do capítulo *Porta do Abismo*, em *Cinquenta e Três Anos*.

Figura 11- Em cima, à direita, spread do capítulo *Engate na Baixa*, em *Cinquenta e Três Anos*.

2.3. Ilustração, Edição e Maquetização

Os primeiros testes e esboços para a representação visual da narrativa surgiram em simultâneo com a redação do texto. Durante esta fase era ainda incerta a abordagem a tomar para as imagens. Foi definido que a representação literal das imagens não seria a melhor abordagem a tomar pois foi considerado que a mesma não se relaciona com a abordagem poética do ilustrador e que esta não exprime a conexão intergeracional pretendida. Este modelo de representação foi também descartado ao ser considerada a distância entre o contexto social e temporal do ilustrador e dos entrevistados.

As primeiras tentativas de representação foram mais próximas da abordagem pessoal do ilustrador, tratam-se de ilustrações de carácter simbólico que não pretendem representar o texto mas sim acrescentar-lhe significados. Perante a temática da invisibilidade foi desenvolvida a ilustração *Amores Imaginários* (Introduzir e indicar a figura em questão). Já em reflexão sobre a quantidade de vidas perdidas perante a epidemia do HIV/SIDA, foi desenvolvida a ilustração *Silêncio=Morte* inspirada no cartaz *Silence=Death* utilizado pelo grupo de trabalho pela erradicação das doenças sexualmente transmissíveis ACT UP enquanto um símbolo de luta contra a epidemia e o estigma. Esta ilustração foi desenvolvida a pensar nos amantes e amigos que António Serzedelo revelara, em entrevista, perder para o vírus. Esta abordagem foi descartada por receio de dificultar a leitura da narrativa num objeto no qual se pretende que as vivências partilhadas sejam transmitidas de forma clara e com recurso ao carácter poético e emocional da ilustração de forma equilibrada. Porém, a ilustração *Silêncio=Morte* foi reaproveitada enquanto um poster que integra a publicação. Estes testes foram desenvolvidos através de uma técnica mista entre desenho a grafite e edição digital que tenho vindo a trabalhar enquanto ilustrador. O processo de criação destas imagens sucede da seguinte forma: início da ilustração em papel através de um esboço a lápis de grafite; trabalho dessa imagem e texturas, recorrendo por vezes a outros desenhos e esboços noutras folhas; as ilustrações e detalhes são digitalizadas e transportadas para o Adobe Photoshop, no qual se compõe a imagem final através do tratamento digital do desenho e texturas e da composição e colagem das mesmas.

Quando o foco narrativo foi redirecionado para a entrevista com António Serzedelo, foi ponderado o potencial narrativo das associações emocionais que fiz entre o conteúdo que Serzedelo partilhou comigo e as minhas memórias. Iniciou-se o processo de escrita nas diretrizes expostas no capítulo anterior e foi tomada a decisão de que o cruzamento narrativo intergeracional seria feito entre de uma narrativa visual silenciosa, que trabalharia as minhas memórias enquanto um jovem gay nascido na década de 1990 em Portugal, e um texto repartido entre monólogos e diálogo, sendo os diálogos entre mim e António Serzedelo, focado nas vivências que Serzedelo partilhou em entrevista.



Figura 12- *Amores Imaginários*, original a lápis de grafite, A4.



- *Amores Imanigários*, (2021)
João Rebelo

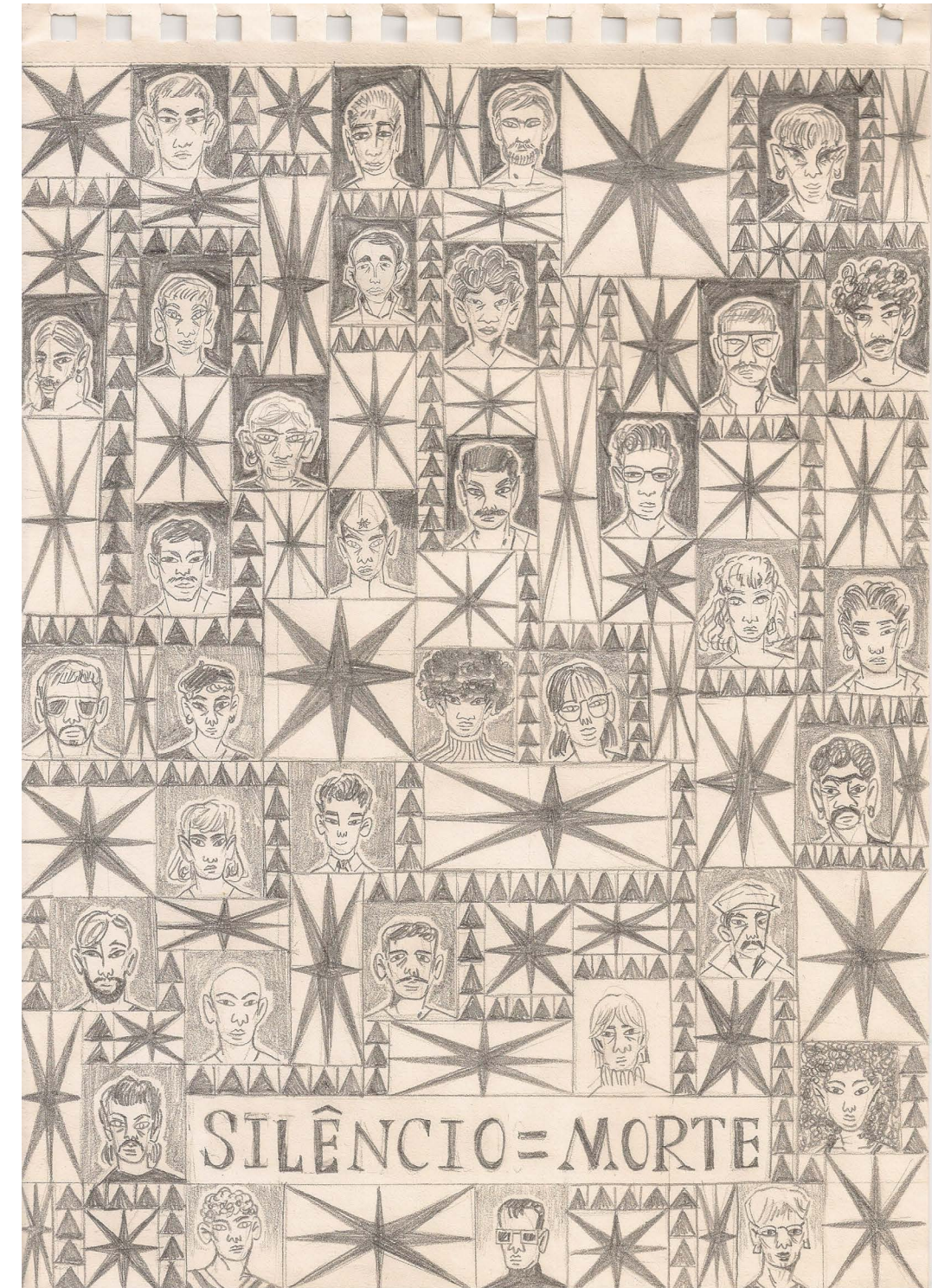


Figura 14- *Amores Imanigários*,
original a lápis de grafite, A4.

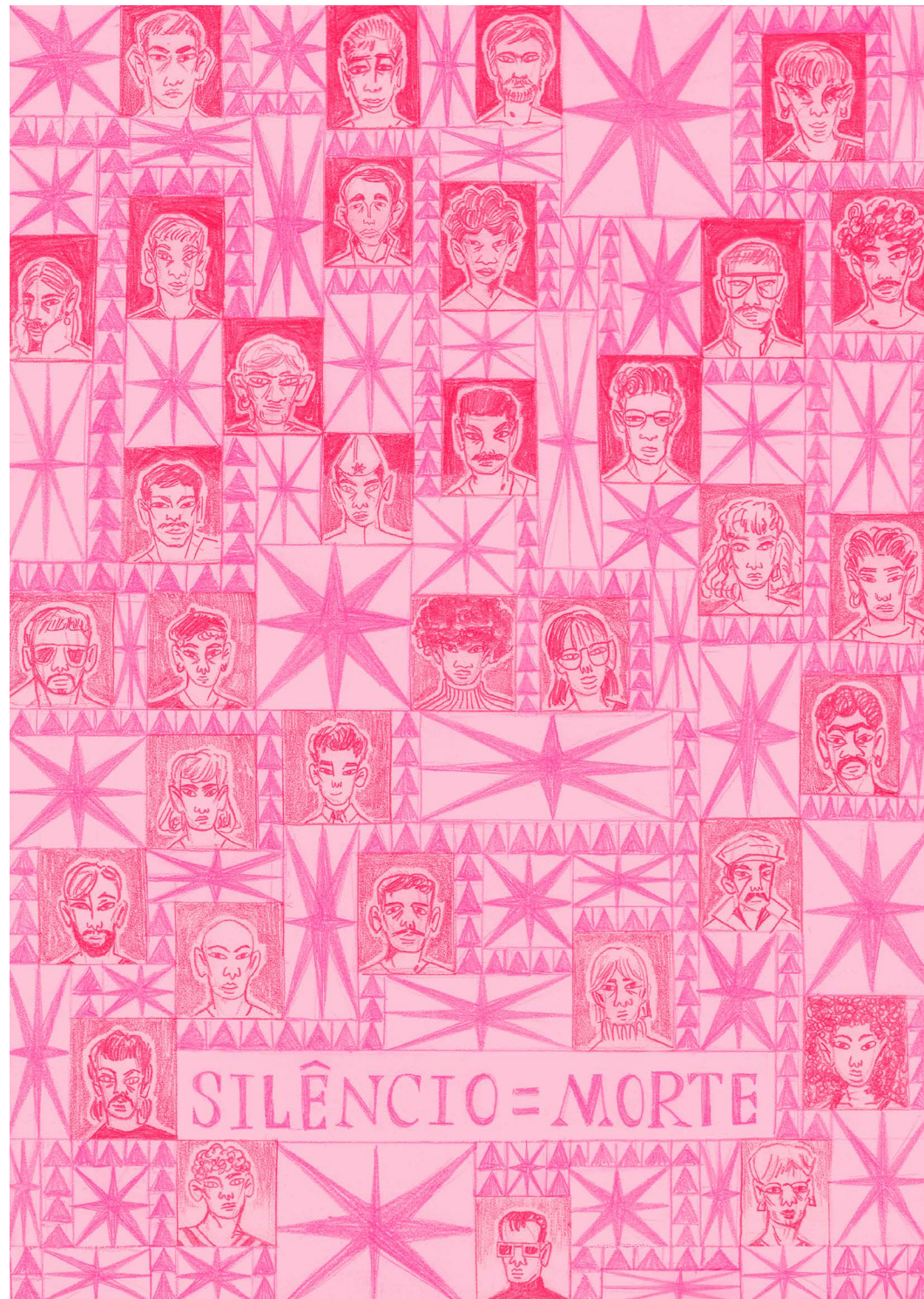


Figura 15- *Silêncio=Morte*,
técnica mista.

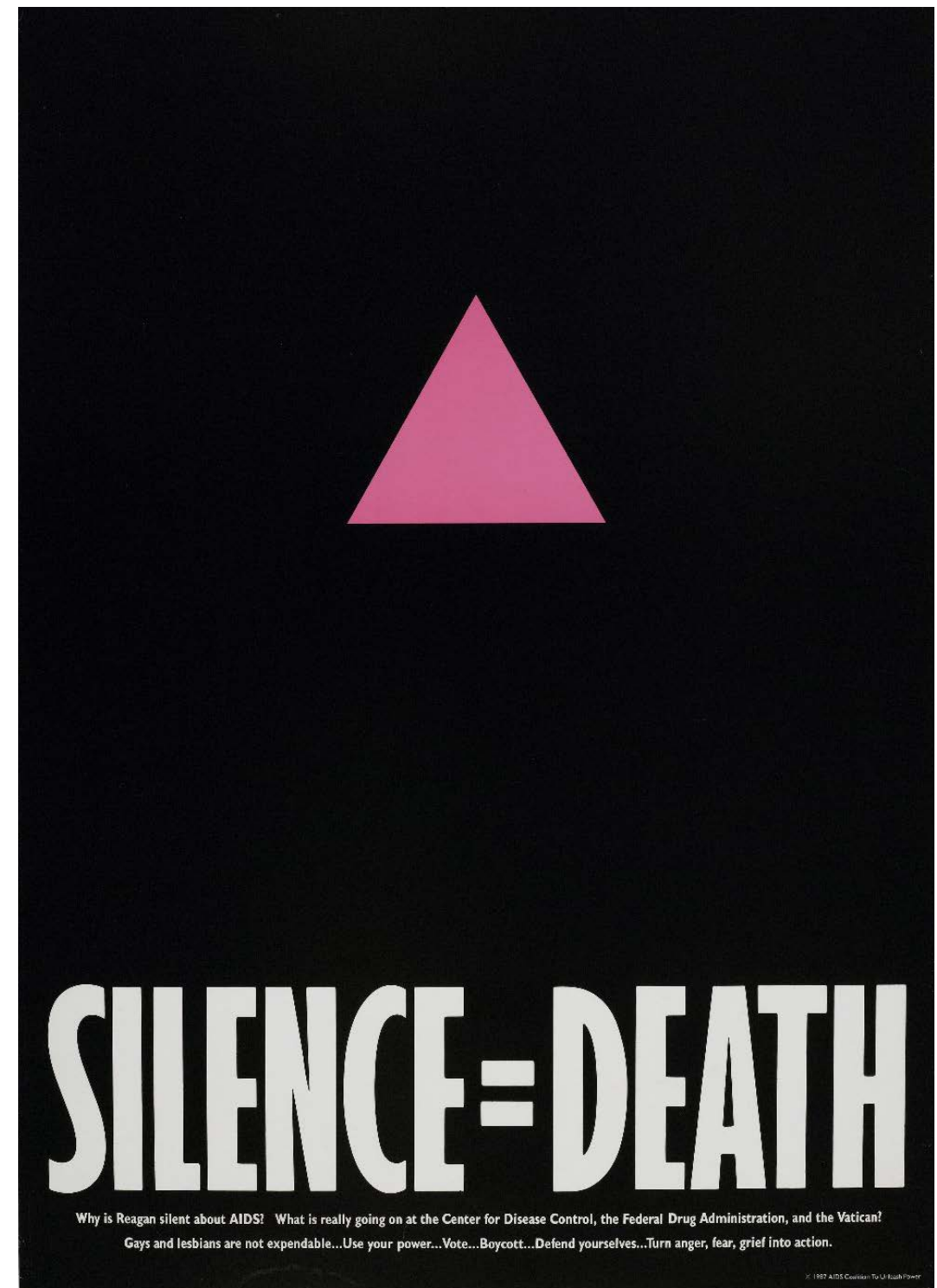


Figura 16- *Silence=Death*, poster de arquivo
retirado do site do Brooklyn Museum

No capítulo 1.3. O Álbum Ilustrado LGBTQ+, foi apresentada uma breve descrição do formato do álbum ilustrado enquanto um formato de exploração entre a imagem e o texto que pretende transmitir uma narrativa, um conceito ou uma mensagem. Considerou-se que, enquanto um álbum ilustrado, Cinquenta e Três Anos deveria aproximar-se, em certas características formais, do modelo da novela gráfica, características estas que também são partilhadas com algumas bandas desenhadas e mangás, tais como a utilização de sequências de imagens, através da estruturação da ilustração em prancha e vinhetas, para a representação narrativa. Foi também considerado que acrescentar variedade na abordagem da representação enquadra-se com o ritmo de leitura pretendido para narrativa textual, pelo que, tal como a narrativa textual, a ilustração da narrativa silenciosa serve-se de composições visuais regulares que acompanham os modelos e exceções já explicitadas no capítulo anterior.

Dá-se o nome de “prancha” à página de banda desenhada. Esta é constituída por “vinhetas”, o espaço onde se desenrola a cena, e a sua sequência, na horizontal, é chamada de “tira”. No caso de Cinquenta e Três Anos, a leitura das mesmas é feita da esquerda para a direita, de cima para baixo, seguindo o padrão ocidental de leitura da página. Para esta ilustração da narrativa silenciosa, recorreu-se a dez modelos diferentes de prancha exemplificados no esquema da figura 17, sendo que nove deles utilizam uma margem de 2cm⁵ a toda a volta e apenas uma utiliza a dimensão total da página, pelo que neste caso a ilustração é sangrada⁶. As vinhetas foram concebidas através de quatro modelos diferentes de tiras: a utilização de apenas uma ilustração nas páginas sem margem; o recurso à sequência de duas tiras, dentro das quais foram concebidos cinco modelos de prancha; o recurso à sequência de três tiras, dentro das quais foram concebidos três modelos de prancha; e o recurso à sequência de cinco tiras para a qual foi concebido um modelo de prancha. Entre tiras foi estabelecida uma distância aproximada de 1cm, já entre vinhetas foi definida a distância aproximada de 5mm. Optou-se que estes valores fossem aproximados pois considerou-se que uma estrutura demasiado rigorosa e fixa não complementa a sensibilidade da ilustração e o carácter pretendido para o projeto. Estas variações entre sequências de imagem foram projetadas para tornar a leitura dinâmica e estimular o leitor.

Como já fora referido, para as nove histórias construídas em volta das vivências partilhadas por António Serzedelo foram associadas representações visuais que, baseadas nas minhas memórias e associações, estabelecem narrativas silenciosas, sendo que essas narrativas iniciam-se e terminam com cada capítulo da seguinte forma: em *Introdução*, mediante a reflexão de Serzedelo sobre as palavras “paneleiro” e gay” associei uma visita à exposição *Double Trouble*, apresentada por João Pedro Vale e Nuno Alexandre em 2018 na Galeria Presença, Porto, na qual se podem observar peças que reivindicam politicamente esses termos; a *Liceu*, tratando-se de um capítulo que

5. As medidas apresentadas tratam-se dos tamanhos nos desenhos originais, que foram desenhados em tamanho A4, e não os tamanhos utilizados na publicação, para a qual foram reduzidas à escala para o tamanho A5.
6. Diz-se que uma imagem é “sangrada” quando a mesma se estende até à zona de corte do papel, a borda da página.

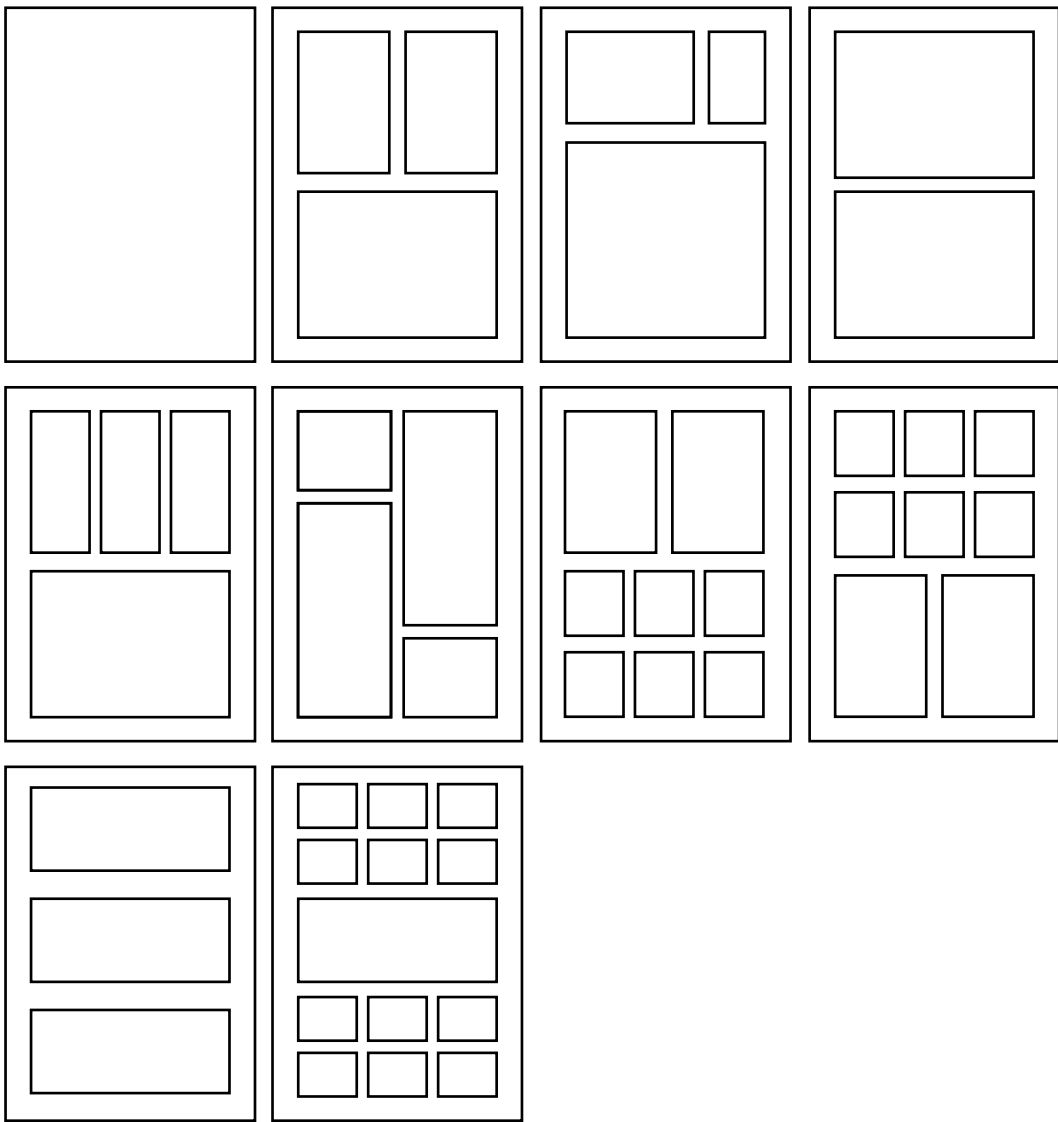


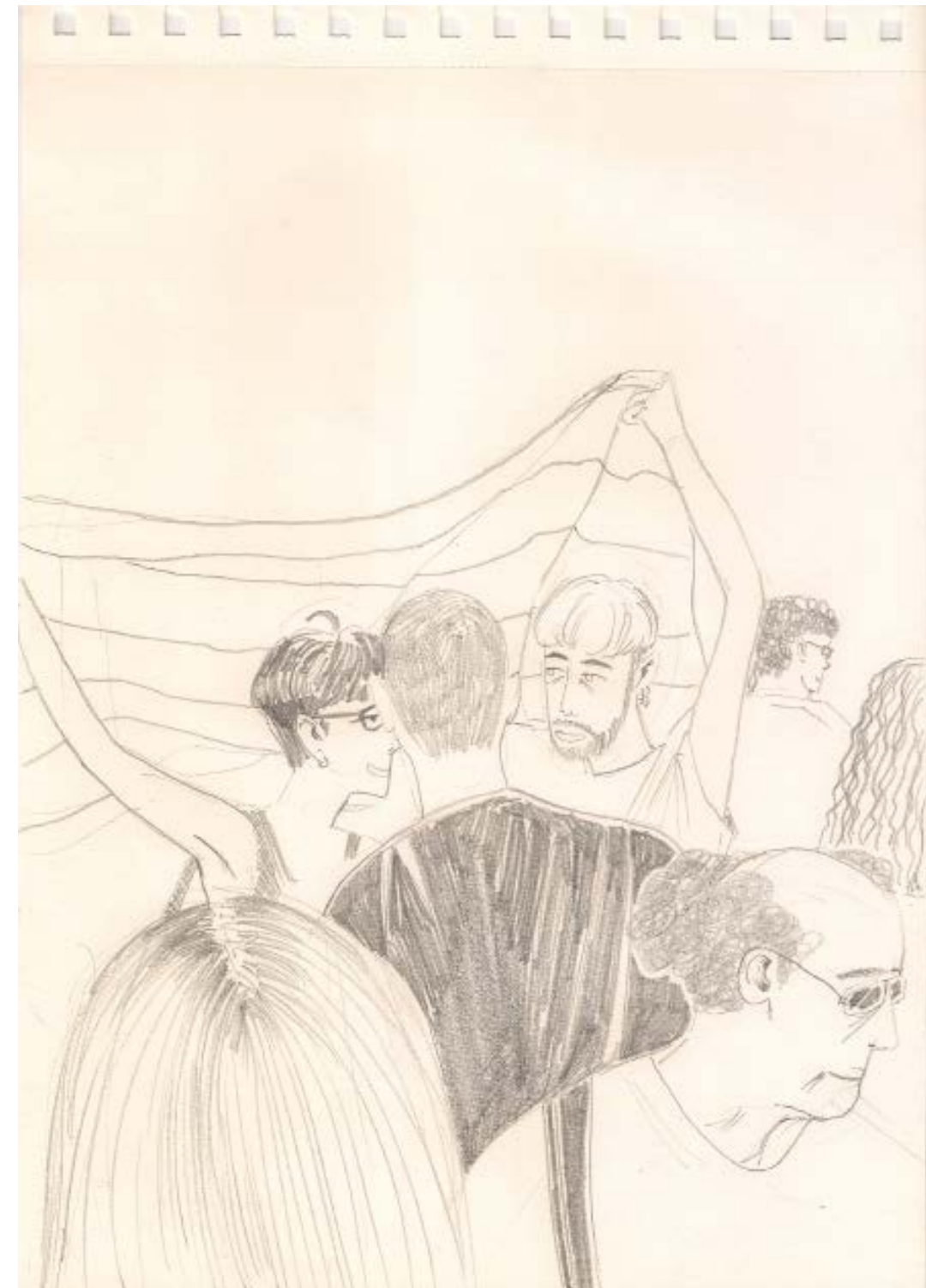
Figura 17- Esquema dos diferentes modelos de prancha utilizados.

contextualiza Serzedelo e aborda o privilégio que o mesmo reconhece ter em comparação a outros indivíduos da altura, foi associado uma memória de infância na qual foi me permitido explorar a minha criatividade sem restrições ou preocupações sobre qual o género que eu estava a performar, algo que considero um privilégio; em *Ary dos Santos e o Funeral do Urinol do Campo Pequeno* apresento uma das associações mais literais na qual represento um urinol abandonado no lixo; já *Porta para o Abismo* constitui uma exceção, já explicitada no capítulo anterior, no qual foi optado por se representar o abismo; *Um Engate na Baixa*, apresenta uma memória semelhante na qual me senti atraído pelo por um rapaz no ato em que o mesmo fuma um cigarro e se despede de mim com um abraço; a história sobre *O Ministro Gay de Salazar* foi associada à minha memória da personagem Count von Count do programa *Rua Sésamo*, uma personagem que especula-se ser queer e que corresponde ao ministro descrito nos trajes com que é apresentado; a *Tomi* foi associado um caso amoroso que tive e as diferentes fases pelas quais esse namoro passou, o primeiro encontro, o desconforto em sermos afetuosos em público devido aos olhares alheios e ao preconceito e, por fim, a uma viagem que fizemos juntos; a *Ruizinho* foi associado um outro caso amoroso que tive e que recordo com ternura; e por último *O Manifesto* foi associado à memória de participar na marcha do orgulho do Porto.



Figura 18- À esquerda, fotografia referencial para *Cinquenta e Três Anos*.

Figura 19- À direita, original produzido para *Cinquenta e Três Anos* com base na referência da figura 18.



As ilustrações foram desenvolvidas através de um processo semelhante ao método usado nos estudos iniciais. Este serve-se de uma técnica mista entre o processo de criação analógico e digital que parte de um desenho ou mais desenhos, feitos a lápis de grafite em papel, como base da ilustração a ser editada e composta digitalmente, através do programa Adobe Photoshop. Porém, para a abordagem selecionada, foi definido que o desenho analógico teria um peso maior pois pretendia-se que as ilustrações fossem trabalhadas a preto e branco. Esta decisão foi tomada por se entender que, desta forma, a sensibilidade da grafite seria preservada e que a delicadeza do desenho e simplicidade do seu tratamento cromático complementam o caráter emocional da narrativa que pretendem representar, da narrativa que procuram acompanhar, sendo este tratamento da ilustração visualmente coerente com a utilização da caligrafia ao longo do álbum ilustrado. Nesta abordagem, o tratamento digital das imagens do projeto, após a digitalização das mesmas, foca-se em: eliminar a coloração do papel; compor a ilustração no formato do álbum ilustrado, recorrendo por vezes à digitalização de diferentes desenhos e texturas e à colagem digital; e executar correções na digitalização do original, tais como apagar linhas que perturbam a leitura do desenho, alterar a escala de certos elementos, prolongar texturas e linhas e acentuar os tons de negro e texturas. Para o desenvolvimento de algumas ilustrações recorreu-se à utilização de fotografias, tiradas por mim, como inspiração visual para as mesmas, tal como é o caso da relação entre a figura 18 e a figura 19.



Figura 20- Em baixo, à esquerda, exemplo de edição no qual foi alterado o enquadramento e removida a textura.

Figura 22- Em cima, à direita, originais necessários para a composição da figura 23.

Figura 23- Em baixo, à direita, exemplo de edição no qual a ilustração foi composta digitalmente.

Após a ideação de um storyboard inicial foi essencial definir, numa primeira abordagem, as ilustrações chave do objeto. As mesmas foram desenhadas com diferentes lápis de grafite 2B, 3B, 4B e 6B, em papel fabriano de 90gm, em nenhuma ordem em particular. Após a edição digital necessária, explicitada no parágrafo anterior, às ilustrações produzidas foi sobreposto o texto, com o sentido de confirmar a coerência visual do objeto. Surgiu a necessidade de retrabalhar o storyboard várias vezes com o objetivo de equilibrar a relação da imagem com o texto e o ritmo do álbum ilustrado.

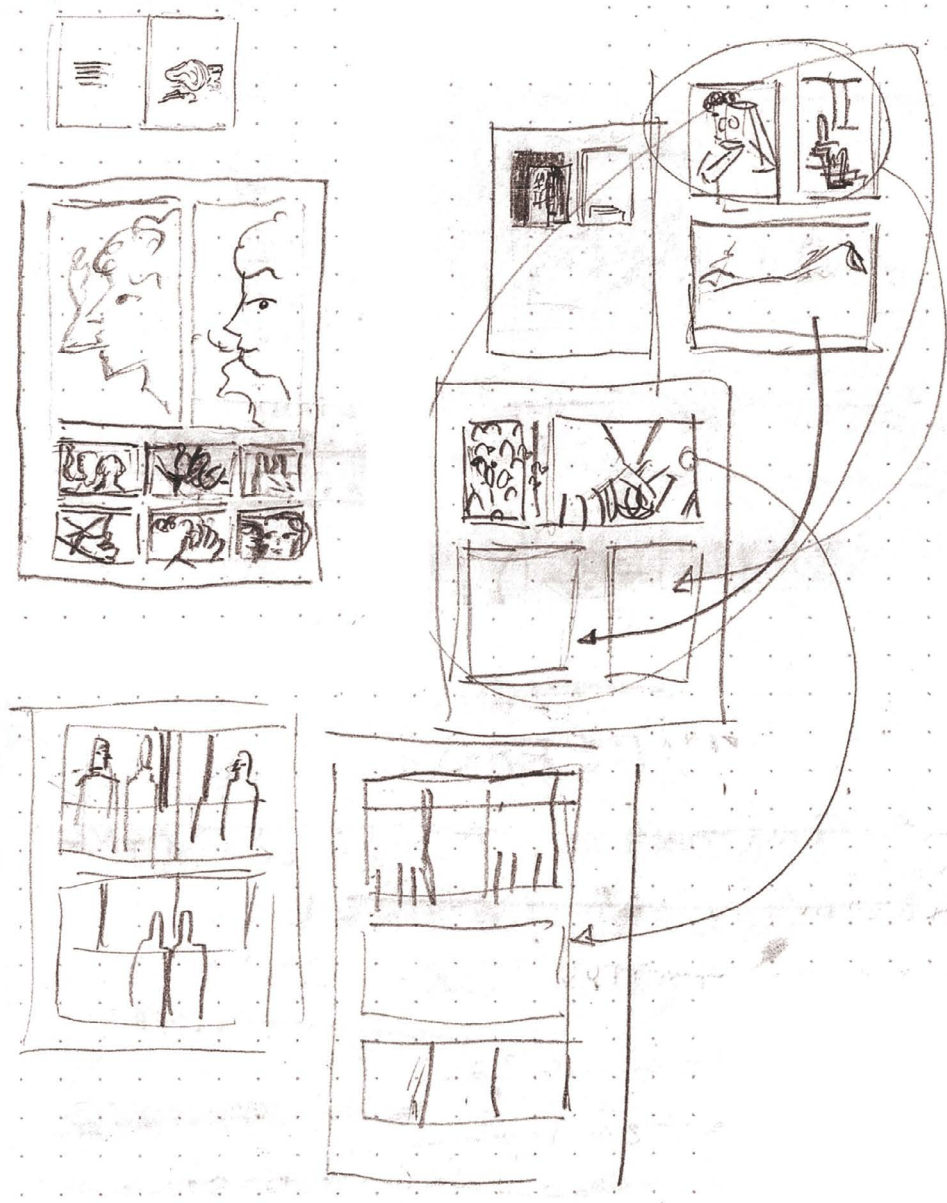


Figura 23- Digitalização de um dos storyboards (1)

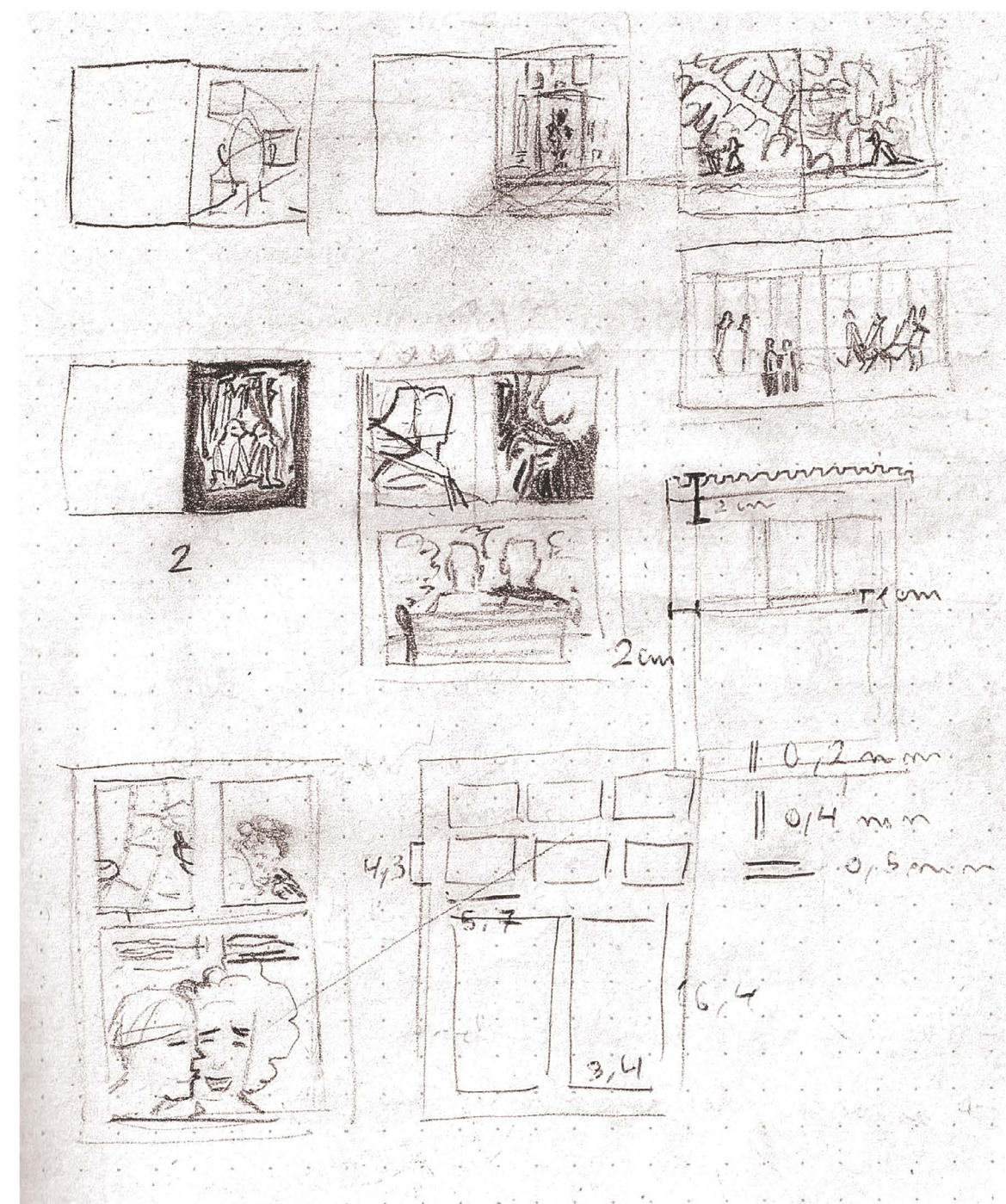


Figura 24- Digitalização de um dos storyboards (2)

Para a capa, optou-se pela utilização de uma cor, o cor de rosa (#ea7ed4), assim como o preto e o branco. A escolha desta cor foi inspirada pelo “triângulo rosa”, um símbolo originalmente criado para identificar homens homossexuais em campos de concentração nazis e que fora ressignificado na década de 1970 enquanto um símbolo de luta e libertação do movimento gay. A ilustração da capa foi inspirada nas obras da exposição Double Trouble, apresentada por João Pedro Vale e Nuno Alexandre em 2018 na Galeria Presença, Porto. Esta exposição apresentou um conjunto de peças impressas em tela que se aproximam do poster e da propaganda publicitária para apresentar relações entre visibilidade, identidade e apropriação. Foi a primeira relação que fiz entre a minha memória e as vivências de Serzedelo e uma das que trabalhei no álbum ilustrado, ao conectar as reflexões de Serzedelo sobre o significado da palavra “paineleiro” e “gay” com as peças que vi em 2018 e que reivindicam politicamente esses mesmos termos. Optou-se por projetar o livro para o tamanho A5 e foi selecionado o papel munken pure de 120gm para o miolo por se considerar que este papel complementa as ilustrações do objeto e que este formato proporciona uma boa leitura do mesmo. Este formato permite também uma edição com custos de produção mais acessíveis e é valorizado pela capa dura que atribui materialidade e peso ao objeto. Optou-se também por não projetar uma lombada e por tornar a costura e os cadernos visíveis por se idealizar que estas escolhas complementam visualmente o objeto.



Figura 25- Anger (paineleiro), 2018, João P. Vale + Nuno Alexandre, retirado do site dos artistas



Figura 26- Esboço da capa de *Cinquenta e Três Anos*



Figura 27- Capa de *Cinquenta e Três Anos*

Cinquenta e Três Anos separaram
duas realidades: a de António,
um homem gay que viveu o regime
ditatorial em Portugal, que
acompanhou o 25 de Abril e que
participou no primeiro movimento
pela liberdade e diversidade
sexual, e a minha, um homem
gay nascido na década de 1990,
distante da opressão fascista mas
não do seu impacto social.

Entre o Estado Novo e agora,
o que mudou para a comunidade
LGBTQ+ em Portugal?
Bem, mudou tudo.

Figura 27- Contracapa
de *Cinquenta e Três Anos*

CONCLUSÃO

A investigação, reconstrução e preservação da história LGBTQ+ em Portugal é essencial para enriquecer a identidade da sociedade portuguesa. “A história e as estórias da homossexualidade portuguesa fazem parte da história de Portugal” e “essa parte da história” que “está apagada, esquecida, ignorada” (Almeida, 2010, p. 21) pode agora ser pensada, recordada e celebrada. Devemos refletir sobre as práticas discriminatórias do passado e do presente pois estas afetam toda a gente e alimentam uma “sociedade discriminadora” que “forma cidadãos e cidadãs menos livres e menos autônomos” (Almeida, 2010, p. 13).

O regime ditatorial fascista que o Estado Novo representou teve consequências profundas na sociedade portuguesa que perduram até à atualidade. É essencial refletir sobre o apagamento brutal que a comunidade LGBTQ+ sofreu durante esse período e reivindicar as vozes que foram censuradas e perseguidas por não corresponderem a um ideal heteronormativo e cisgénero preconceituoso e discriminatório. Tal como referi ao longo do relatório, preservar a narrativa das minorias é ressignificar as suas vivências, dignificar e validar as suas experiências e permitir que as mesmas possam ser transmitidas entre gerações. Pensar sobre o passado permite-nos refletir sobre o presente, valorizar as conquistas alcançadas e projetar o futuro que queremos para nós, para quem nos é próximo e para a nossa comunidade.

Cobrir todas as variantes identitárias da comunidade LGBTQ+ em Portugal e localizar indivíduos *queer* que tenham experienciado o Estado Novo e/ou a democracia após o 25 de Abril revelou-se uma tarefa muito maior do que o antecipado e impossível de realizar por apenas uma pessoa, dentro dos prazos acordados. O desenvolvimento de um álbum ilustrado, desde a sua ideação à sua maquetização, é um processo longo e exaustivo, pelo que o objeto obtido antecipa a escala que este projeto poderá alcançar caso continue a ser desenvolvido e caso seja conseguido o financiamento e o apoio adequado à escala que o projeto procura ter. No seu estado atual, planeio que seja lançada uma pequena edição, de forma independente. Este projeto é um trabalho contínuo que não se encerra com o desenvolvimento desta publicação. A publicação desenvolvida permite que o projeto tenha um primeiro contacto com o público que será enriquecedor para definir os próximos objetivos do mesmo e através do qual se poderá confirmar o impacto das escolhas narrativas e visuais no leitor. Através da publicação de *Cinquenta e Três Anos* será então possível observar a resposta da comunidade LGBTQ+ a este objeto e o impacto que pode ter na cultura literária *queer*. Resta-me desejar que num futuro

próximo, considerando a minha prática enquanto ilustrador e a pertinência do tema, o projeto possa ter continuidade e que o seu objetivo inicial de representar de forma mais abrangente a comunidade LGBTQ+ portuguesa possa ser cumprido.

Quer no processo de entrevista quer na produção das imagens do álbum ilustrado procurei respeitar a história das pessoas que aceitaram colaborar com este projeto. Reconheço o peso e a fragilidade que a diferença acentuada entre gerações pode proporcionar no que toca à forma como as mesmas encaram a sua identidade e comunidade, especialmente dentro da comunidade LGBTQ+, e como tal procurei criar um objeto sensível que procura combinar a forma como cada geração vive a sua identidade e comunidade através das suas vivências. Este projeto é uma contribuição para a memória *queer* portuguesa, um espaço que tem o potencial de preservar, celebrar e transmitir as vivências e conhecimentos de indivíduos LGBTQ+ a outras gerações.





BIBLIOGRAFIA

ABRAHAM, Amelia (2019), *Queer Intentions. A (Personal) Journey Through LGBTQ+ Culture*. Picador

AFONSO, Raquel (2019), *Homossexualidade e Resistência no Estado Novo*. 1ª Edição. Ourém: Lua Elétrica.

ALMEIDA, Miguel Vale de. (1995) *Senhores de Si. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Consultado a 03 de nov. 2020. Disponível em: <<http://books.openedition.org/etnograficapress/459>>

ALMEIDA, São José (2009, julho 17). O Estado Novo dizia que não havia homossexuais, mas perseguia-os.

ALMEIDA, São José (2010). *Homossexuais no Estado Novo* (1ª). Sextante Editora.

ANTUNES, Filipa Namorado C. H. (2019). A REPRESENTAÇÃO VISUAL DE GÉNERO NA LITERATURA ILUSTRADA INFANTOJUVENIL O PAPEL DA ILUSTRAÇÃO NUMA COMPREENSÃO INCLUSIVA DA DIVERSIDADE DE GÉNERO (p. 100). Instituto Politécnico do Cávado e do Ave.

BAUMANN, J., White, E., & The New York Public Library. (2019). *The Stonewall reader: Edited by the New York Public Library / foreword by Edmund White ; edited with an introduction of Jason Baumann*. (5ª). Penguin Books.

BOLAN, Chris (Director). (2020, abril 29). *A Secret Love* [Documentário; Drama;]. Netflix.

BUTLER, Judith. (2017) *Problemas de Género*. 1ª Edição. Lisboa: Orfeu Negro.

CONNELL, Raewyn W. (2005) *Masculinities*. 2ª Edição. California: Univer-

sity of California Press.

DOWNS, Alan (2020). *The Velvet Rage* (2ª). Hachette Books.

ESTRELA, Joana (2014). Propaganda. Plana.

ESTRELA, Joana (2021). Paldalita (1a Edição). Planeta Tangerina.

FREIRE, Isabel (2010). Amor e Sexo no Tempo de Salazar (2a). A Esfera dos Livros.

GOMES, C. F. (Director). (2015). À Procura de António Botto [Documentário;]. RTP. <https://www.rtp.pt/play/p5584/e395853/procura-antonio-botto>

KLOBUCKA, Anna M. (2018) O mundo gay de António Botto. 1ªEdição. Lisboa: Sistema Solar, CRL (Documenta).

MATEUS, Ricardo Jorge de T. (2018). QUEERZINE—AS FANZINES COMO DESIGN DE IDENTIDADE QUEER (p. 80). FBAUP.

MURRAÇAS, André (2018). *Queerquivo* (Um Marido Ideal). Um Marido Ideal.

PEREIRA, Diogo Collar (Director). (2002). Mário Cesariny—Ama como a Estrada Começa [Documentário;]. <https://www.youtube.com/watch?v=7PTNQsfSq-No>

PITTA, Eduardo (2003). Fractura. A condição homossexual na literatura portuguesa contemporânea. Angelus Novus, Editora.

PLANETA TANGERINA. (2020). Álbuns Ilustrados. *Planeta Tangerina*. <https://www.planetatangerina.com/pt-pt/l/livros/albuns-ilustrados/>

SEDGWICK, Eve Kosofsky (1990). *Epistemologia do Armário*. Angelus Novus, Editora.

TRAIES, Jane (2018). Now You See Me. Lesbian Life Stories. Tollington Press.

VIGARELLO, Georges. (2018) História da Virilidade I. A Invenção da Virilidade. Da Antiguidade às Luzes. 1ªEdição. Lisboa: Orfeu Negro.

ANEXO I

- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA A ANTÓNIO SERZEDELO

05/11/21

J: Como é que identificas? Na tua sexualidade e na tua identidade de género?

A: Bem sou um homem não tenho dúvidas nenhuma, nunca tive, digamos, devaneios de transexualidade ou essas coisas e não digo isto de forma depreciativa, apenas o digo para não dizer LGBTQIA+ isso tudo.

Não descobri que era gay de um dia para o outro, aliás, para mim nem havia a palavra gay. Para mim havia a palavra paneleiro, invertido, maricas, palavras extremamente depreciativas. A palavra gay aparece muito mais tarde. A vida sexual no estado novo toda ela era reprimida, para todas as sexualidades. Na altura não conhecia transexuais, devia haver porque sempre houve, mas na altura não se falava de nada. Tudo era um tabu total. A primeira pessoa trans que conheci foi 25 anos depois do 25 de Abril, pelo menos que eu soubesse, é uma professora de egiptologia numa universidade e morreu de ataque cardíaco. É uma pena não me lembrar do nome dela, agora os nomes escapam-me imenso e eu devia prestar-lhe homenagem ao te dizer o nome dela mas não me lembro.

Havia uma repressão total, os heterossexuais eram obrigados a casar pela Igreja, A mulher não tinha passaporte, o passaporte dela estava adjunto ao do marido. O machismo era total, quer em famílias pobres quer em famílias ricas, embora talvez nas famílias ricas houvesse outra base de funcionamento. Houve mulheres que foram internadas em hospitais psiquiátricos por quererem divorciar-se dos maridos. Os maridos internaram-nas! Durante anos! Os anos que fosse preciso. Outras ficaram sem nada, foram deserdadas, tiraram-lhes os filhos, enfim fizeram às mulheres todo o tipo de tropelias.

Os homossexuais eram totalmente perseguidos, eram encarados como foras da lei. Havia presidido só para eles. Perseguidos, rejeitados socialmente, viviam uma vida de medo muito triste. Havia uma polícia de costumes composta por provocadores, homossexuais recalcados e deprimidos.

J: Eram os arrebatas?

A: Não, os arrebatas não eram polícia. Eram civis como tu ou como eu que batiam nos homossexuais e que a polícia fechava os olhos. Eram arrebatas porque te arrebatavam a cara. Bastava terem um palpite que eras gay, não era preciso seres propriamente. Se suspeitavam, davam-te porrada. Os jardins à noite, nessa altura, eram locais de encontro e de passagem e eles andavam por lá. Tu eras um tipo novo a passar pelo jardim e se fosses sozinho corrias o risco de te caírem arrebatas em cima. A mim aconteceu-me uma vez, estava no campo grande perto da feira popular, tinha deixado o carro lá um bocado mais abaixo do campo grande. Atravessei o jardim, olhei para ver se não via ninguém e reparei nos bancos dos jardins 3 casais que achei que estavam a namorar.

J: Casais hetero?

A: Ah sim claro, os gays não se atreviam a tentar namorar num jardim daquela forma. Ao ver aqueles casais achei que podia atravessar e que não corria risco. Quando estava a meio levantam-se os rapazes, deixam as raparigas e assaltam-me. Tiraram-me a carteira e o casaco de camurça que tinha comigo e começaram a arrebatam-me. Eu defendi-me mas apesar de tudo roubaram-me. Na fuga deixaram as minhas chaves do carro para trás e as raparigas desapareceram.

J: Que idade tinhas António?

A: Epah, devia ter 18 ou 19 anos. Nessa zona havia um quartel frequentado por jovens e tinham de andar fardados. Muitos desobedeciam e andavam na rua com roupa civil, então quando chegavam perto do quartel despiam-se naquele jardim e trocavam para a farda. Havia alguns gays que andavam por ali à volta para ver se tinham algum relacionamento com algum soldado e muitos tinham.

J: Era comum haver muitos encontros com membros da tropa?

A: Sim era, por um motivo simples: são jovens e tinham pouco dinheiro. Ganhavam o que se chamava o Pré, que era uma coisa ridícula, equivalia a 5/6€ por mês. Vinham da província, estavam sozinhos e não tinham ninguém. Alguns eram gays mas muitos não. Com os marinheiros era a mesma coisa mas nos Jerónimos. Chamavam-lhe as gaivotas porque vinham todos vestidinhos de branco com aquele chapéu com uma tira azul. Havia senhores que faziam filas enormes nos carros. Também havia os rapazes da casa pia que saíam à noite. Naquela altura seriam todos menores, a maioria era aos 21 anos.

J: Isto tudo estamos a falar de engates anónimos?

A: Sim sim.

J: Ninguém estabelecia outros tipos de relações? Para além do momento?

A: Alguns marcavam encontros para outras vezes, era mais seguro. Estou te a contar como era a vida mas não necessariamente a minha, a minha nesse dia foi atravessar a rua para ir para o carro e ser assaltado mas também me aconteceu ser assaltado quando estava a engatar. Aconteceu no campo grande e foi a polícia. Eu vinha com os copos e vi um avião a baixar para o aeroporto. Eu puxei um lenço que tinha e disse adeus ao avião. Havia uns policiais que pararam e saltaram-me em cima, disseram que estava a fazer sinais ao inimigo. Prenderam-me e levaram-me para a escadaria da faculdade de direito. Pararam o carro, mandaram-me esperar e ligaram para a PIDE e não sei para onde. Isto para te falar de repressão, ali não era nem gay nem hetero. Por detrás da escadaria da universidade havia um campo, uma espécie de floresta de capim que eu conhecia. Quando os vi distraídos eu meti-me por ali fora e não me apanharam.

Outra vez estava a passear por essa zona e desta vez não estava lá ingenuamente. Apareceram uns tipos que perceberam e vieram para me bater e fugi.

J: Mas aí pensas que foi porque essas pessoas te identificaram como gay?

A: Não, vamos lá a ver, naquela altura ninguém me via como gay, viam-me como paneleiro. Para eles, quer fosse verdade ou meia verdade eu era um paneleiro que estava ali a engatar, quer estivesse só a passar ou efetivamente a engatar. Estes eram os arrebatas.

Havia também a polícia, uma polícia de costumes, provocatória, que atacava sobretudo em urinóis públicos. Um tipo punha-se a mijar, a urinar, e vinha um e metia-se ao lado e fazia sinais. Se a outra pessoa respondesse, o polícia mostrava o cartão de polícia dos costumes e ia dentro. Depois dependia da condição social, se tivesses dinheiro davas uma gorjeta e escapavas, se não tivesses levavas uma carecada e levavas um processo. Na altura ninguém andava careca, se andasses queria dizer que tinhas feito algo e sido preso, era uma condição social. O processo era aberto e serias batido ou não consoante as gorjetas que desse. De 3 em 3 meses tinhas de dar alguma coisa para eles ignorassem o teu processo mais um bocado até passar o prazo. Só pessoas com algum dinheiro é que podiam fazer isto e não era pago oficialmente claro, era tudo por debaixo da mesa.

Eu nunca fui preso pela polícia, escapei sempre. Mesmo quando estive numa manifestação dos estudantes.

À entrada de bares em Lisboa por duas vezes também escapei por uma unha negra. Chamava-mos à polícia de Judites por causa de serem da judiciária. Tinha acabado de dar dois passos para fora do bar, eles chegaram e não sabiam se eu tinha acabado de entrar, sair ou se tava a passar.

J: Que bar era esse?

A: Ora é um no príncipe real... Oh desculpa tu não és de cá...

J: Se for assim um conhecido, se calhar sei qual é, não seria o Finalmente?

A: Uhm seria o Finalmente? Não, o Finalmente é mais em baixo. É um mais em cima mas agora não me lembro. Pronto eu saí e escapei porque tinha acabado de sair. De uma outra vez ia a entrar e quando cheguei vi que polícia estava a fazer uma rusga e passei por um passante.

J: Eles estavam a fazer rusgas por saberem que eram bares onde homossexuais se encontravam?

A: Sim sim sim! Havia ainda um outro que era o bar Z, esse era à porta fechada. O dono era um presidente da Carris e tinha um amante chamado Zé, por isso é que o bar se chamava Z. Nesse só entravam senhores que tivessem dinheiro para pagar a chave ou então jovens que fossem convidados a frequentar o bar. Eu e um amigo meu muito bonito, médico, íamos a esse bar. Não havia risco porque era à porta fechada mas não era muito divertido. Os senhores que lá estavam, e quando digo senhores refiro-me a homens com mais ou menos trintas que tinham dinheiro e que eram os tais que nunca assumiam e que viviam no armário com mulheres e etc. Eu assumia um bocadinho, assumia sem assumir. Permitia-me a certas liberdades que algumas pessoas não se permitiam por dois motivos: era estudante e tinha dinheiro, os meus pais davam-me dinheiro e eu também trabalhava. Esse bar era frequentado pela burguesia e eu também era burguês, desculpa falar tanto de classes mas era como as coisas eram nesse tempo.

Havia também as tertúlias na Brasileira do Chiado com poetas. Estava lá muitas vezes o José Carlos Ary dos Santos, o Óscar Alves que era meu amigo e outras pessoas, o Almada Negreiros, o irmão do poeta, um locutor de televisão que não vou dizer o nome porque ainda é vivo. Fazíamos uma tertúlia de conversas.

Voltando aos urinóis quando fecharam o do campo pequeno o Ary dos Santos e outra pessoa de quem não me estou a lembrar do nome, foram lá por um ramo de flores como quem põe um ramo a uma pessoa que morreu.

Os que eram pobres iam parar à mitra, era uma espécie de local onde as pessoas eram postas com aqueles fatos às riscas como se vê nos filmes americanos e onde podiam ficar eternamente. Se não tivessem família que os fosse buscar...

ring ring

Oh, deixa-me só atender.

J: Sim sim.

A: Senhor Fernando eu estou em casa, abro sim senhor.

Portanto eram pessoas que iam para lá passar a vida. Um sítio para onde iam

parar as pessoas que não tinham quem lhes pagasse a saída e onde ficam anos, esquecidas e perdidas.

Havia vários tipos de perseguições (aos homossexuais). Havia um ministro de Salazar que era gay, um beato desgraçado que andava sempre metido nas igrejas lá do Chiado. AH! Entre entre se faz favor, desculpa fazer uma interrupção. Então esse ministro engatava rapazes e era o gajo que tutelava a televisão, os rapazes que ele via que tinham algum jeito metia-os na tv mas se eles não faziam o que queria eram logo despedidos. Esse gajo andava sempre com um sobretudo preto com um ar sinistro mas era um ministro bem querido de Salazar e claro que o Salazar sabia bem que ele era homossexual. Lembro-me de o ver passar quando estava na Brasileira, sempre a ir rezar o terço às igrejas.

J: Uma pergunta, no meio de um clima tão hostil como é que conseguias conhecer pessoas e estabelecer conexões românticas?

A: Românticas? Isso eu quase que te digo que é uma fantasia tua, era muito difícil nesta altura encontrar conexões românticas, mas havia algumas pessoas que tinham quase por obrigação uma ligação que eu não sei se era romântica porque era a única forma que terem uma sexualidade estável sem sustos e portanto as relações demoravam mais tempo porque as pessoas não tinham alternativa. Não havia jornais, não havia internet, hoje tu dormes com um tipo e depois dormes com outro e isto naquela altura não era assim não é? Por exemplo, um engate na baixa dava-se desta forma: tu fumavas e depois pedias a uma outra pessoa que já tivesse olhado para ti se te dava um cigarro ou se te dava lume, depois a partir daí é que se podia estabelecer uma relação. Um outro café onde havia engates era no Monumental, um café de estudantes. As relações românticas eram duradouras por um lado por isso, não havia muitas alternativas, outras vezes não eram justamente pela repressão e um medo que se tinha de que se viesse a desconfiar.

J: Pois porque também não poderiam ser vividas de todo.

A: Pois, não podiam ser vividas exatamente. Eu não me lembro nessa altura de ter tido relações românticas propriamente dito se não com um rapaz que conheci no parque Eduardo VII, depois de sair da rádio. Ali entre aquelas duas colunas altas onde agora há o monumento ao 25 de Abril, ele ia a passear e eu tinha acabado de tirar o carro. Ia muito devagarinho e ele olhou muito para dentro do carro. Eu parei o carro, falamos, depois ele entrou e depois viemos a ser grandes amigos, muito grandes amigos durante muito tempo. Ele era estudante de arquitetura, e infelizmente morreu. Esta foi uma relação que durou muito tempo, ele era muito divertido e viajamos bastante mas não a gente se assumia como hoje se assume não sei, não havia as palavras para exprimir.

J: Sim pois...

A: Dávamo-nos bem, íamos a muitos sítios um com outro e tínhamos idades

próximas.

J: Que idade tinhas?

A: Ora nessa altura devia ter 27 ou 28 anos, ele era mais novo mas pouco mais novo. Penso que teria 21 ou 22. Dávamo-nos muito bem, nem sei se não moramos juntos, não me lembro bem. Só nos separámos porque ele era de Angola e queria regressar. era a terra dele. Eu disse-lhe: Não vás! Não vás! Não vás! Aquilo lá está tão perigoso... Morreu de SIDA coitado e não havia lá tratamento. Para mim foi um desgosto grande quando soube, perdi um amigo, não um amante. Durou muito tempo aquele romance a que não chamávamos romance mas que hoje olho e vejo que era um romance, hoje à distância é que vejo que era um romance.

J: Hoje vês com outros olhos.

A: Hoje é que vejo com outros olhos. Nem sei se ele ia para a cama com outros mas também nem me interessava porque eu sabia que ele era meu amigo. Nem eu me lembro se eu ia para a cama com outros, não me lembro, e não estou a armar-me em ingénuo, mas creio que não iamos porque estávamos tanto tempo juntos que nem dava tempo para outras aventuras, nem precisávamos. Agora já não me lembro, foi tudo à tanto tempo.

J: A questão da exclusividade era algo relevante para ti?

A: Não sei se seria, é que também hoje não sei se é importante. Claro que é mais bonita uma relação que seja exclusiva e não desdenho disso, mas nessa altura eu nem sei se nós pensávamos tanto nisso. Sei que quando se é amigo é ser fiel, a amizade exige uma certa fieldade. Claro que podemos ser fiéis a vários amigos mas nesta altura se se tem um amigo com quem se vai para a cama é mais fácil ser-se fiel. Era se fiel por imposição social e por imposição íntima também. Não sou capaz de te responder, já foi há tantos anos que sinceramente até fico um bocadinho triste das coisas que estou a memorar. Tive 2 ou 3 namorados que morreram e que eram pessoas para mim superlativas, não é? E pronto este que passou era o Tomi, era filho único e foi um grande desgosto para os pais. Ainda visitei os pais mas entretanto morreram, claro.

J: Os pais sabiam que vocês tinham uma relação?

A: Não, não, acho que não quer dizer talvez desconfiassem, os dele. Os meus não sabiam, eu tinha casa própria e o meu pai era engenheiro e trabalhava em portos. A minha mãe estava com ele em Moçambique ou Angola, onde ele trabalhava. O meu pai e a minha mãe não viveram comigo, eu vivi com eles até ao liceu, depois vim para Lisboa estudar. Quando eles voltaram depois do 25 de Abril eu já tinha casa própria.

Ah olha deixa-me só dar umas instruções. Sim sim são esses dois aí no chão. Não sei porquê essas televisões não funcionam, estão aí os comandos.

Pronto depois tive um outro que foi o Ruizinho que era um tipo inteligentíssimo. Ainda hoje me faz falta a inteligência dele. Hoje ele teria 48 ou 49.

J: Ah! Ele era novo então!

A: Era novo era novo e era amigo do António Costa, frequentavam as mesmas tertúlias políticas. Foi ele que me disse (o Ruizinho) que devia ir à faculdade de direito ouvir o António Costa. “Este tipo um dia vai ser ministro” disse-me. Eu fui lá ouvir o António Costa e ouvi um discurso de que gostei muito, escondido atrás de umas cortinas porque não andava em direito e como tal não podia estar lá, aquilo era só para os estudantes da faculdade. Quando o Ruizinho saiu ele pediu-me para levar o António a casa e lá o levei para para dele no príncipe real. Eram rapazes e havia uma irmandade política, já na altura eram opositores do regime de forma discreta. O Ruizinho estudava cinema, na altura fez um filme para Sampaio e também me disse: “Olha que este vai para presidente da república”

J: O Ruizinho tinha olho!

A: Possa! Ele era muito inteligente realmente.

J: A tua perspetiva entre o namorado de que me falaste ao bocado (Tomi) e o Ruizinho mudou ou era o mesmo para ti devido ao clima que ainda se vivia?

A: Opah, tens de recuar muitos anos, a repressão era muito grande. Não tem nada a haver com hoje, as pessoas hoje fazem o que querem, deitam-se com o namorado, com a namorada, a três, com dois namorados e quando digo isto não quero impor nenhum sentido moral porque não tenho nada contra, cada um faz o que quer desde que seja responsável, mas naquela altura além da repressão social havia ainda a repressão do HIV, as pessoas tinham de ter algum cuidado porque era uma doença para a qual não havia nenhum remédio. Aliás o Ruizinho morreu de HIV, escreveu-me um poema lindíssimo antes de morrer que tenho aqui tão bem guardado que nem sei onde está e queria emoldurar. Ele foi a Inglaterra e quando ele me contou o que fez eu torci tanto para que ele não tivesse nada mas pronto. As perguntas que me fazes fazem-me sentido mas fazem-me sentido que para ti nada do que eu te estou a contar te faz sentido, é tão surreal e tão fora de tempo, tão tão indescritível que é difícil uma pessoa... Olha pensa que vais para um desses países árabes onde te cortam a mão se... pensa que é mais ou menos a mesma coisa. Houve pessoas que se suicidaram, pessoas que tinham a vida desgraçada por serem. Ainda hoje o digo, naquela altura um gajo que era pobre era paneleiro, depois quando apareceu a palavra gay uma pessoa que fosse de classe média alta era gay e não paneleiro.

A palavra gay aparece em Portugal vinda do Brasil e com ela também aparece a palavra bicha, que hoje é depreciativa. Comigo aconteceu uma coisa muito engraçada, estava no teatro da feira popular numa bicha e estavam uns brasileiros atrás de mim, isto já foi há muito anos, a conversar. Uma senhora aproxima-se deles e pergunta “é a bicha?” Ora um deles fica muito espantado e disse “é”. A mulher foi embora e ele diz “a

mulher é bruxa! como é que ela adivinhou?”.

Esta era a atmosfera. Havia pessoas que eram casadas e tinham estas aventuras mas tinham sempre de fazer um filho primeiro para provar que eram homens, Muitas vezes as mulheres sabiam mas fechavam os olhos.

J: Tu sentiste pressão por parte dos teus para para criares família e teres uma vida heterossexual?

A: Senti. A minha mãe de volta e meia apresentava-me donzelas para casar. Os pais delas ofereciam a casa, os meus o carro, os avós a geleira, esses tipos de coisas. Eu recusei sempre, nunca quis, até que a minha mãe desistiu. Nessa altura ia para a cama com mulheres mas não ia com quem a minha mãe queria, ia com quem eu escolhia. Eu até cheguei a querer casar com uma moça, que ainda hoje é muito minha amiga, e contei-lhe sobre a minha sexualidade. Ela disse-me: “Ah! Não te preocupes que isso no hospital resolve-se”, ela estava a falar do Júlio de Matos. “Há um médico que te faz um tratamento e isso passa” disse-me, é aquilo que hoje se fala e se chama de terapias de...

J: Terapias de conversão?

A: Sim, exatamente. Eu fui ao hospital e falei com um médico e submeti-me a esse tratamento.

J: Ah! Tu fizeste?!

A: Fiz sim senhor, durante dois ou três meses. O tratamento era à base de choques elétricos, passavam imagens de casais e quando eram casais homossexuais os choques eram dolorosos e desagradáveis. Não saltavas e batias com a cabeça no teto mas eram francamente desagradável. Se apareciam homens com mulheres davam-te um choque francamente agradável. Ao fim de dois ou três meses o médico fez uma avaliação do que estávamos a fazer, eu devia ter 29 ou 30 anos. A moça com quem eu tinha relações era minha colega de escola. O médico perguntou-me como é que eu me estava a sentir com tratamento, eu disse que me estava a sentir bem. De seguida perguntou-me como é que estava a minha atividade sexual com mulheres e eu disse-lhe que a minha performance tinha melhorado consideravelmente. Depois perguntou-me como é que estava com os homens e eu disse-lhe que também. Ele olhou para mim como quem olha para um caso incurável e perguntou-me o quê que eu achava que devíamos fazer. Eu disse que não era médico, que não sabia. Ele olhou para mim e disse “acho que é melhor não continuarmos”. Tive namoradas durante mais algum tempo, não é uma coisa que se desista, apenas enverguei pela vida que tenho.

J: Foi algo gradual para ti? Inicialmente identificavas-te como um homem hetero e isso foi mudando? Ou sempre sentiste algo?

A: Não posso identificar-me como tal, não me sentia assim mas também não me identificava como gay. Andava sem saber quem era e o que queria. Quando morava

num prédio na rua ***** sofreu um outro tipo de repressão. Tinha uma vizinha maluca que o que dizia à porteira ela fazia, maldades claro. Abriu a porta ao meu cão para ele fugir por exemplo. Uma pediu a chave do elevador à porteira para me fazer uma grande maldade. Quando o elevador não está no andar a porta não abre, ela usou essa chave para abrir a porta quando eu esperava para entrar no elevador para que eu desse um passo em falso e caísse no poço.

J: Credo... mas porquê essa picardia?

A: Porque eu era gay e assim morria de morte natural, por ter caído. Por acaso vi a porta e percebi que não havia lá elevador. Eu morava no sétimo andar, se tivesse caído no poço morria. Felizmente não me aconteceu nada e comecei a ser mais cauteloso.

J: Essas pessoas sabiam que eras gay?

A: Sim porque viam a frequência de pessoas que iam a minha casa, eram predominantemente homens.

J: Que pessoas más.

A: Eram más sim, era o ambiente que tinha na altura. Eu sobrevivi porque tinha sentido de humor e dinheiro, não era rico mas era independente. Tinha a minha vida, viajava, a casa era minha, queria lá saber do que a porteira ou a vizinha me diziam.

J: Tinhas mais amigos que vivam assim?

A: Ah não, muitos deles viviam com os pais. Eu podia trazer quem quisesse mas quem morasse com os pais não podiam. Eu comecei a viver muito cedo sozinho. Tive sempre uma vida muito livre e libertina no sentido em que fazia o que queria. Quando me perguntam como sou digo sempre: “sou livre, liberto, libertário e libertino”. Não sou sádico nem masoquista, mas não tenho nada contra essas práticas sexuais, nem contra quem tem vários namorados e namoradas. Se fosse jovem hoje se calhar até tinha dois namorados mas como estou agora só gostava de ter um de quem gostasse e que fosse recíproco.

Já me aconteceu envolver-me com tipo que estava casado mas apercebi-me que ele só estava casado para parecer hetero. Por acaso enganou-me bastante, fiquei surpreso quando descobri.

J: Ele passava por hetero?

A: Sim sim bastante, ele trabalhava numa companhia de aviação e convinha-lhe passar por hetero.

J: Como é que conheceste essa pessoa? Foi na noite?

A: Bem, isso já é uma pergunta pornográfica, penso que foi numa rede social.

J: Ah! Então foi mais recente.

A: Sim sim, há coisa de oito anos por aí.

J: Conheces muitas pessoas que ainda vivem assim com vida dupla?

A: Ora conhecer não sei se conheço mas que os há há. Conheço um gajo que vive assim há muitos anos e que a mulher não desconfia. Ele gosta muito de mulheres mas também gosta muito de homens.

J: Porquê que achas que ainda não conseguem ultrapassar esse armário?

A: Ainda há muitas pessoas que receberam uma educação extremamente “hetero-sexista” e ainda há muitas famílias que o são. Portanto, não viveram. Esta pessoa que conheço vive muito convicta do seu machismo.

J: Tenho mais uma questão relativamente ao manifesto pela liberdade das minorias sexuais.

A: Ah, o manifesto tem uma história, foi metade escrito em minha casa e metade escrito no Porto. Nós na altura já tínhamos viajado mas só tínhamos contacto com cultura francesa, não sabíamos o que tinha acontecido nos Estados Unidos, particularmente aquela célebre história do ataque àquele bar.

J: Stonewall?

A: Sim exato, Stonewall. O que nós fizemos era tudo derivado da cultura francesa e da forma como falavam das sexualidades. Éramos cinco amigos: o Jorge Lima Barrete, um grande homem do jazz, Eu, um tipo de arquitetura, um rapaz de economia, um grande amigo meu, e o “Helmut” um alemão que falava português e tinha nascido em Portugal. Já tínhamos discutido um pouco sobre estes assuntos e quando rebenta o 25 de Abril decidimos escrever um manifesto. Entreguei-o a dois jornais: o Diário de Lisboa e o Diário de Notícias. Isto fez com que um general da força aérea e capitão de abril fosse à televisão reagir ao manifesto e disser que revolução não se tinha feito para que prostitutas e homossexuais reivindicassem fosse o que fosse.

J: Sentes que esse manifesto teve muito impacto ou foi ignorado?

A: Teve muito impacto, fez um capitão de abril falar sobre ele na televisão nacional.

J: Pois, só mostra o quão não progressivo o 25 de Abril foi.

A: Não, nessa fase não foi. Também temos de pensar que o 25 de Abril foi feito

por militares e que ainda hoje na tropa é o que é. Claro que hoje já se sabe que há muitos rapazes no exercido que são gays, mas não se vê em lado nenhum que um capitão se casou com um capitão, nem vai aparecer tão cedo. Eu dou-me muito bem com alguns dos capitães de abril mas nunca falei com eles sobre estas questões, punha à porta toda esta vivência. Não sei se desconfiavam ou não, se o faziam nunca me apontaram nada.

J: Por volta de que altura é que sentes que as coisas mudaram para nós?

A: Para vocês, bem, estou a por me como se não fizesse parte, houve dois momentos. Houve um momento em que homossexualidade foi considerada legal e eu lembro de dizer “Agora somos legais, somos portugueses”, mas foi sobretudo quando foram aprovadas as uniões de facto, foi o grande primeiro passo.

J: Sentes que foi o que mais impacto teve?

A: Sim, sinto. O casamento foi muito importante mas as uniões de facto, aliás há muito mais vontade de viver em união de facto do que em casamento e isso foi muito importante para os casais gays e heterossexuais. As pessoas dão muito mais facilmente o passo de morarem com alguém e partilharem certas coisas do que casarem, alias eu sou casado com uma mulher.

J: És casado?

A: Sim, uma história muito simples. Eu queria ir com ela para a cama e ela deu-me com os pés. Ela sabia da minha atividade sexual e eu pedi-lhe em casamento. Ela levou muito a mal, é contra o casamento, fez uma arenga que quase fugi de casa, que era a minha. Ela morava comigo, ficou lá mais quatro ou cinco anos. Passado 18 anos ela pediu-me em casamento, ela é italiana e disse que lhe seria conveniente ficar com o meu nome. Como eu não tenciono casar com ninguém aceitei, já lhe tinha prometido seja como for. Ela até tinha um namorado que veio ao casamento e foi padrinho.

J: Espera vocês fizeram uma festa?

A: Sim, fizemos uma festa completamente hetero. Passado um mês ligou-me a dizer que tinha conseguido trabalho e que se devia ao meu nome.

J: Vocês continuam casados?

A: Sim, como não tenciono casar-me com ninguém nem ninguém se quer casar comigo assim quando falecer ela recebe a pensão de viuvez. Não vejo razão para me divorciar, é uma atitude gratuita. Não me faz sentido casar, se tivesse uma grande paixão ou romance talvez, mas nem tenho isso no meu horizonte. Não sei se felizmente ou infelizmente.

J: Bem, nunca se sabe!

A: Se aparecesse alguém sim, mas nem se põe esse cenário. Fica tudo dividido entre ela e os meus amigos.

J: Que conversa fúnebre.

A: Bem tu tens 20 anos, não tens de pensar nestas coisas nem deves mas eu tenho. Os amigos que me estimaram tenho de lhes deixar algo e melhorar a sua vida se puder.

J: Isso é muito querido da tua parte.

A: Não, acho que é o normal. As pessoas que nos amam e nos amaram temos de as estimar. Pessoas e não só, até há quem deixe para o cão. Bem é esta a minha vida, tenho sempre pessoas em casa mas vivo afetivamente sozinho.

ANEXO II

- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA A FABÍOLA CARDOSO

09/12/21

J: Eu nasci em 97, tu em 72, gostava de entender o quê que nós temos pelo meio.

F: Diz-me só duas coisas. Uma por mera curiosidade, és tu que vais desenhar?

J: Sim sou eu.

F: Ok. E vais escrever também?

J: Também sim, não vou utilizar nada dos áudios e das conversas em modo de citação direta. O que procuro com estas entrevistas é encontrar histórias e momentos para trabalhar.

F: Eu nasci em 72 como disseste, não vivi propriamente o Estado Novo e enquanto jovem não havia propriamente uma consciência muito direta da influência do Estado Novo da minha vida não é? Assim muito direta pelo menos. Se quiseses falar com outras pessoas mais velhas poderei até passar-te um ou dois contactos, particularmente de mulheres mais velhas têm outra consciência. Ainda assim acho que todos nós, até tu certamente, fomos influenciados por esta realidade que embora tão distante em termos

históricos ainda nos influencia, como antigamente, socialmente e politicamente, muito mais do que nós pensamos.

J: Uhmhm.

F: Há alguns episódios da minha vida que são muito interessantes e que estão diretamente relacionados com o Estado Novo e a história portuguesa. O primeiro aspecto é o facto de eu ter começado a minha vida como refugiada. Eu nasci em Angola. As histórias em volta do meu nascimento são histórias muito bonitas. No dia em que eu nasci já não chovia no sul de Angola há muitos meses. Havia uma grande seca, gado e pessoas estavam a morrer e no momento exato em que eu nasci começou a chover. Isso trouxe à minha vida uma aura, uma relação com a terra que eu não conhecia na altura, apesar de eu ter crescido na Beira Baixa, que era uma zona muito pobre, uma zona muito desertificada... A minha mãe tinha uma expressão muito gira, dizia assim: “só havia velhas e burros filha”. Não havia mais ninguém, não havia jovens, não havia famílias. As crianças estavam com os avós.

Apesar deste meu início de vida num sítio tão hospitálio onde eu bebia biberões de sumo de maracujá, onde o meu avô me ia buscar para dormir em casa dele porque tinha ar condicionado, apesar dessa enorme esperança e alegria que rodeou o meu nascimento, a partir dos 3 anos eu sou arrancada, eu e toda minha família deste sítio, e vim para um país que não conhecíamos, que tínhamos...que não era o nosso como era o caso da minha mãe, do qual tínhamos saído por muito boas razões e que se mantinham no caso do meu pai e apesar de nós não termos esta consciência ainda hoje em Portugal, de um milhão de pessoas algumas regressaram a casa mas a maior parte veio para um país que não conhecia, um país que em muitos casos tinham escolhido abandonar pelas razões das mais variadas.

Portanto, isto está relacionado diretamente com a história política do nosso país, não é? Para mim foi assim, mas para outras pessoas teria sido o contrário, foi deixarem uma vida de liberdade e de uma certa leveza, até em questões LGBT, e virem para um país arcaico, atrasado, castrador, cheio de medos. Há este apontamento da minha vida que tem a haver com isto.

J: Quando regressaste fixaste-te onde? Em que sítio?

F: Eu vim para uma aldeia muito pequenina da Beira Baixa, onde os meus pais tiveram de construir uma casa de banho e tiveram muita sorte por ter uma casa. Os meus

avós foram viver para uns currais abandonados que um familiar tinha. Eu, que cresci e nasci numa cidade, vim para uma aldeia minúscula na Beira Baixa onde tive uma avó maravilhosa que me ajudou a ter uma infância feliz e uma mãe que, assim que pode organizar a vida dela, saiu dali e fomos morar diretamente para a rua principal de Castelo Branco. Mas de facto há ali um momento fundador, uma coisa que fica e que ao mesmo tempo que me deixou coisas boas também me deixou muitas coisas más. A minha mãe dizia muitas vezes, e eu sou uma mulher de esquerda, ainda por cima por ser lésbica, que celebro com muita alegria o 25 de Abril, a minha mãe dizia-me sempre: “ não tens nada que celebrar, a tua vida teria sido muito melhor se isto não tivesse acontecido”.

J: Pois...

F: Há aqui uma consequência direta do que esta violência significou para as pessoas de muitas maneiras. Isto é um trauma que ainda hoje não é uma coisa muito falada para Portugal. Acresce também que isto foi uma coisa que trouxe muitas coisas boas para quem cá estava. Houve uma enorme ostracização social, foi uma injeção de sangue novo, de mentalidades novas e de práticas novas. Estas pessoas transformaram este país. Uma coisa tão simples quanto tomar banho todos os dias era uma prática que resistia em Portugal portanto não fazia sentido não é? Era o país que tínhamos. Despertou muitíssimas transformações. Eu ainda hoje digo que nasci em Angola, se fores ver os meus pequenos currículos para entrevistas e essas coisas eu faço muita questão de dizer que nasci em Angola porque acho que é muito importante que não se esqueça que houve este passado, tão próximo de nós, e que continua a ser tão relevante.

Ainda agora com estas questões do COVID, Portugal tem uma data de ligações a Angola e Moçambique faz de nós um caso muito especial, até em termos de negócios. Nessa altura em que eu nasci as bombas de gasolina, e até bem há pouco tempo atrás, esteavam a bandeira Angolana no meio da Beira Baixa, no meio do fim do mundo. Perto dessa aldeia a Isabel dos Santos ajudou, com dinheiro angolano, a construir o hotel rural, há relações muito fortes que tem a haver com música e comida e que estão aí presentes. Não se tem uma utilidade para o teu livro ou história mas é uma referência.

J: Tem claro, marca o início, o teu background cultural. Não sei se conheces, eu falei com o António Serzedelo.

F: Conheço, claro, o António é outro dinossauro, ainda mais dinossauro que eu.

J: Ahaha é mesmo e é um senhor muito querido, gostei muito de falar com ele. Ele estudou em Portugal e viveu sozinho desde o liceu, tinha os pais em Moçambique. Por causa disso teve um outro tipo de liberdades enquanto um homem gay, embora na altura nem soubesse que era um homem gay pois apenas saberia que tinha relações com homens e mulheres. Ele teve liberdades, que reconheceu terem sido muito diferentes das de outras pessoas da mesma época. Tu sempre te identificaste enquanto uma mulher lésbica? Sempre percebeste o que isso era para ti?

F: Por acaso isso era uma das coisas que queria falar contigo e que vejo como consequência da figura fascista que tivemos neste país durante 50 anos. Eu não conhecia a palavra. Eu não conhecia o conceito. Eu nunca me passou pela cabeça que existisse, que fosse possível. Se calhar é difícil para alguém tão jovem quanto tu que a realidade se pode sobrepor desta forma. Referiste que ele se calhar não tinha consciência de que era um homem gay ou um homem bi, eu apaixonei-me pela primeira vez tinha 13 anos e a primeira coisa que eu pensei foi “eu sou um homem, se calhar estou enganada e sou um homem.” A consciência de que eu estava interessada amorosamente numa rapariga e o meu vazio cognitivo, intelectual, conceptual sobre o assunto era de tal ordem que eu não conseguia chegar ao conceito de lésbica. Não tinha essa referência, nem positiva nem negativa. Tal coisa nem me passava pela cabeça. Entre o cosmopolitismo da minha mãe, que depois vim a saber que teve amigos gays em Angola e tinha consciência da palavra, e a minha avó que sendo uma mulher do campo que não sabia ler nem escrever mas sabia tudo da vida, quando os meus filhos nasceram ela quis ver se não eram intersexuais porque para ela isso era normal, ver se eram ou não eram intersexuais. A percentagem de crianças e cabras e animais que eram intersexuais era tão grande que ela queria ver. Entre esta mistura de mundos eu não tinha a ideia. Isto resulta de uma cultura de silêncio, opressão e invisibilização de toda a sexualidade em geral e em particular a de toda a sexualidade que não fosse heteronormativa, reprodutiva e aprovada pela igreja.

Eu não saber o conceito, eu desconhecer o conceito, também era uma demonstração, um sintoma, uma consequência direta do Estado Novo, desta lógica que se sobrepôs às pessoas e que se sobrepôs a influências internacionais da minha mãe que vinha com a largueza de espírito de quem vinha de uma colónia, com tudo o que trouxe de horrível e também com os contactos que trouxe com outras pessoas e uma outra sociedade baseada noutras maneiras de estar. No caso da minha avó, esta influência impôs-se ao conhecimento natural, empírico, que ela tinha da vida, real, concreto.

Quando eu me apaixonei pela primeira vez, fiquei assustadíssima. Isso levou-me a pro-

curar ajuda, isso levou-me a procurar informação, isso levou-me a tentar perceber o que aquilo era e quem eu era. Os meus amigos, já na altura, apesar de eu nunca ter pegado num livro enquanto vivia na aldeia, quando me mudei para a cidade a ausência do exterior fez-me descobrir os livros e foi nos livros que eu fui procurar. Aquilo que hoje qualquer miúdo faz nas internet eu fiz na biblioteca da escola, na Gulbenkian, em Castelo Branco, na biblioteca municipal, eu andei a saltitar de ideia em ideia e palavra em palavra até encontrar os sodomitas, os pederastas, os uranistas, palavras antigas mas que estavam nos livros. Até encontrar as sáficas, as tribades, até encontrar o conceito de lésbica.

O que diziam os livros na altura, e que hoje ainda dizem se formos a ver os livros para miúdos, claro que eu não lia só os livros para miúdos, andava a ler a enciclopédia, fui dar com o relatório 15, eu com 14 anos andava a ler tudo o que havia sobre sexualidade, tudo aquilo a que eu conseguia por a mãozinha em cima, mas na grande maioria dos livros a mensagem é que havia uma fase normal de confusão na adolescência. Dúvidas, experiências e depois a coisa normaliza. Portanto eu fiquei muito tranquila na altura a pensar “ei porreiro é só uma fase não há problema nenhum, é como um dente que está a crescer e dói um bocadinho quando está a crescer, vai passar.” Não passou, não passou e ao não passar eu de facto aceitei sem grandes problemas. A partir do momento em que tive acesso à informação percebi que isto era uma coisa normal, que fazia parte da experiência humana, que fazia parte desta enorme riqueza e diversidade que é o mundo, que é a sexualidade e que são muitos dos aspetos que fazem a humanidade. Ainda que não fosse normal em termos majoritários, em termos estatísticos, era uma coisa normal ao longo da história da humanidade em todas as culturas, então isto nunca me trouxe grandes problemas. Eu nunca quis deixar de ser lésbica, eu nunca quis tomar um comprimido para que desaparecesse. Sempre percebi que isto era uma característica minha como ter cabelo castanho era e que eu tinha que lidar com isso e aceitar isso, tendo a perfeita consciência que a sociedade não via isto da mesma maneira e de que, principalmente as pessoas que estavam mais perto de mim, se iriam encarregar de esclarecer que eu sofreria, que teria problemas.

Eu também vivi na invisibilidade, eu também pactuei com este sistema. O meu primeiro beijo foi dado numa casa de banho do liceu de Castelo Branco, o meu primeiro orgasmo como mulher foi dado na casa de banho do liceu de Castelo Branco. Muitas poucas pessoas sabiam da primeira relação, se andávamos de mão dada na rua às vezes era porque o olhar dos outros não via duas lésbicas, via duas miúdas da escola que andavam de mão dada na rua. Portanto, mas dificultou a minha identificação, este silêncio que vivíamos na cultura da altura. Dificultou o processo de construção de uma

identidade positiva, havia muito pouca informação.

Eu lembro-me de ser capaz de comprar uma revista, um livro ou um jornal por alguém me contar que havia por lá uma lésbica. Eu lembro-me da dificuldade que era em encontrar um filme em que o assunto fosse referido, mesmo que terminasse com um “despenhamento” num penhasco. Ainda há dias estava a dizer à minha filha que tem 17 anos o quão revolucionário e libertador é ver um filme de natal lamechas com um casal gay.

J: AH! Sim sem dúvida!

F: E ela diz-me assim: “Gays? Então e um casal de lésbicas?”. E eu disse-lhe “oh querida tens razão mas ainda não chegámos aí”, a possibilidade masculina sobrepõe-se. Para ela isto é normal não é, é normal eu perguntar-lhe se aquele amigo dela namora e ela me dizer ele tem uma relação com um fulano não sei o quê. Pronto, porque? Porque para ela tendo a família que tem e também o ambiente em que está, ligado às artes, para ela é normal. Eu vejo saltos gigantescos comparados com o que aconteceu comigo.

J: Pois é. Eu confesso que não sou muito mais velho, tenho 24, mas vejo uma diferença entre o que aconteceu comigo e o que acontece com os miúdos que andam na secundária agora. A forma como eles falam entre eles sobre sexualidade versus a forma como nós falávamos sobre isto na minha altura já é muito diferente. Mesmo o que estavas a referir sobre questões de representação, pessoalmente foi um struggle encontrar fosse o que fosse. Eu não fui a bibliotecas, o meu material veio tudo de um computador mas era tudo em inglês, nunca encontrava nada que fosse relativo ao cenário português. Uma das minhas motivações para fazer este trabalho é que sinto que a construção da minha identidade enquanto LGBTQ em Portugal está sempre muito dependente do que vem de fora, nunca encontrei grandes referências no cenário português. Mas eles estão cá! O problema é que continua a ser o mesmo, continua a ser algo que não é falado o suficiente e que continua a não passar o suficiente, ainda há muitos bloqueios entre nós e a nossa história.

F: Para falar de bloqueios e de história, eu sou professora. A questão das escolas é muito importante. Um grande trauma que nos ficou do Estado Novo foi o afastamento da política. “A minha política é o trabalho!!!”. “Não te metas em chatices, olha que vais ter problemas!!!” A política ainda é muito vista como um aproveitamento, “eles querem é tachos, querem lá eles saber”, ou então de uma lógica de que vais ter chatices ou problemas se te envolveres, vai ter consequências. Esta ausência de uma cidadania ativa

e interventiva. Em 1996, eu e mais três mulheres criamos em Aveiro uma associação chamada Clube Safo. Esta associação ainda hoje é a única associação exclusivamente lésbica.

J: De todo o país?

F: De todo o país. Já estive moribunda durante uns anos, agora retomou a atividade. Para tu veres o nível de inércia social que temos. Isto não acontece apenas devido ao Estado Novo, em que qualquer atividade não apoiada pelo estado podia dar prisão, mas acontece também pelos medos que o Estado Novo deixou nas escolas, nomeadamente nos currículos. Basta ver a dificuldade gigantesca que as escolas têm em abordar assuntos relacionados com cidadania, e não estou a falar só em questões sexuais.

J: É geral mesmo.

F: Em questões políticas, questões relacionadas com a organização do estado. É completamente inaceitável que um miúdo saia do nono ano a saber resolver equações de segundo grau, a saber perfeitamente a diferença entre um cesto de dois e um cesto de três no basket, mas não consiga dizer um partido de esquerda e um partido de direita.

J: Exato.

F: Que não consiga perceber a diferença entre direita e esquerda, que não consiga dizer como é que se forma o governo. Isto são coisas básicas da arquitetura europeia e não acontece por acaso. Isto é uma herança desse fascismo, dessa cultura cinzenta de medo e que em muitos aspectos ainda não fomos verdadeiramente capazes de alterar. É mais fácil mudar a constituição e fazer umas leis progressistas do que de facto alterar a estrutura social, subjacente.

J: Exato. Relativamente ao Clube Safo, qual foi a origem? O que vos motivou a criarem essa associação?

F: Eheheh. Essa associação nasce quando dois casais se cruzam em Aveiro. Eu fazia parte de um desses casais, estava a estudar na universidade de Aveiro, e já conhecia o passado, o pouco que havia, lésbico em Portugal. A Lilás e antes da Lilás a Morgana. Vai sair agora um texto que eu recomendo na Gentopia, uma revista, vai sair uma cronologia do ativismo LGBT e eu dei-lhes uma entrevista na qual referi alguns destes aspetos. O Clube Safo nasce quando estas quatro mulheres se juntam em mulher e simplesmente

dizem que não há nada, não há nada feito. Não há nada para mulheres lésbicas, não há nada que reflita, não há nada que junte, não há nada que mobilize, e o pouco que há é em Lisboa. Nós estávamos em Aveiro. Alguém disse “então e de fizemos nós?”. Nós nascemos para juntar as mulheres, para quebrar o silêncio e para criar uma identidade positiva. O objetivo era esse, nós precisávamos desse processo e resolvemos agir de forma colectiva. Não tínhamos nenhuma ligação a partidos, a associações, a movimentos, nada, foi assim uma aventura, fomos nossa total conta e risco.

J: As iniciativas que desenvolviam como é que funcionavam em termos de fundos? Vocês financiavam-se a vocês mesmas?

F: Nós não tínhamos nenhum tipo de apoio, nem sequer havia a quem pedir apoio na altura. Quando em 2002 nós organizamos as primeiras jornadas lésbicas e queríamos ter um representante institucional não havia ninguém. A comissão para a igualdade no trabalho e no emprego, que já existia na altura, disse-nos “não isso não faz parte da nossa área de competência”. Não tínhamos ninguém. Conseguimos um elemento do IPDJ porque ligamos isto às questões dos jovens. Não tínhamos o apoio de ninguém. Nós criamos uma estrutura e tínhamos sócias, as sócias pagavam uma cota anual. É fácil de perceber que isto era tudo feito com muita carolice, muita boa vontade e muitas vezes saía do nosso bolso. Era o nosso dinheiro que pagava o selo, a fotocópia, o alojamento da página. Às vezes pedíamos, lembro-me que uma vez precisávamos de comprar uma impressora e nós não tínhamos dinheiro. Falamos uma fulana do clube que sabíamos que tinha uma situação económica mais favorável e ela doou-nos 100 contos.

Pronto, era tudo muito informal, muito baseado em relações pessoais e em trabalho voluntário, tanto que a associação esteve muitos anos sem estar legalizada. Nós começamos a trabalhar em 96 mas formalmente só nos legalizamos em 2002. No início se nós chegássemos ao pé de umas mulheres e lhes disséssemos “olha queremos legalizar esta associação, mete aqui a tua assinatura neste documento que diz que é uma associação lésbica” nós não teríamos ninguém que assinasse esse documento. Tivemos que criar uma comunidade, uma base que não existia. Mas podes dizer “Ah! Mas houve outras associações que se formaram em 96 ou 97”, formou-se a ILGA por exemplo. Eu conheço quase todas as pessoas que deram a assinatura para a ILGA, ela movia-se no ambiente cosmopolita de Lisboa, a ILGA tinha ligações a pessoas que já tinham ligações a associações e partidos políticos. A ILGA não surgiu do nada.

J: Pelo que eu percebi a ILGA até já teria conexões internacionais.

F: Na altura acho que não teria assim tanto. O nome foi pirateado da International Lesbian and Gay Rights. Algumas das pessoas que estavam na ILGA tinham experiência de vida noutros países e ela nasce muito ligada à questão do HIV. Não me compete a mim dizer-lo e tu certamente irás entrevistar pessoas muito mais conhecedoras nesta realidade do que eu mas a ILGA na prática aparece como um braço gay da Abraço.

J: Pois, alias eu eu li em alguns sítios que o movimento LGBT em Portugal só ganha alguma relevância com a crise do HIV.

F: Exatamente.

J: E que antes teria sido muito muito difícil por o que quer que fosse cá fora. Sentiste um pouco isso? Um apagamento quase total até aos 90?

F: Sim claro. Concorro completamente com isso. Esse silenciamento social e institucional. Estes 50 anos de fascismo deixaram esta sombra de medo. Aquelas declarações do Galvão de Melo não foram inocentes não é?

J: Ah, sim claro.

F: Aquilo foi um balde de água fria à expectativa de meia dúzia de pessoas como o Serzedelo que já se mexiam em determinados círculos e tinham determinadas expectativas. O Safo não vem nada daí, não tem nada a haver com isso. As raízes do Clube Safo estão na Morgana e a Morgana veio de duas fulanas, uma já tinha estado em Inglaterra e a outra tinha vivido em Berlim, que tendo vivido em duas capitais europeias tinham vivido aquilo que foi o feminismo radical dos anos 80 e do início dos anos 90 e que ao virem para Portugal decidem fazer aqui alguma coisa. Mas isto foi invisível, não encontras isto com visibilidade social. Nem a Morgana nem a Lilás foram legais, não estavam registadas. Não tinham anúncios em jornais. Há uma referência no Público à Lilás passados muitos anos mas era uma coisa organizada da maneira possível para as mulheres, porque as lésbicas são mulheres e esse peso em aceder ao espaço público é também uma herança do Estado Novo.

O clube não tinha nenhum tipo de apoios e nem nunca nos passou pela cabeça que certo tipo de apoios pudesse existir.

J: E certamente, na altura, se existissem certamente seriam impossíveis de aceder na mesma.

F: Era, era. Não havia parceiros institucionais, não havia quem do lado do governo, do estado, tivesse alguma coisa a dizer, e foi aí que a questão da SIDA foi tão importante. A SIDA trouxe o assunto para uma questão de saúde pública, veio obrigar os países e os estados a encararem a existência destas pessoas, ainda que fosse associado a um problema de saúde e associando-as a um estigma mas saiu do domínio da invisibilidade e os estados tiveram que lidar com isto.

Como a Abraço queria, e era a associação que tinha mais trabalho nesta área, fazer uma separação entre a questão da SIDA e a questão gay surge a ILGA, pronto, e muito condicionada não é. Quem funda a ILGA...agora ia dizer Gonçalo Dinis mas não tenho a certeza se foi ele.

J: Uhm espera um segundo que consigo ver isso num instante.

F: Ele tava convencido que iria morrer em 2 ou 3 anos, ele não tinha nada a perder, e quer queiramos quer não ele era alguém que tinha uma posição económica privilegiada. É neste contexto que alguém tem coragem de vir a público e dizer “eu sou gay!”.

J: Ai agora não estou a conseguir encontrar...

F: Deixa estar. Uma coisa que eu também gostaria de falar e que não está diretamente associada ao 25 de Abril é o facto de não existirem marchas em Portugal. A primeira marcha só aparece em 2000 e, tenho muito orgulho em dizê-lo, foi num encontro do Clube Safo a ideia, daquilo que era muito evidente mas que ninguém tinha verbalizado, de que nós precisamos de uma marcha em Portugal. Precisamos de um evento que não seja só uma festa à noite, como era o Arraial Pride organizado pela ILGA em colaboração com a Câmara de Lisboa e integrado no programa de festas de Lisboa. Claro que é um evento muito importante, o Clube Safo e outras associações participavam, mas era um ambiente noturno, de diversão, de engate, altamente masculinizado e sem conteúdo político digamos assim. Estávamos na cede daquilo que é hoje e Opus Diversidades, tínhamos esses encontros mensalmente. Cada encontro tinha um tema e nesse encontro o tema era invisibilidade lésbica e alguém diz o evidente, uma das razões da invisibilidade lésbica neste país, para além da falta de cultura, do machismo, da pobreza, de todos estes aspetos não é? É também a falta de uma marcha, existindo uma marcha isso contribuiria para aumentar a visibilidade.

Nos outros países fazia-se marcha há muitos anos muitos muitos anos.

J: As nossas começaram quando?

F: 2000.

J: Pois, tem 20 anos, 21.

F: E nasceu desta iniciativa do Clube Safo que depois propor às outras associações, isto dava outro livro, a realização de uma marcha. Para tu veres, na primeira marcha distribuímos máscaras.

J: Máscaras?

F: Máscaras.

J: Porquê?

F: Porquê? Porquê que levaria alguém a levar uma máscara?

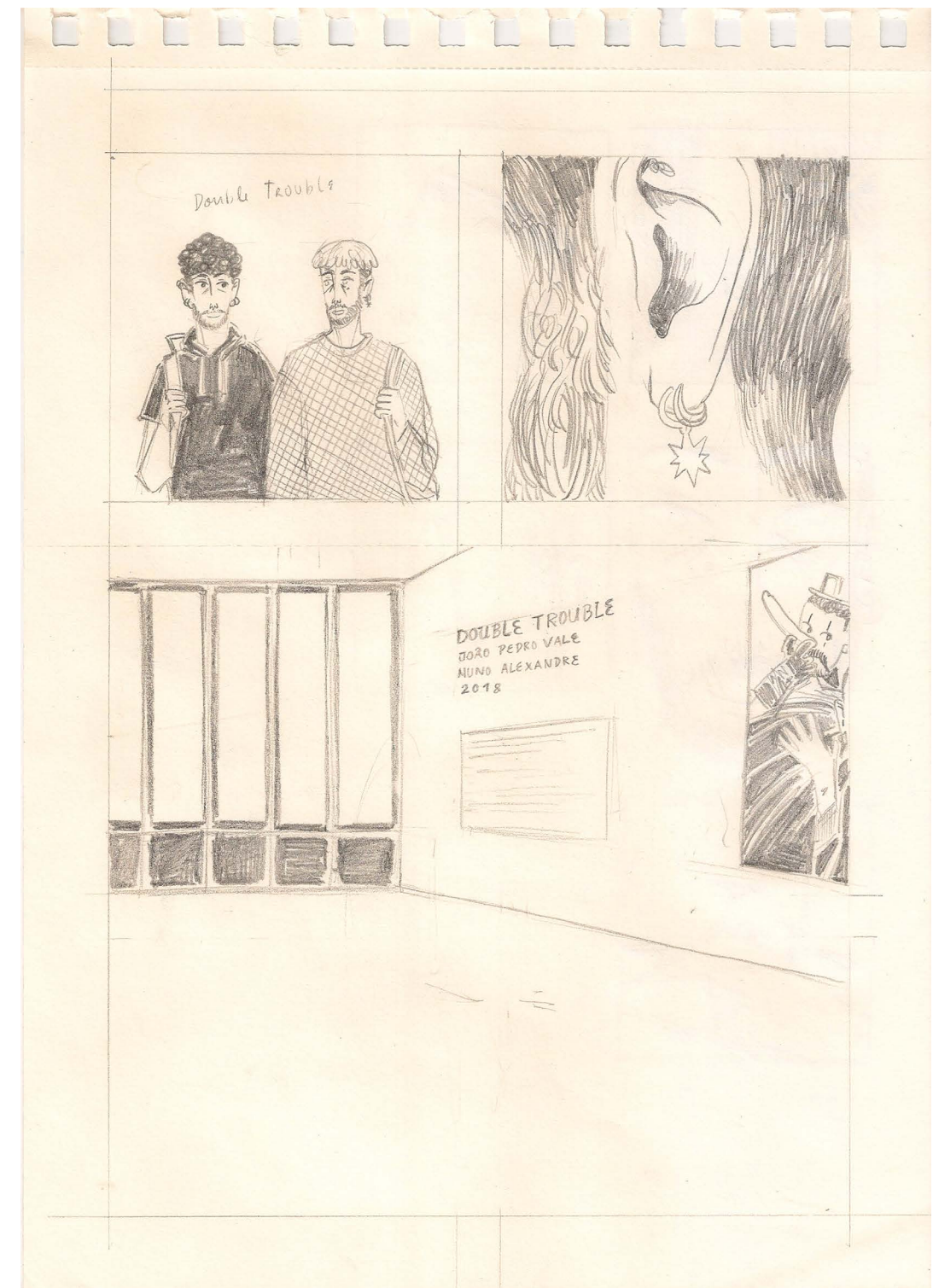
J: Tinha a haver com o HIV? Enquanto um protesto?

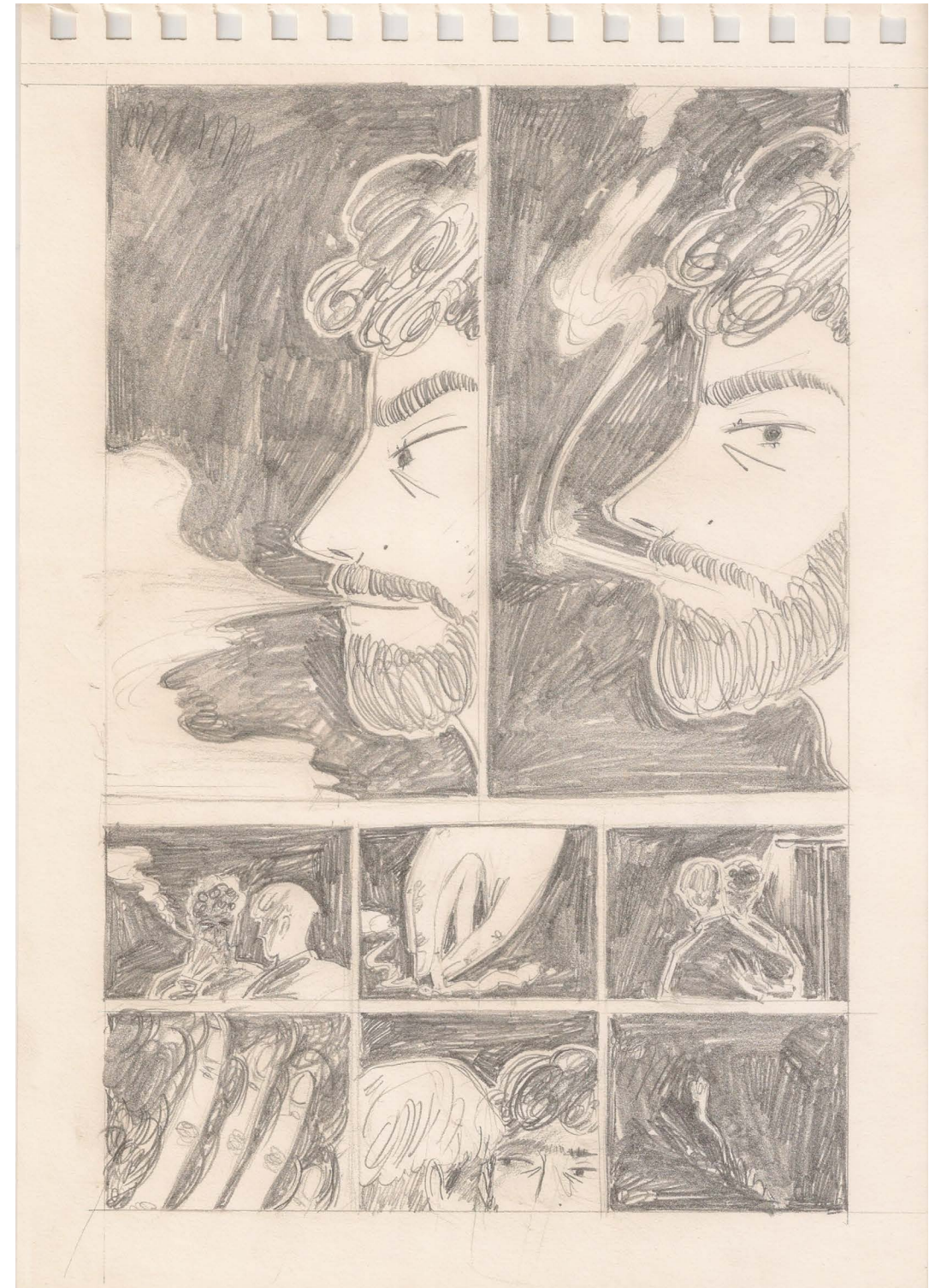
F: Não, tinha a haver com invisibilidade. Tinha a haver com dar a cara, o medo. O slogan era “não temos vergonha”.

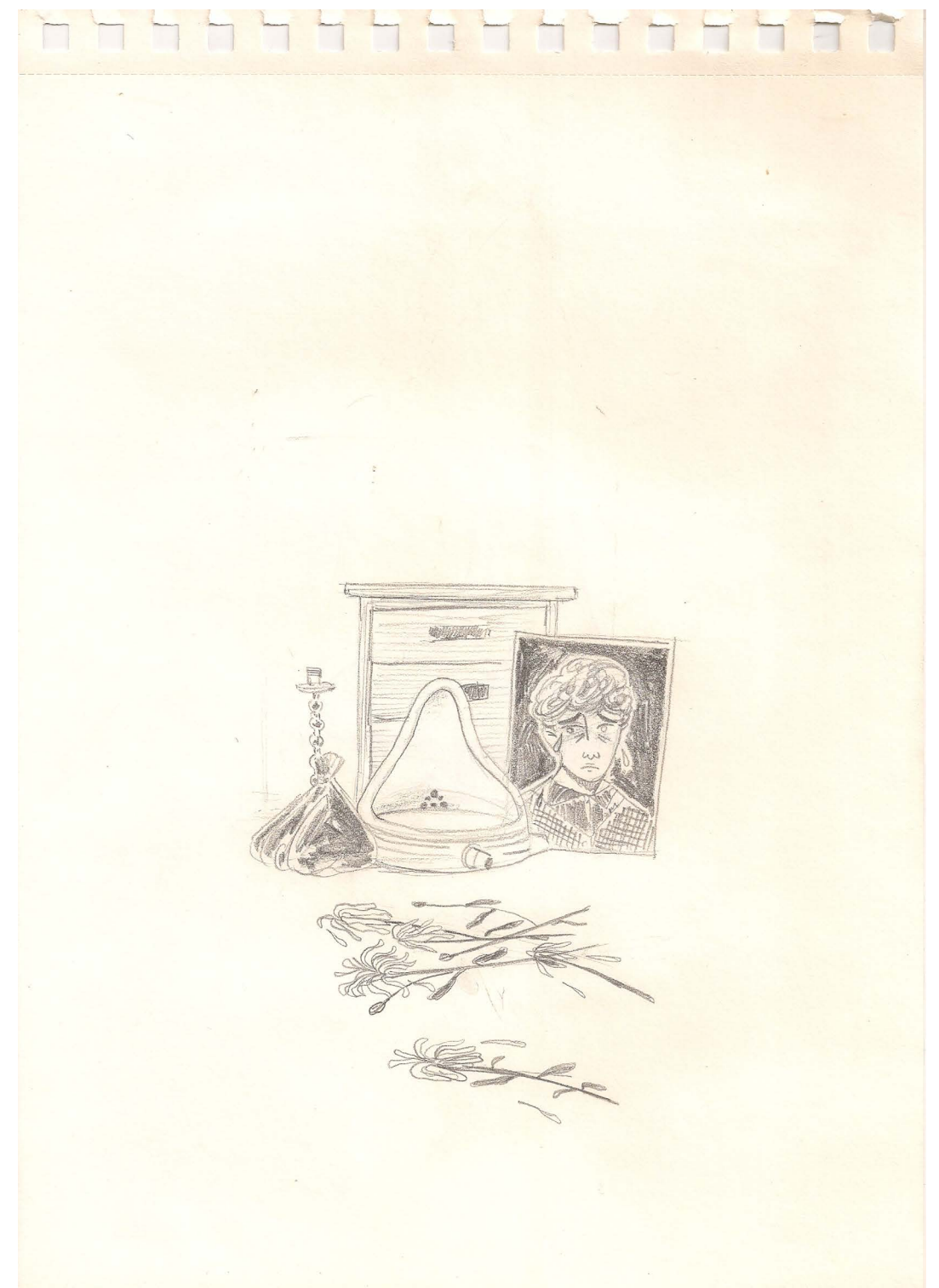
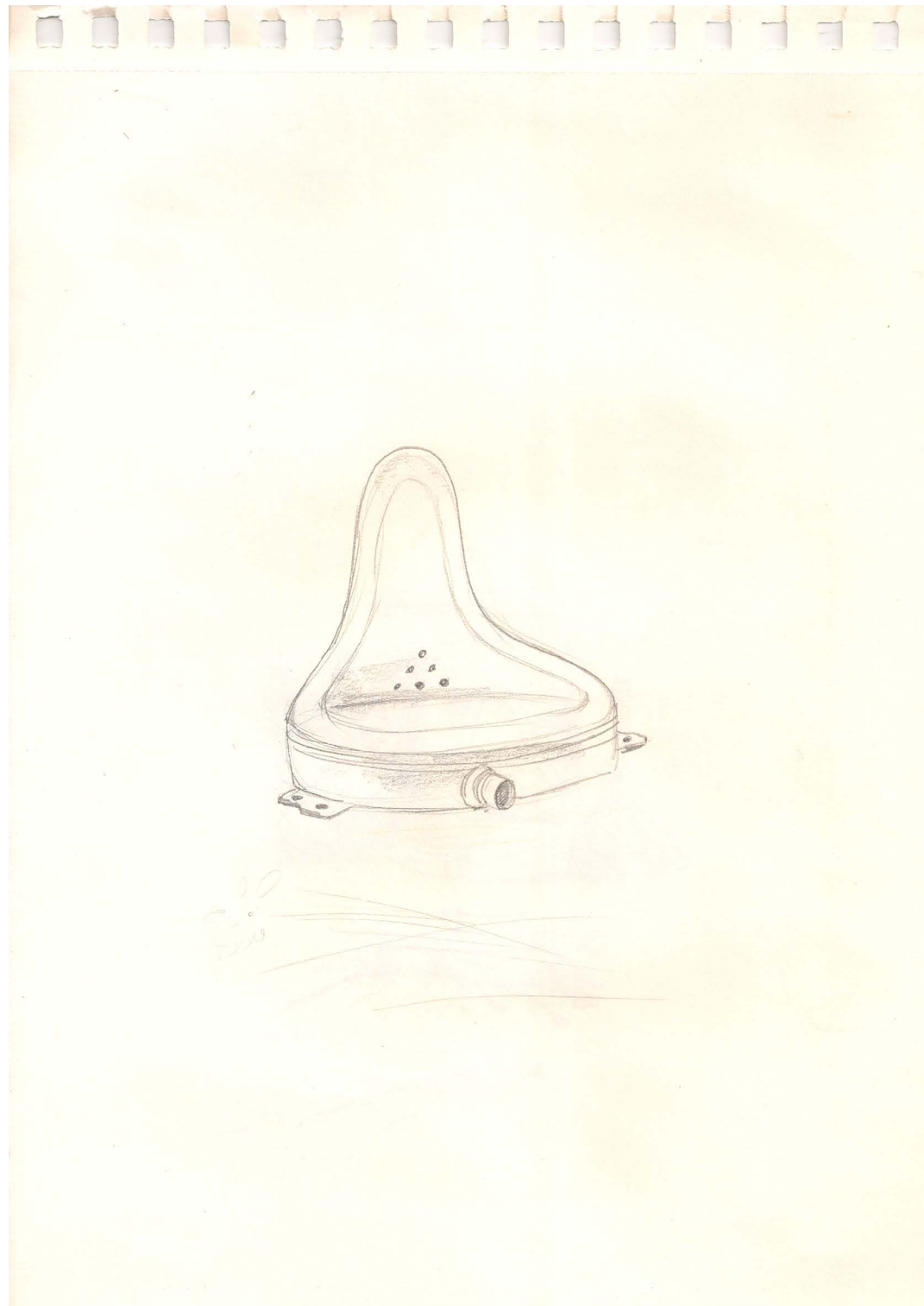
J: Claro...Estava a pensar em todo um contexto de saúde.

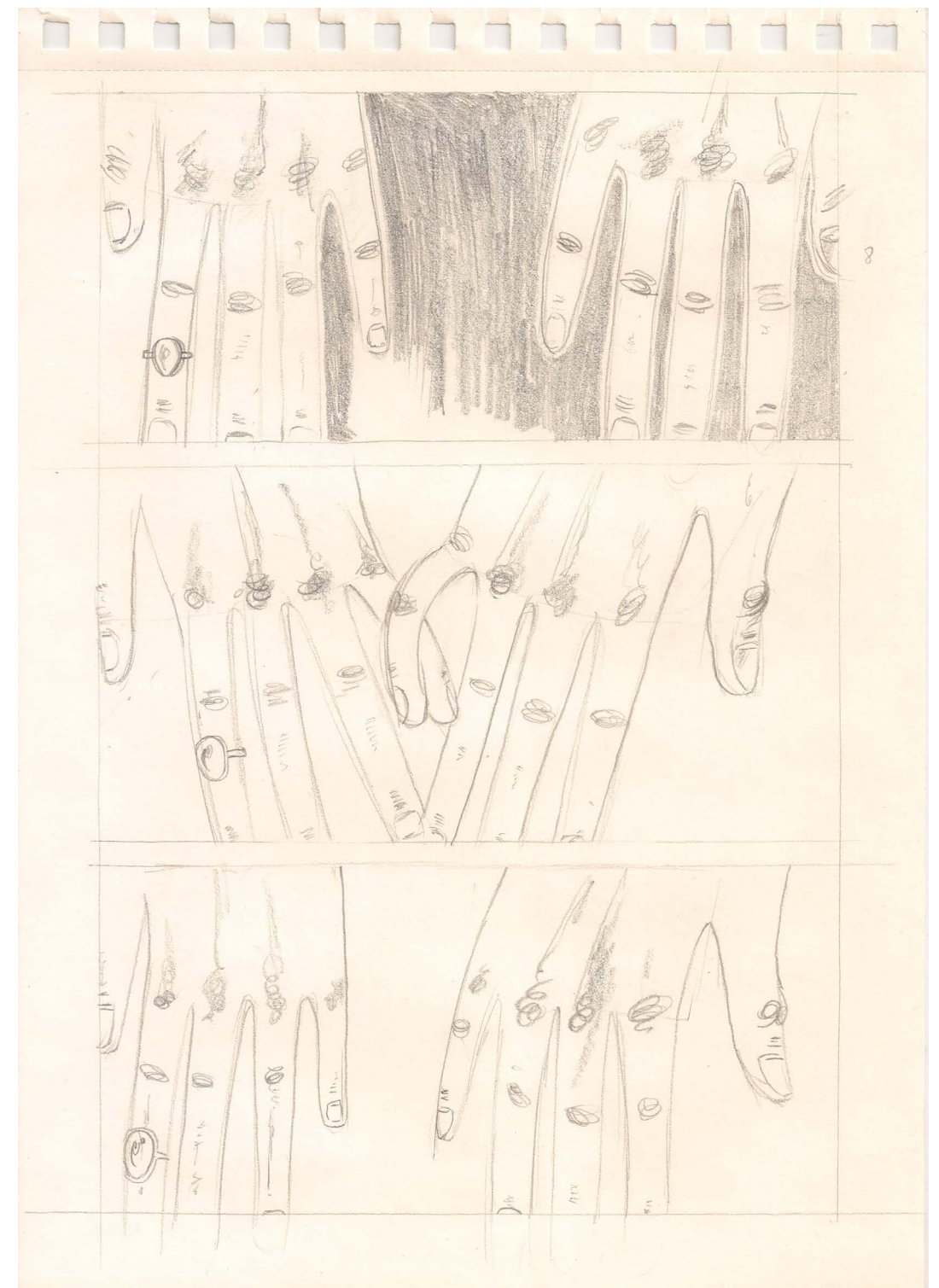
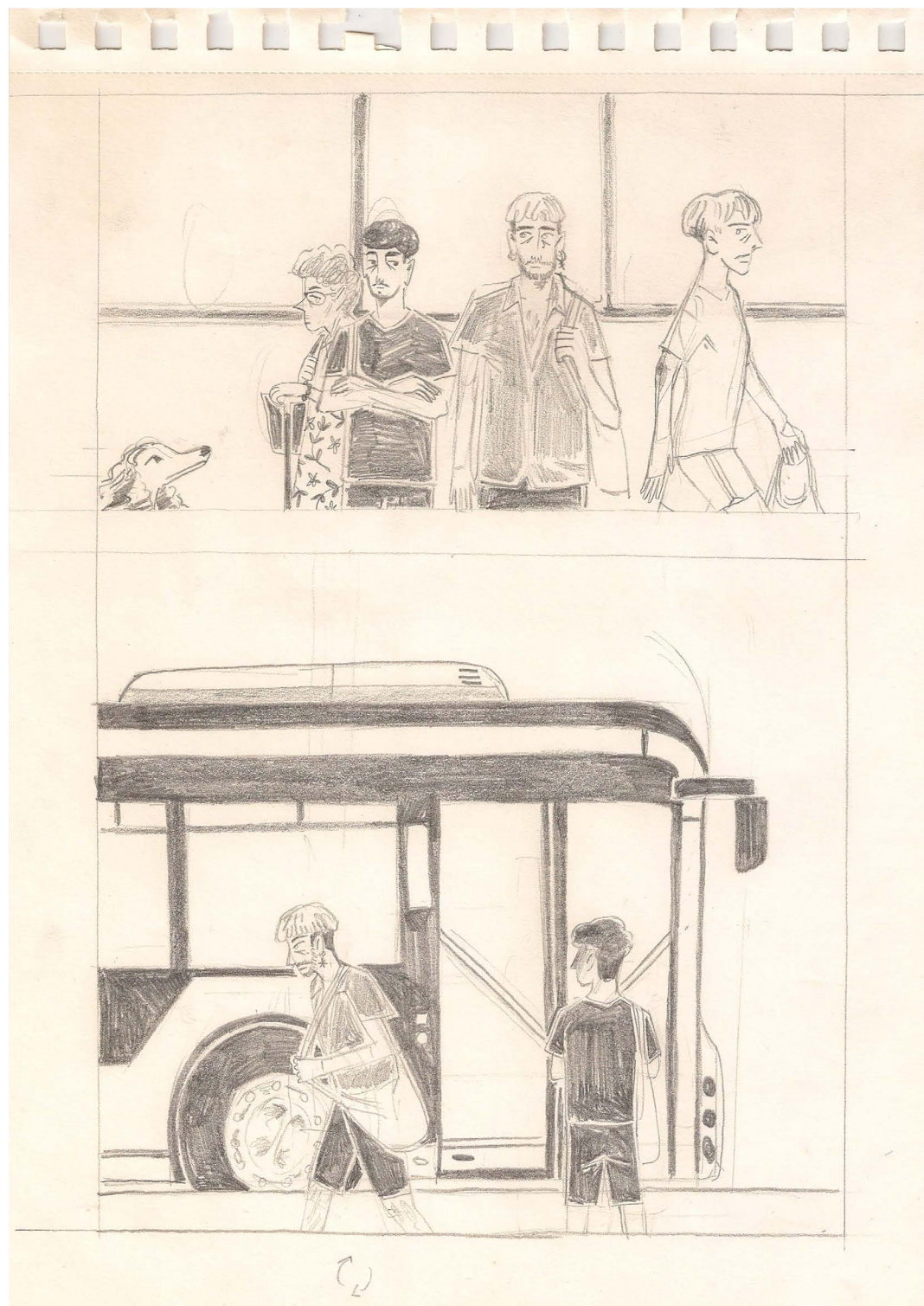
F: Era difícil dar a cara, era difícil assumir, e fazê-lo poderia ter consequências muito graves. Não estou a dizer que hoje não tenha porque continua a ter mas há 20 anos atrás tinha muito mais. Para além disso era também uma metáfora para o silenciamento, para a invisibilização deste assunto. Tínhamos muita dificuldade em que o assunto fosse visto de forma política. As peças que uma pessoa guarda... Lembro-me quando as notícias sobre o movimento em Portugal deixaram de aparecer no sociedade, naquele fim esquisito do telejornal. No público por exemplo, saía no Sociedade. Lembro-me perfeitamente quando passou a aparecer no tópico de política. Termos consciência que isto é uma questão política foi uma revolução.

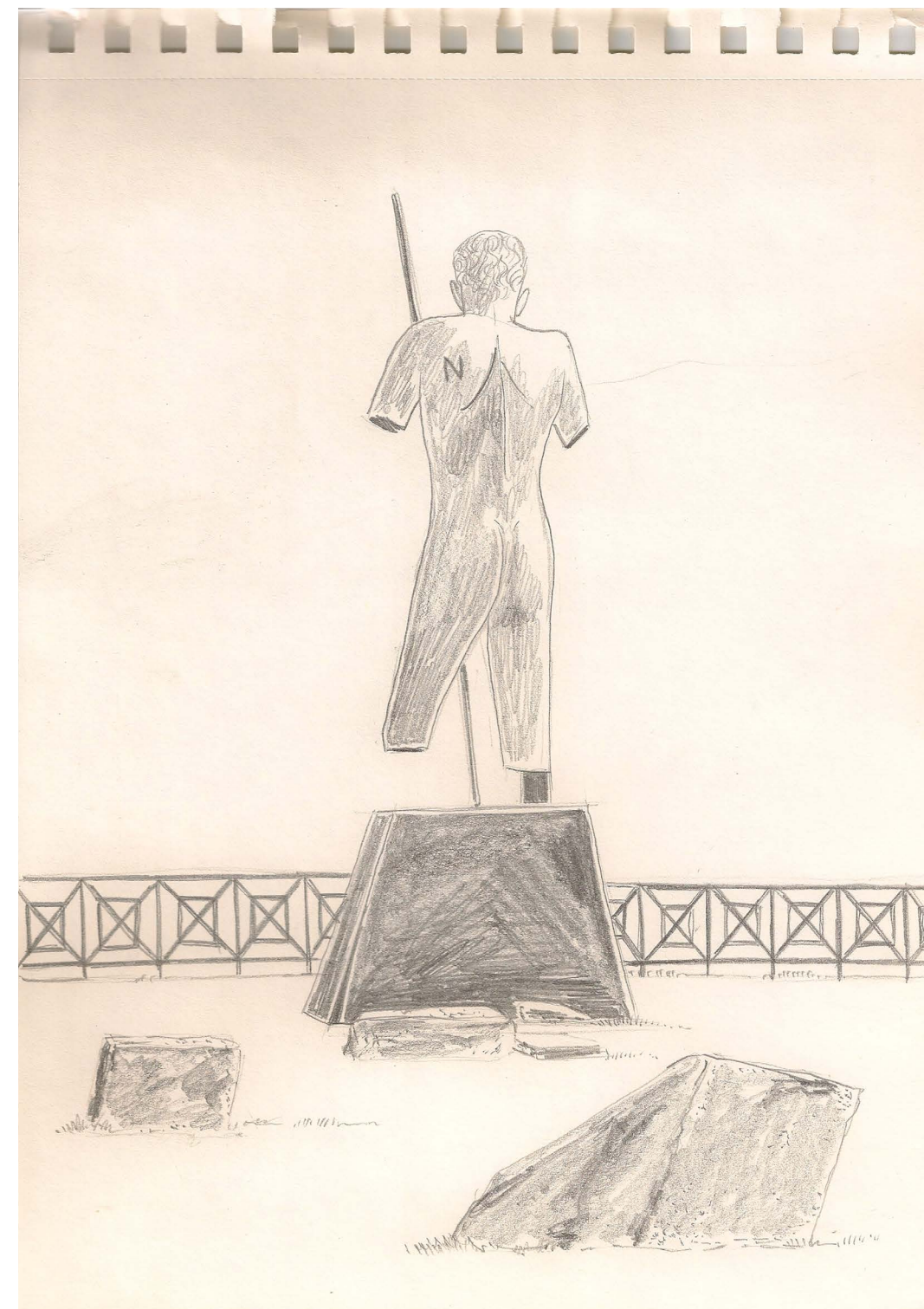
ANEXO III - ORIGINAIS







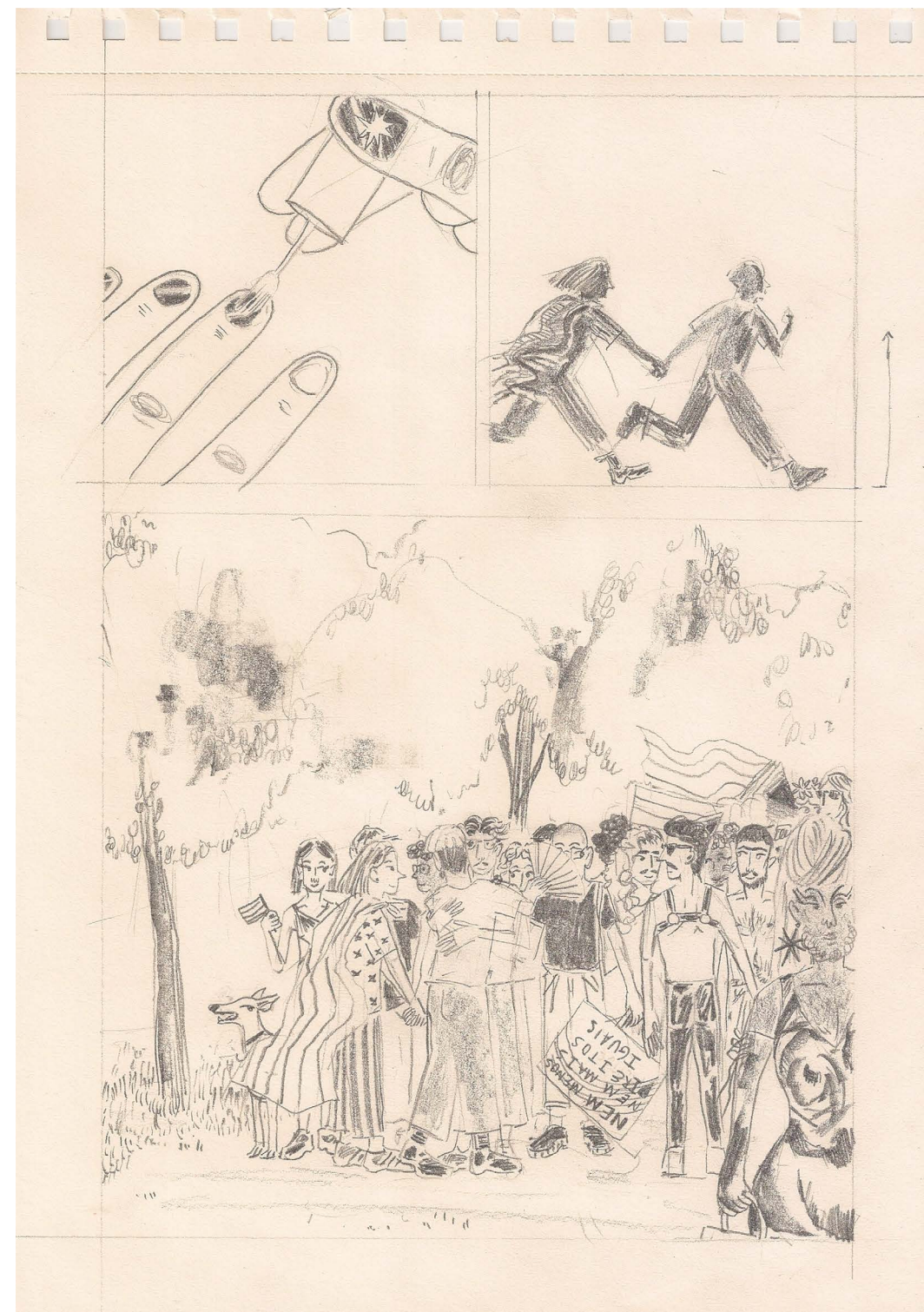


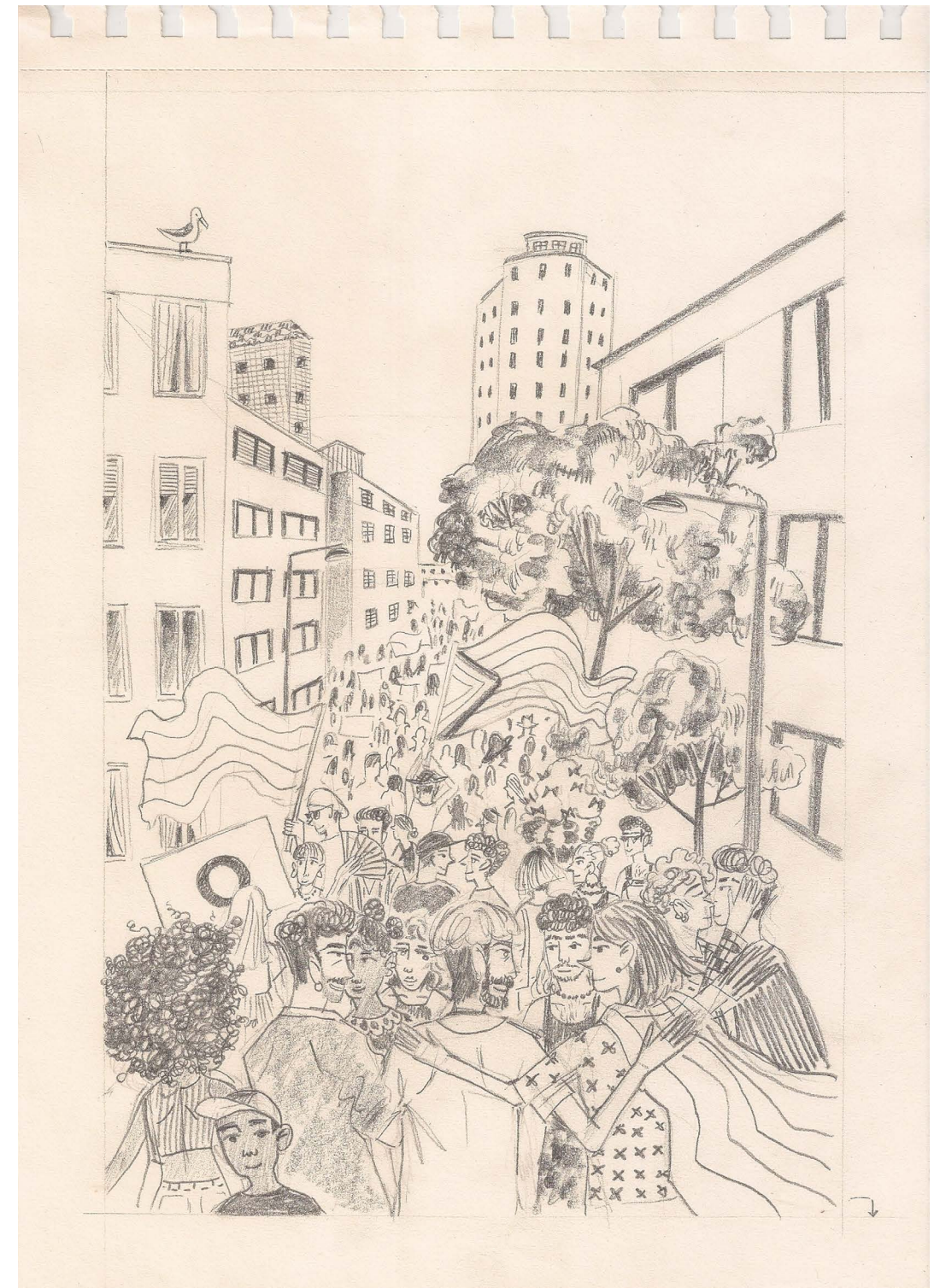






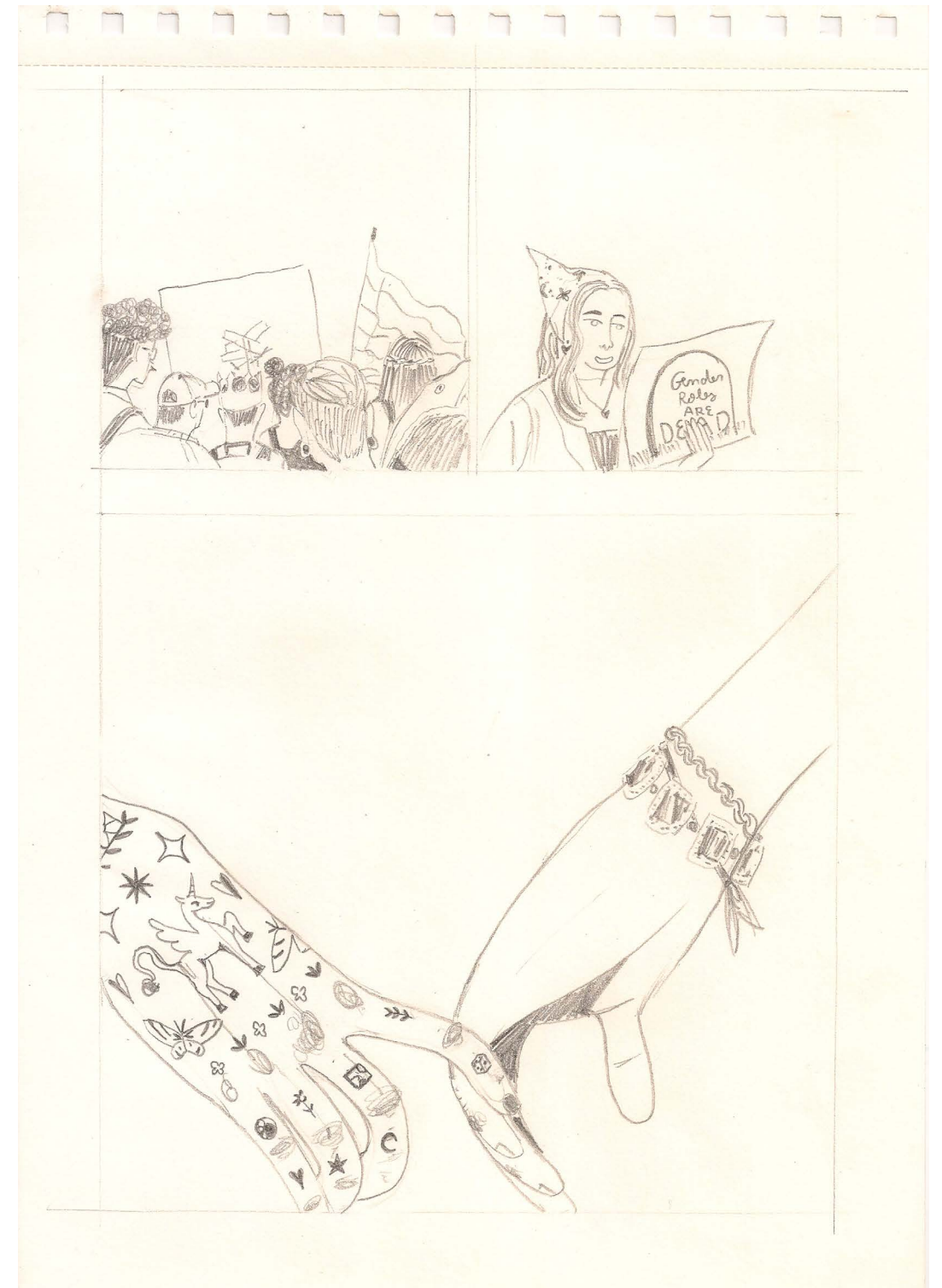
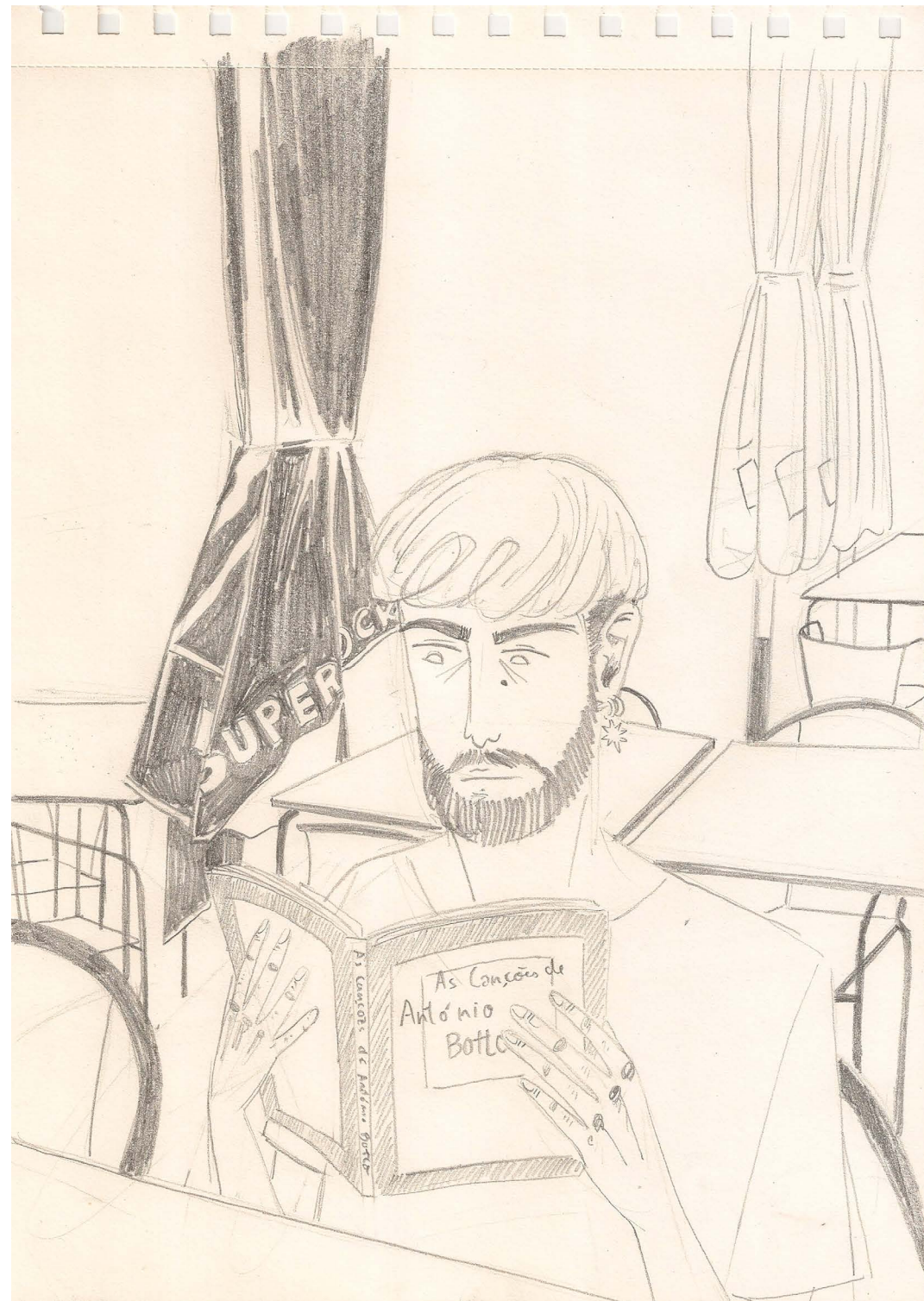
















ANEXO IV
- OUTROS ESBOÇOS





